



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CARLOS EDUARDO ALEXANDRE FRANCISCO

**“SOCIEDAD DE COLOR” NO PRATA: CIDADANIA E INTERLOCUÇÕES
TRANSNACIONAIS NA IMPRENSA NEGRA DE BUENOS AIRES (1876-1882)**

CAMPINAS

2021

CARLOS EDUARDO ALEXANDRE FRANCISCO

**“SOCIEDAD DE COLOR” NO PRATA: CIDADANIA E INTERLOCUÇÕES
TRANSNACIONAIS NA IMPRENSA NEGRA DE BUENOS AIRES (1876-1882)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em História, na área de História Social.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Camargo de Godoi.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO CARLOS EDUARDO ALEXANDRE FRANCISCO, E ORIENTADA PELO PROFESSOR DR. RODRIGO CAMARGO DE GODOI.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

F847s Francisco, Carlos Eduardo Alexandre., 1984-
"Sociedad de color" no Prata : cidadania e interlocuções transnacionais na imprensa negra de Buenos Aires (1876-1882) / Carlos Eduardo Alexandre Francisco. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Rodrigo Camargo de Godoi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imprensa dos negros. 2. Intelectuais negros. 3. Racismo. 4. Cidadania. 5. Argentina - História - Séc. XIX. I. Godoi, Rodrigo Camargo de, 1980-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Sociedad de color" in Prata : citizenship and transnational dialogues in the black press in Buenos Aires (1876-1882)

Palavras-chave em inglês:

African American press

African American intellectuals

Racism

Citizenship

Argentina - History - 19th century

Área de concentração: História Social

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

Rodrigo Camargo de Godoi [Orientador]

Iacy Maia Mata

Stella Maris Scatena Franco Vilardaga

Data de defesa: 22-11-2021

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-7325-620>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3132634018798964>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 22 de novembro de 2021 considerou o candidato Carlos Eduardo Alexandre Francisco aprovado.

Prof. Dr. Rodrigo Camargo de Godoi (orientador)

Profa. Dra. Iacy Maia Mata

Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Vilaradaga

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

A todos os afro-argentinos.

AGRADECIMENTOS

Durante todo o percurso deste estudo muitas pessoas, e algumas instituições, foram nele envolvidas diretamente.

Agradeço ao Fundo de Apoio ao Ensino, à pesquisa e à Extensão - FAEPEX (Bolsa de Mestrado Solicitação n. 2210/19) pela bolsa de estudos que tornou exequível o desenvolvimento da pesquisa desde as primeiras leituras.

Agradeço à meu orientador, o professor Rodrigo Camargo de Godoi, admirável pesquisador, pela crença na minha capacidade de produzir uma dissertação, manifestada desde o início no estímulo à minha escolha do objeto, na dedicação às conversas elucidativas e indicações de leituras a qualquer hora, na verdadeira parceria que deve adornar toda relação entre mestres e aprendizes.

Agradeço as professoras Iacy Maia Mata, da UFBA, e Stella Maris Scatena Franco Vilardaga, da USP pelas valiosas arguições na banca de mestrado, apontando questões que foram importantes para a escrita desta dissertação. Estendo minha gratidão aos professores Aldair Carlos Rodrigues e Matheus Gato de Jesus da UNICAMP e Ana Flávia Magalhães Pinto, da UNB.

Aos professores: Lea Geler, María de Lourdes Ghidolli, Norberto Pablo Cirio e Gustavo Goldman pela receptividade, trocas e diálogos.

Aos professores da graduação: Silvia Siriani, André Oliva Teixeira Mendes, Yara Cristina Gabriel, Andrezza Rodrigues, Edson Violin, Victor Callari, Flávio Luís Rodrigues e Cecília Martinez (Ciça).

A todos os meus familiares. Especialmente ao Marcelo Alexandre e Wagner Luis Alexandre.

À minhas amigas e amigos, Talita Marques, Juliana Marques e família, Leandro (Sono), Ettore, Junior, Iago Vinícius, Cristiane Ribeiro, André Santos Luigi, Ana Paula de Lima, Rui Leon, Thais Sena, Henrique Requena, Claudio Eduardo, Rômulo Batista Correa, Eduardo Oliveira, Renato Emendabili, Fábio Gonçalves, Aline Oliveira, Wolney Martins e sua família.

Agradeço também aos professores e colegas do NEELIM e do CECULT da Unicamp, e os colegas da revista Sankofa – USP.

Por fim, à Silvia Requena, minha companheira, pela enorme paciência ao longa dessa caminhada. E aos meus pais, Doris Claudete Alexandre e Marcelo Francisco Neto. Essas três pessoas sabem o peso que a escolha de uma vida acadêmica tem sobre o nosso futuro.

RESUMO

Esta dissertação analisa a presença de homens e mulheres de ascendência africana frente aos processos de racialização na região do Prata. Com efeito, por intermédio dos jornais da imprensa negra publicados em Buenos Aires entre 1876 e 1882, nomeadamente *La Broma*, *La Juventud* e *La Perla*, a investigação busca entender as relações entrelaçadas entre os intelectuais negros da região, observando como eles construía vínculos de solidariedade por meio de diferentes projetos de cidadania. Neste sentido, procura-se compreender de que modo os atores sociais perceberam as desigualdades e forjaram identidades a partir de experiências compartilhadas tendo como cenário principalmente a Argentina no Pós-Abolição.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa dos negros; Intelectuais negros; Racismo; Cidadania; Argentina – História – Séc. XIX.

ABSTRACT

This thesis analyzes the presence of men and women of African descent in the face of racialization processes in the River Plata region. Indeed, through the black press published in Buenos Aires between 1876 and 1882, namely *La Broma*, *La Juventud* and *La Perla*, the investigation aims to understand the intertwined relationships between black intellectuals in the region, observing how they built bonds of solidarity expressed in different projects of citizenship. Therefore, it seeks to understand how social actors perceived race prejudice and forged identities by shared experiences in Argentina during the Post-Abolition Era.

KEYWORDS: African American Press; African American intellectuals; Racism; Citizenship; Argentina – History – 19th century.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Froilán Plácido Bello.....	33
Figura 2. <i>La Raza Africana</i> , 12 de enero de 1858.....	39
Figura 3. <i>El Proletario</i> , 09 de mayo de 1858.....	39
Figura 4. <i>La Broma</i> , 25 diciembre de 1879.....	42
Figura 5. <i>La Juventud</i> , 30 de dezembro de 1877.....	44
Figura 6. <i>La Perla</i> , 25 de noviembre de 1878.....	47
Figura 7. Retrato de corpo inteiro do marinheiro Julio Cabot.....	51
Figura 8. Capa do Folheto de Santiago Elejalde, 1878.....	53
Figura 9. Reprodução do folheto de Santiago Elejalde no periódico <i>La Broma</i> , 01 de enero de 1880.....	61
Figura 10. Retrato de Ernesto Mendizábal aparecido em seu livro <i>Historia de un crimen</i> 1881.....	66
Figura 11. <i>El Unionista</i> , 23 de diciembre de 1877.....	73
Figura 12. Duas litografias representado o Heroismo del negro Falucho executadas por Juan Blanco de Aguirre, em setembro de 1869.....	76
Figura 13. Ata de instalação da Sociedad de Fomento de la Educacion. <i>La Juventud</i> , fevereiro de 1878.....	79
Figura 14. Lorenzo Barcala.....	86
Figura 15. Casildo G. Thompson.....	99
Figura 16. Retrato de Manuel G. Posadas.....	105
Figura 17. Zenón Rolón.....	117
Figura 18. Zenón Rolón.....	117
Figura 19. Capa do folheto <i>Dos palabras à mis hermanos de casta</i> , publicado por Rolón em junho de 1877 em Florença.....	123
Figura 20. Reprodução do folheto “ <i>Dos palabras à mis hermanos de casta</i> ”. <i>La Juventud</i> , 30 de junho de 1878.....	136

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ARQUIVOS

AGN – Archivo General de la Nación

BNMM – Biblioteca Nacional Mariano Moreno

SIGLAS UTILIZADAS

SEBA – Sociedad de Estímulo de Bellas Artes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. “¿Por qué se llama La Broma?”.....	13
CAPÍTULO 1	
“O UNIVERSO NEGRO DE BUENOS AIRES: trajetórias, impressos, textos e contextos”.	
1.1 Sobre Froilán Plácido Bello.	30
1.2 O surgimento da imprensa negra de Buenos Aires: breves apontamentos.....	34
1.3 <i>La Broma</i> , <i>La Juventud</i> e <i>La Perla</i> : A imprensa dos “homens de cor” nos anos de 1870 e 1880.....	39
1.4 Notas sobre o “hombre del pueblo”.....	49
1.5 O Folheto de Elejalde.....	56
CAPÍTULO 2	
“A SOCIEDAD FOMENTO DE BELLAS ARTES” E OUTROS CENTROS LITERÁRIOS DOS “HOMENS DE COR” DE BUENOS AIRES.	
2.1 Uma comissão, dois projetos.....	71
2.2 Os iniciadores.....	72
2.3 As conferências literárias e científicas, a formação da Sociedad Fomento de Bellas Artes.....	82
2.4 Cambio de Notas.....	89
2.5 “Canto al Africa” – as leituras da poesia de Casildo G. Thompson.....	95
CAPÍTULO 3	
“MOVIMENTO E AGITAÇÃO: ZENÓN ROLÓN E OS DEBATES SOBRE “RAÇA”, EMANCIPAÇÃO NO PÓS-ABOLIÇÃO NA ARGENTINA.	
3.1 Entre o novo e o velho mundo, Zenón Rolón e a mobilidade negra na Europa.....	109
3.2 Das palabras à mis hermanos de castas: O folheto de Rolón.....	119
3.3 A intelectualidade negra e os debates sobre a regeneração da “raça”.....	128
3.4 <i>La Juventud</i> e o antagonismo entre Thompson e Rolón.....	133
3.5 A correspondência.....	138
Considerações finais.....	144
Fontes e referências.....	146
Referências bibliográficas.....	146

Introdução: “¿Por qué se llama La Broma?”

Nossos amigos! Estávamos errados - nosso semanário não é o órgão de nenhum círculo e somos amigos de todo o mundo: nossa comunidade exigia um jornal agradável, interessante e variado; isto é, um semanário como "*La Broma*" - nós entendemos e não fizemos esperar.¹

Na tentativa de responder aos seus leitores sobre o porquê da escolha do título do periódico, os redatores de *La Broma* escreveram uma série de artigos que foram publicados entre os anos de 1878 e 1879. Intitulados “¿Por qué se llama La Broma?”², a leitura da série nos remete à experiência de um grupo de amigos, jovens e “homens de cor”, que tinham como objetivo fundar um periódico satírico e jocoso do que optar por produzir um periódico sério.³ Ao analisar esses artigos, somos conduzidos ao universo da imprensa negra na região do Rio da Prata, especificamente, em Buenos Aires nas últimas três décadas do século XIX.

A empreitada teve seu início no ano de 1870. Naquele período, quando ainda eram jovens – como recordava o narrador da história e recém-aceitos como membros de uma associação que não é nomeada no relato.⁴ Reunidos em conselho, empenharam-se em discutir qual título deveriam dar à folha que seria a porta voz da mocidade. A intenção inicial era fundar um periódico engraçado, divertido, que provocasse risos em seus leitores. Foi decidido batizar o jornal com o título de *La Broma*, nome sugerido por Dionisio Garcia⁵, fundador e diretor da publicação. No mesmo artigo era exposto o objetivo do periódico, ou seja, servir aos diversos círculos de jovens, dando-lhes detalhes sobre bailes, passeios, etc.⁶ Com efeito, *La Broma* apareceu pela primeira vez na véspera do carnaval de 1870; sendo mais preciso,

¹ “Nuestros amigos – no! Nos equivocamos – nuestro semanario no es órgano de ningún círculo y nosotros somos amigos de todo el mundo: Nuestra comunidad reclamaba un periódico ameno, noticioso y variado; es decir, un papelito como “La Broma”- lo comprendimos, y no nos hicimos esperar”. ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 15 de noviembre de 1878. p. 1- 2.

² Em 1882 voltou-se a publicar artigos com esse título. No entanto, para essa introdução nos centraremos apenas nos relatos dos quatro artigos, publicados durante o final de 1878 e início de 1879.

³ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 03 de octubre de 1878. p. 1- 2.

⁴ É possível que se tratasse da Sociedad de Socorros Mutuos “La Fraternal”, fundada por Casildo Thompson, em 1854. O objetivo da sociedade era auxiliar seus membros e também manter o Colégio del Carmen, instituição educativa para crianças negras em Buenos Aires. “La Fraternal” junto com a “Sociedad Protectora Brasileña” eram praticamente as únicas sociedades da época. CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones africanas de Buenos Aires de 1823-1880: Introducción a la sociabilidad de una comunidad marginada*. (Tese), Universidad Nacional de Luján, Departamento de Ciencias Sociales, 1995.

⁵ Não localizei registros biográficos sobre Dionisio Garcia na bibliografia e nos documentos consultados. Contudo, por intermédio da imprensa negra, é possível observar sua ativa participação na comunidade afro-portenha organizando bailes carnavalescos, colaborando com as associações de ajuda mútua e centros literários, em Buenos Aires.

⁶ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 03 de octubre de 1878. p. 1- 2.

no dia 29 de janeiro, circulou seu primeiro e único número daquele ano, voltando a reaparecer muitos anos depois.⁷

Com o *La Broma* fora de circulação, a “sociedade de cor”⁸ possuía um único semanário, dirigido por Modesto Mendieta. *La Crónica*, “um periódico bem escrito, entretanto, mais sério do que engraçado”.⁹ Contudo, em pouco tempo *La Crónica* interrompeu sua publicação, não sendo possível conhecer os reais motivos da suspensão de sua circulação.¹⁰ Passaram-se um ou dois anos, e a “comunidade de cor” ficou sem periódicos que a representasse.¹¹ Surgiu então, o *El Porvenir*, no qual os idealizadores de *La Broma* foram colaboradores.¹² Entre 1873 e 1874, junto a esse jornal, somaram-se outros dois periódicos subsidiados por grupos políticos rivais. *El Artesano*¹³, cujo redator era o conhecido afro-portenho Manuel G. Posadas, que era partidário de Bartolomé Mitre e *La Igualdad*, periódico fundado por Máximo Corvera e Pastor Gutierrez, que optaram pela candidatura de Nicolás Avellaneda.¹⁴

⁷ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 03 de octubre de 1878, p. 1- 2.

⁸ São os termos que eles se identificam nas páginas dos periódicos. Em espanhol: “sociedad del color”, “hombres del color”. Nessa pesquisa traduzi para o idioma português. Exemplo: “sociedade de cor”, “homens de cor”, “comunidade de cor”, “coletividade de cor” etc. Contudo, vale ressaltar que estas formas de identificação também era atribuída externamente aos descendentes de africanos em Buenos Aires, dado que, encontrei nos periódicos consultados frases do tipo: “hombres de color como se nos dice” ou “hombres de color como nos llamam.” Todavia, os afro-portenhos resignificavam esses marcadores raciais, invertendo sua conotação depreciativa para um sentido positivo, assim combatendo à discriminação racial. Ver a análise feita por Lea Geler. GELER, Lea. *Andares Negros Caminos Blancos*. op. cit., p. 57-58.

⁹ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 03 de octubre de 1878, p. 1- 2.

¹⁰ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

¹¹ De acordo com Benedict Anderson o “capitalismo impresso”, foi central para a criação de uma comunidade nacional imaginada no século XIX. Segundo o autor, o jornal e o romance foram elementos que contribuíram para gerar uma experiência de tempo simultaneamente compartilhada por “todos” os habitantes de uma nação. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Para o caso do Uruguai, Alejandro Gortázar informa que o periodismo do final do século XIX, ajudou a ampliar o imaginário comunitário, promovendo debates políticos, divulgando informações para toda sociedade. Dessa forma, os periódicos contribuíram para a construção de uma cidadania com maior base social. Portanto, para Gortázar alguns jornais que integraram a imprensa negra de Montevidéu no final do século XIX possibilitou o acesso à palavra escrita pública modificando a representação desse grupo social específico, a “sociedade de cor” de Montevidéu. Nesse sentido, para o caso de Buenos Aires os semanários que vou analisar nessa pesquisa promoveram a formação de um público particular: os afro-portenhos, preparando-lhes para os novos desafios a cidadania no período que o Estado-nação estava sendo gestado. Ver a análise de Alejandro Gortázar para os periódicos afro-montevideanos. GORTÁZAR, Alejandro. “La Sociedad de color em papel”: La Conservación y El Progresista dos semanarios de los afro-uruguayos. *Revista Iberoamericana*, vol. LXXII, Núm. 214, enero – marzo 2006, 109-123.

¹² ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

¹³ Também intitulado *El Tambor*. Não foi possível encontrar exemplares desse periódico. No entanto, é possível saber de sua existência e atividades, através do periódico que era seu rival, *La Igualdad*. CIRIO, Norberto Pablo. *Tinta negra no gris del ayer: los afroporteños a través de sus periódicos entre 1873 y 1882*. Buenos Aires: Teseo, 2009, p. 29.

¹⁴ GELER, Lea. *Andares negros caminos blancos: afroporteños, estado y nación argentina a fines del siglo XIX*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010.

Num diagnóstico severo sobre a participação dos dois periódicos nas eleições presidenciais de 1874, nas quais concorreram Nicolás Avellaneda e Bartolomé Mitre,¹⁵ o responsável pelo artigo criticou a falta de compromisso dos partidos com os problemas que afligiam a “sociedade de cor” e clamava por um periódico que não fosse refém das facções políticas, pois como recordava o texto escrito no *La Broma*, “nos anos de eleições fazia muita falta um periódico que fosse independente daqueles grupos políticos”¹⁶, “um periódico que não dividiria a comunidade”, pois na opinião do responsável pelo artigo, “durante o período de eleições não houveram bromas e sim sustos”, e a “publicação de dois jornais rivais consequentemente fomentou uma extrema divisão sobre os hermanos de la raza”, recordava o autor do texto.¹⁷ O artigo também não poupava os periodistas afro-portenhos que cooperaram nas campanhas eleitorais e criticava o próprio Dionísio Garcia, fundador e diretor do *La Broma*, “que participou da festa”, conforme ironizava o texto.¹⁸

O comentário feito pelo o responsável do artigo traz um ponto importante, pois expressa que dentro da “sociedade de cor” não existia isenção política. A leitura dos periódicos evidencia que, apesar de seus editores e colaboradores muitas vezes se declararem neutros às organizações de preceitos políticos, a “sociedade de cor” participava de forma ativa na cultura política daqueles anos de formação da República Argentina e, em muitos casos, suas publicações apareciam, durante os períodos eleitorais, sendo financiadas por facções e grupos políticos, indicando que os segmentos negros formavam um eleitorado importante e sua mobilização era significativa para que os políticos da época assegurassem seus votos.¹⁹

Em 1876, quando *La Broma* reapareceu, quatrocentas pessoas assinaram o jornal. No entanto, em pouco tempo, no quinto número, os leitores foram surpreendidos pela interrupção da publicação:

¹⁵ As eleições de 1874 concorriam ao cargo de presidente Nicolás Avellaneda e Bartolomé Mitre. Na República Argentina, a exigência para o direito de voto era ser argentino do sexo masculino e maior de dezessete anos de idade. SABATO, Hilda. *Historia de la Argentina 1852-1890*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

¹⁶ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

¹⁷ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

¹⁸ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

¹⁹ Conforme assinalou Lea Geler, durante os períodos eleitorais na Argentina os “homens de cor” constituíam um grupo susceptível de ser recrutado sendo que a sua importância não era insignificante. A autora frisa que a precária situação econômica de pessoas negras, sobretudo a dos homens, fez com que eles aceitassem as ofertas dos candidatos se engendrando nas campanhas eleitorais em troca de trabalho e dinheiro. Não menos importante é ressaltar que, muitas das vezes, a propaganda política era realizada por meio dos periódicos afro-portenhos. GELER, Lea. *Andares Negros Caminos Blancos*. op. cit., capítulo 12.

Na quinta-feira aguardávamos ansiosamente a chegada de nossa humilde folha! Como de costume, esperamos o número correspondente, esse não veio, por quê? Um indivíduo estranho nos desviou os fundos da empresa, nos privando de cumprir com nossos favorecedores.²⁰

Com o desfalque sofrido, *La Broma* só reapareceria no dia 20 de setembro de 1877. Nesse período, outros periódicos foram surgindo e passaram a gozar de popularidade entre a “sociedade cor” de Buenos Aires. Além de *El Unionista* no qual colaboraram Casildo G. Thompson e Froilán Plácido Bello, circulavam também *El Aspirante* e *Aurora del Plata*.²¹

Os redatores de *La Broma*, no entanto, se esforçavam para manter a circulação do jornal, em meio à série de contratempos que afligiam outros periódicos elaborados pela “sociedade de cor”. O desaparecimento de jornais como *El Aspirante* e *Aurora del Plata* ilustra bem a instabilidade que assolava a imprensa negra de Buenos Aires. Assim, no final do ano de 1877, *La Broma* passava por péssimas condições financeiras, correndo o risco de mais uma vez sair de circulação.

Na noite de 6 de dezembro foi organizado um baile, seguido de uma tertúlia em benefício do semanário *La Broma*.²² Todavia, parece que o dinheiro arrecadado não fora o suficiente. Sendo assim, um grupo pequeno de amigos organizou uma comissão para juntar o dinheiro que faltava à continuação do jornal. Para manter *La Broma* em circulação, a ajuda de alguns membros da “sociedade de cor” fora indispensável. Em 28 de fevereiro de 1878, realizou-se uma segunda tertúlia na casa do senhor Santiago Elejalde.²³ Organizada pelo “belo sexo”, a tertúlia tinha como objetivo arrecadar fundos para o jornal.²⁴ Essa reunião contou com a presença dos músicos Estanislao Grijera²⁵ e Federico Espinosa.²⁶ A partir daquela

²⁰ “Los jueves se esperaba con ansiedad, la hora que llegase nuestra humilde hoja, - pero oh! llega el cuarto y se esperaba como de costumbre el número correspondiente, -no venía - ¿por qué? – q’ e es un desfalco hecho por individuo extraño a los intereses de la empresa, nos privaba de cumplir con nuestro favorecedores”. ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

²¹ Nos arquivos consultados, não foram encontrados números do periódico *Aurora del Plata*. *El Unionista*, existem 7 números publicados no ano 1877 e *El Aspirante*, 3 números publicados no ano 1882. Nesta pesquisa analiso alguns números desses dois últimos periódicos, especificamente no segundo e terceiro capítulo.

²² ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 31 de octubre de 1878, p. 1- 2.

²³ Foi um dos envolvidos na elaboração da “Sociedad Fomento de Bellas Artes”, sociedade afro-portenha que tinha como objetivo promover conferências literárias e científicas.

²⁴ ¿Por qué se llama La Broma? *La Broma*, 17 de octubre de 1878, p. 1- 2.

²⁵ Músico, organista da Igreja da Concepción e pai de Raul Grijera, mais conhecido como el negro Raúl. ALBERTO, Paulina L. El Negro Raúl: Lives and Afterlives of an Afro-Argentine Celebrity, 1886 to the Present. *Hispanic American Historical Review*, n. 96 (4) p. 669-710, 2016.

²⁶ Federico Espinosa foi um músico e compositor de destaque entre os afro-portenhos.

ajuda, a comunidade deveria aguardar o reaparecimento de *La Broma* que, de fato, voltou a circular. Não sem interrupções até 1885.²⁷

A história da publicação do jornal *La Broma* insere-se no panorama mais amplo da história da imprensa na Argentina. Para uma maior assimilação da magnitude da cultura impressa naquele país no século XIX, existe uma vasta bibliografia com a qual dialogaremos no decorrer desta pesquisa.²⁸ Por hora, vale ressaltar que as principais referências historiográficas a respeito da história do periodismo no país quase não mencionam em seus estudos a existência de uma imprensa negra. Apesar disso, os relatos deixados por pessoas negras que se apropriaram da imprensa como forma de propagação de suas ideias possuem uma infinidade de especificidades a serem analisadas. Essa imprensa produzida por “homens de cor” de Buenos Aires é um registro deixado sobre sua história e o contexto em que estavam inseridos, esses jornais são cheios de intencionalidade e de escolhas que serão problematizadas ao longo desse estudo.

Em Buenos Aires, os primeiros periódicos surgiram antes da independência.²⁹ Em 1810, havia na cidade 6 periódicos e durante o governo de Juan Manuel de Rosas, de 1829 a 1832 e 1835 a 1840,³⁰ esse número saltou para 100 publicações. A década 1870 representou um ponto de inflexão na história da imprensa portenha. Nesse período, ocorreu uma ebulição de revistas e jornais políticos, apolíticos, humorísticos, ilustrados, burlescos, artísticos, científicos, filosóficos entre muitos outros temas. Não por acaso, nos dados do censo municipal de Buenos Aires de 1887, foram registrados 1.211 tipógrafos trabalhando na cidade.³¹

Como vimos no caso do *La Broma*, a comunidade de ascendência africana de Buenos Aires não esteve imune à febre dos periódicos. Concentrados em sua maioria nos bairros de San Telmo e Monserrat, na parte sul da cidade, grupos de periodistas, literatos, tipógrafos, militares, músicos, entre trabalhadores engajados em outros ofícios e profissões, todos

²⁷ A maior parte dos periódicos consultados tiveram interrupções por falta de recursos, fator comum em toda imprensa da época.

²⁸ Para maiores entendimentos sobre essa questão, veja a crítica feita por Cesar Diaz. DÍAZ, César Luis. (1998), “Los negros porteños también hicieron periodismo”, en *Revista de Historia Bonaerense* nº 16, Morón, Instituto Histórico del Partido de Morón, p. 13-15.

²⁹ QUESADA, Ernesto. “El periodismo argentino (1877 – 1883)”, en *Nueva Revista de Buenos Aires*, año 3, tomo 9, p. 72 - 101.

³⁰ Político e militar argentino governou por décadas a província de Buenos Aires.

³¹ GELER, Lea. ¿“Otros” argentinos? Afrodescendientes porteños y la construcción de la nación argentina entre 1873 y 1882. Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona. 2008, p. 95: <http://www.tdx.cat/TDX-0915108-114404/>

“homens de cor” fundaram jornais e organizaram associações que se tornaram veículo de articulação política. Esses jornais foram escritos, compostos e impressos por pessoas negras e eram lidos por elas.³² Com efeito, os marcadores raciais eram temas constantemente debatidos em suas páginas.³³ Por outro lado, o florescimento da imprensa elaborada pela “sociedade de cor” em Buenos Aires desafia a narrativa do suposto desaparecimento das pessoas negras na Argentina.³⁴

Boa parte dos estudos sobre os africanos e de seus descendentes na América Espanhola destacam uma presença significativa de pessoas negras nos territórios que atualmente compõem a República Argentina no século XVIII e o suposto desaparecimento desses homens e mulheres já na segunda metade do século XIX. Data de 1534 a primeira regulamentação da coroa espanhola autorizando o tráfico de africanos escravizados para aquele território. Ainda que o sistema escravista na região do Rio da Prata não tenha adquirido as dimensões econômicas e demográficas semelhantes a outras regiões do continente, a presença desse sistema às margens sul do Prata era significativa.³⁵

³² Vale ressaltar que esses jornais também buscavam atingir outros grupos de leitores. A leitura dos editoriais evidencia inúmeros textos elaborados por afro-portenhos cujo a mensagem é direcionada para pessoas que não integravam “comunidade de cor”. Ex: em marzo de 1878 *La Juventud* publicou uma carta direcionada ao chefe de polícia e outras autoridades denunciando um abuso policial contra um “jovem de cor”. Consultar: Al Sr gefe de policia, D. Domingo Vejo Bueno *La Juventud*, 03 de marzo de 1878. p. 1.

³³ POTTER, Vilma Raskin. *A Reference Guide to Afro-American Publications and Editors, 1827-1946*, Ames, Iowa State University Press, 1993. LEVINE, Robert S. *The Black Press: New Literary and Historical Essays*. 2001. Edited by Todd Vogel.

³⁴ O declínio da população negra foi explicado por quatro fatores: abolição da escravidão; os altos índices de mortalidade e baixas taxas de fertilidade da população negra; a grande quantidade de homens negros mortos durante o período de guerras que prejudicaram a Argentina, entre 1810-1870; a mescla racial. A esses fatores também se inclui a epidemia de febre amarela, que assolou determinados bairros de Buenos Aires durante o ano de 1871. Não obstante, a população negra de Buenos Aires representou 30% da população da cidade, constituindo segundo estimativas, 9.615 indivíduos para o total de 32.558 no período de independência. Em 1838, representava em média 27%, constituindo 14.928 indivíduos negros em uma população de 62.957. Em 1887, os afro-argentinos representavam menos de 2% da população, constituindo 8.005 indivíduos para um total de 433.375. ANDREWS, George Reid. *Los afroargentinos de Buenos Aires*. Buenos Aires: De La Flor, 1989. Capítulos 5-6.

³⁵ Os primeiros escravos foram introduzidos na Região do Rio da Prata em 1534, mas até 1595 apenas cerca de trezentos foram trazidos para o território que se tornaria a cidade de Buenos Aires. Se apoiando nos estudos de Stunder e Andrews, Alex Borucki afirma que entre 1595 e 1680, 22.892 escravos entraram legalmente no porto de Buenos Aires. Contudo, o historiador George Reid Andrews adverte que o valor real era sem dúvida muito maior devido à prática de contrabando no comércio de escravos na região. Durante o século XVIII, com licenças de importação de escravos dado não mais a indivíduos, mas as empresas ligadas ao sistema escravocrata, a introdução de africanos escravizados aumentou. Entre 1700 e 1750, cerca de 14 mil escravos chegaram a Buenos Aires. Como a cidade ainda não precisava deste volume de contingente para força de trabalho, boa parte dos escravizados foram levados para Cuyo, Córdoba, Tucumán, Chile e Potosí. Em 1776 foi fundado o Vice-Reinado do Río da Prata, e Buenos Aires foi nomeada sua capital. Insatisfeito com o desempenho das empresas de tráfico e com a intenção de estimular a prosperidade econômica das colônias, para as quais o trabalho dos escravos era fundamental, em 1791, a coroa espanhola liberou o tráfico de escravizados. Essa medida levou a um aumento na atividade escravista na cidade de Buenos Aires. Alex Borucki observa que após a inauguração do tráfico legal, aumentou-se muito o número de escravizados desembarcados na região do Rio da Prata, entre

No período próximo ao da independência da Argentina, os argentinos descendentes de africanos oscilavam entre 20% e 30% da população de Buenos Aires. Na década de 1830, os negros representavam 27% da população portenha, que em números absolutos representavam 14.928 indivíduos em uma população de 62.957. Nas últimas décadas do século XIX, no entanto, a população do país quadruplicou principalmente em virtude da chegada de imigrantes vindos da Europa. Em 1897, as pessoas negras estavam representadas em menos de 2% da população argentina, o equivalente a 8.005 indivíduos para uma população de 433.375 pessoas.³⁶

Cidade de Buenos Aires. Resultado de oitos censos da cidade 1778-1887.					Quadro	
Ano	Branços	Índios e mestiços	Afro-argentinos	Sem informações étnicas	Total	Porcentagem de Afro-argentinos
1778	16.023	1.104	7.236	0	24.363	29,7%
1806	15.078	347	6.650	3.329	25.404	30,10%
1810	22.793	150	9.615	0	32.558	29,5%
1822	40.616	1.115	13.685	0	55.416	24,7%
1827	34.067	152	8.321	0	42.540	19,5%
1836	42.445	–	14.906	5.684	63.035	26,0%
1838	42.312	–	14.928	5.717	62.957	26,1%
1887	425.370	–	8.005	0	433.375	1,8%

Quadro 1. Elaborado a partir dos censos oficiais analisados pelo historiador George Reid Andrews.

1777 e 1812. O mesmo autor mostra como essa dinâmica levou a um aumento da população escrava na cidade de Buenos Aires. Se entre 1778 a 1810 a população total da cidade cresceu 34%, a quantidade de escravizados triplicou essa proporção. Borucki também indica que o tráfico de escravos do Rio da Prata percorreu dois circuitos diferentes: um costeiro, do Brasil, e outro transatlântico, da África, sendo o primeiro ligeiramente superior ao segundo. Metade desses indivíduos vieram do Rio de Janeiro, um quarto veio da Bahia e o restante chegavam de outras regiões brasileiras. Por isso, entre outros motivos, é difícil determinar a origem e o número de escravos que chegaram em Buenos Aires. Borucki dá um total de pelo menos 60.393 escravos em terras no Rio da Prata durante o período do Vice-Reinado – esses dados não inclui, é claro, os efeitos do contrabando de escravizados ou aqueles que adentraram a Argentina por vias terrestres na fronteira com o sul do Brasil. Se apoiando no estudo clássico de Studer, Borucki apresenta os cálculos elaborados pelo autor em que, um total de 13.072 escravos trazidos durante o período 1742-1806. Destes, 3.979 teriam chegado de África Ocidental; 2.742 do Congo; 4.708, da África Oriental; 114, da África do Sul, e desconhecendo a origem de mais 1.529. Para estes haveria somar outros 12.473, trazidos do Brasil, cuja proveniência é desconhecida. A maioria dos escravos trazidos do Rio de Janeiro, vieram de Luanda e Benguela, e da Bahia. BORUCKI. Alex. “Las rutas brasileñas del tráfico de esclavos hacia el Río de la Plata, 1777-1812”. *Ponencia presentada en el IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba. 13 al 15 de mayo.

³⁶ *Ibidem*.

Não obstante o impacto demográfico da imigração europeia, as décadas de setenta e oitenta do século XIX foram importantes para a “sociedade de cor” no país, sobretudo em Buenos Aires, cidade na qual estava concentrada a população negra em sua maioria. Neste período, assistimos a uma proliferação de jornais e associações da sociedade “de cor” da capital argentina, o que, reiterando, coloca em xeque determinada narrativa acerca do desaparecimento da população negra no território argentino.

As narrativas do “desaparecimento” dos africanos e seus descendentes na Argentina baseavam-se, por exemplo, na ideia de que no país a pequena população negra engajada nos regimentos de pardos e morenos acabou morrendo nas guerras que assolaram o país no século XIX, principalmente na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). A epidemia de febre amarela que atingiu alguns bairros de Buenos Aires entre 1871 e 1873, também corrobora com a narrativa do desaparecimento. Além disso, a miscigenação teria contribuído para o branqueamento da população.³⁷ Afinal, com as mortes dos homens negros nas guerras, restaram apenas os homens brancos às mulheres negras, contribuindo para o clareamento da pele das crianças e, por conseguinte, a desaparecimento da população negra. Contudo, como nos alerta Alejandro Frigerio, por mais que houvesse uma diminuição da população negra na Argentina, a força da ideia de “desaparecimento” está ligada a razões específicas que fazem parte de um processo de construção nacional iniciado já na primeira metade do século XIX e aprofundado na segunda metade, quando os liberais tomaram o poder.³⁸

Um olhar atento sobre a literatura elaborada pela elite intelectual argentina revela que a suposta desaparecimento dos negros derivou de um discurso étnico que já estava em construção em boa parte do século XIX e início do XX. Essa literatura ajudou na construção do imaginário de uma Argentina branca cuja percepção em relação aos outros grupos étnicos foi sendo apagada e, conseqüentemente, contribuiu para ideia de um país essencialmente caucasiano. A produção literária e ensaística de Domingo Faustino Sarmiento, é um exemplo

³⁷ Uma análise mais detalhada sobre a declinação populacional negra em Buenos Aires pode ser encontrada no livro de George Reid Andrews, *Los Afroargentinos de Buenos Aires*. op. cit., Capítulos 5-6.

³⁸ Diversos autores têm mostrado o racismo imperante nas obras de grandes personalidades argentinas. A exemplo de Sarmiento, também é possível encontrar comentários com conotações racistas nas obras de Alberti, Mitre, Vicente Fidel Lopez, Echeverria, Wilde e tantos outros. HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. América Hispânica branqueia a raça – leis (não) escritas de branqueamento e mestiçagem. In: *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis* [online]. Translated by Arivaldo Santos de Souza and Luciana Carvalho Fonseca. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 31-52. <https://doi.org/10.7476/9788523220150.0004>.

dos comentários que estavam sendo emitidos sobre os negros do período em questão.³⁹ Em *Facundo: civilização e barbárie*, obra mais conhecida de Sarmiento,⁴⁰ o espectro do atraso argentino está centrado na figura do caudilho Juan Facundo Quiroga⁴¹ e seus seguidores: os indígenas, os gaúchos e de forma geral o mundo popular.⁴² No livro *Facundo*, Sarmiento fez a seguinte observação:

A raça negra, agora quase extinta - exceto em Buenos Aires-, abandonou seus zambos e mulatos, habitantes das cidades, ligaram-se ao homem civilizado com o camponês, raça inclinada à civilização, dotada de talento e dos mais belos instintos de progresso.⁴³

O argumento central do livro é que a barbárie no território argentino deveria ser erradicada. Todavia, na visão de Sarmiento, a “raça negra” tinha inclinação para civilização, diferente dos povos indígenas, que para ele não tinham aptidão para o progresso. Contudo, já é possível observar em seu livro o tema do “desaparecimento”. Essa “extinção” mencionada pelo autor dava-se de forma paulatina para o negro que passaria por um processo “civilizatório” estando em contato com pessoas brancas entendidas como mais “evoluídas” em um período em que circulavam as teorias do racionalismo científico. *Facundo* foi escrito em 1845, momento em que a narrativa sobre o desaparecimento das pessoas negras existia de maneira mais minguada, quando comparada com os relatos que surgiram na segunda metade do século, época em que Sarmiento publicou o primeiro tomo de *Conflicto y armonia de las razas en América*, em 1883.⁴⁴

O *Conflicto y armonia de las razas* é um livro com mais de quatrocentas páginas. Sarmiento dedicou menos de cinco delas aos africanos e a seus descendentes residentes na

³⁹ La raza negra, casi extinta ya - excepto en Buenos Aires-, ha desejado sus zambos y mulatos, habitantes de las ciudades, estaban que liga al hombre civilizado con el palurdo, raza inclinada a civilización, dotada de talento y de los más bellos instintos del progreso. Ver también: VAN DIJK, Teun A. Introdução. In: VAN DIJK, Teun A. (Org.) *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 11-24.

⁴⁰ Dos estudos sobre Sarmiento e seu livro *Facundo*, indico o texto de Maria Lígia Prado cujo autora apresenta uma leitura sobre contexto da produção da obra. Ver: PRADO, Maria Lígia Coelho. *A América Latina do Século XIX*. Tramas, Telas e Textos. São Paulo: ESUSC/EDUSP, 1999.

⁴¹ Juan Facundo Quiroga (1788-1835), foi um caudilho argentino, militar, político e defensor do Federalismo na Argentina.

⁴² MARTIN, Gerald. Literatura, Música e a Arte da América Latina, 1870-1930 (Org). BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume IV*. de 1870 a 1930. Edusp. 2002.

⁴³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo ou civilização e barbárie*. Coleção Prosa do Observatório. Cosac Naify, São Paulo, 2010.

⁴⁴ Magdalena Candiotti afirma que o apagamento de africanos e seus descendentes na Argentina ocorreu desde a época da Revolução de maio de 1810. CANDIOTTI, Magdalena. *Una historia de la emancipación negra: Esclavitud y abolición en la Argentina*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires, 2021.

Argentina. Lea Geler ressalta que a pouca relevância que Sarmiento atribui aos africanos e a seus descendentes em seu livro é um sinal que, do ponto de vista do autor, os negros não representavam um “conflito de raças” no país,⁴⁵ para Sarmiento, esses estavam sendo suprimidos da paisagem argentina. Ao abordar sobre a questão da população negra, o autor teceu o seguinte comentário: “...Em Buenos Aires, daqui a vinte anos, será necessário ir ao Brasil para vê-los [os negros] em toda a pureza de sua raça”.⁴⁶ Em suma, a “raça negra” estava desaparecendo de forma física e cultural, uma vez que para Sarmiento os poucos negros que existiam estavam sendo assimilados.⁴⁷

A literatura fundacional da Argentina criou representações, ideias e imagens peculiares sobre o negro e, desse modo, as concepções criadas sobre eles contribuíram para sua invisibilização. Como já mencionado, para o período que concerne essa pesquisa, a proliferação de jornais e associações elaboradas pela “sociedade de cor” rebate essa ideia de inexistência de pessoas negras no país. Ainda que de modo indireto, redatores e colaboradores dos jornais contrariaram as elites intelectuais argentinas questionando de diversas formas a ideia de que civilização e progresso estavam relacionadas apenas àqueles que tinham a cor de sua pele branca, e a imagem de que o negro era inferior foi repetidamente combatida nas páginas desses periódicos; tal contenda exigiu que os intelectuais negros forjassem por meio de seus jornais um novo “homem de cor”, distante de práticas e costumes que lembrassem períodos anteriores – sobretudo os tempos de escravidão.

Os primeiros periódicos de que temos notícias são *La Raza Africana e El Proletario*, este último dirigido por Lucas Fernandez,⁴⁸ ambos publicados em 1858. Em 1864, apareceu

⁴⁵ Para uma análise mais detalhada sobre os discursos que estavam sendo criados sobre os negros nas últimas décadas do século XIX ver Lea Geler. GELER, Lea (2007). “¡Pobres negros!?. Algunos apuntes sobre la desaparición de los negros argentinos”. García Jordán, Pilar (ed.). *Estado, Región y Poder Local en América Latina, siglos XIX-XX. Algunas miradas sobre el estado, el poder y la participación política*. Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, pp. 115-153

⁴⁶ De Buenos Aires, en veinte años más, será preciso ir al Brasil para verlos en toda la pureza de su raza. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonías de razas en América*. pp. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/conflicto-y-armonias-de-razas-en-america--0/>. Último acesso, Julho de 2021.

⁴⁷ Ao se referir sobre os soldados negros, Sarmiento fez o seguinte comentário: “valientes veteranos con la cara negra y la cabeza blanca”. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonías de razas en América*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/conflicto-y-armonias-de-razas-en-america--0/>. Último acesso, Julho de 2021.

⁴⁸ DIAZ, Cesar L. “Los negros portenos, tambien hicieron periodismo”, *Revista de Historia Bonaerense* 16, p. 13-15.

La Igualdad.⁴⁹ Como vimos, em 1870, apareceu um único número de *La Broma*, que ressurgiu em 1876. Também em 1876 apareceu *La Juventud* e, em 1878, *La Perla*, ambos publicados até 1879, esses dois jornais muitas vezes eram rivais de *La Broma*. Para o ano de 1880 temos notícia do surgimento de *La Asociación*.⁵⁰ Em 1881, circulavam *El Obrero*, *El Deber*, *La Protectora*. No ano de 1882, encontramos *La Razón*. Por fim, já em 1884, apareceu a revista *El Eco Artístico*.⁵¹

Com exceção de *La Broma*, que era bissemanal, a maioria desses jornais aparecia somente aos domingos.⁵² Na primeira página, temos o título do jornal, sendo que alguns continham o subtítulo⁵³, ao lado de outras informações, como o nome da direção do jornal, os preços dos números avulsos e para os assinantes que podiam estar em Buenos Aires e outras cidades argentinas, mas também em Montevideu, Uruguai. As páginas seguintes eram distribuídas por seções que continham notícias, literaturas, variedades, avisos, etc. Quase sempre, a quarta e última página era dedicada aos anúncios publicitários. É muito difícil sabermos o número de tiragens e de assinantes, salvo *La Broma*, que, como vimos, contava com mais de quatrocentos subscritores.⁵⁴

É pouco provável que acessemos os modos como esses jornais eram lidos.⁵⁵ Neste ponto, não tem sido muito fácil sequer encontrar dados exatos acerca das taxas de alfabetização entre a população, principalmente a afro-argentina.⁵⁶ Se seguirmos as informações de Ezequiel Gallo, no final da década de 1860, o índice de analfabetismo na Argentina chegava a 77,9 por cento, sendo que para as últimas décadas essa cifra já tinha

⁴⁹ GELER. *Andares Negros Caminos Blancos*. op. cit., p. 389.

⁵⁰ *Idem, Ibidem*, p. 389.

⁵¹ Não há consenso entre os especialistas sobre a quantidade exata de periódicos afro-portenhos que foram publicados, mais adiante apresento uma tabela com os periódicos elaborados por afro-portenhos entre o final do século XIX e início do XX.

⁵² Ainda que usamos o termo semanários, muitas vezes esses jornais passavam semanas sem serem publicados. Consultar: CIRIO, Norberto Pablo. Indización de los periódicos afroporteños (1858 a principios del siglo XX) *Revista Electrónica de Fuentes y Archivos* (REFA) Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segreti” Córdoba (Argentina), año 12, número 12, 2021, pp. 30-70.

⁵³ “*La Juventud*, Periódico semanal”.

⁵⁴ A maior parte desse material está na Sala Tesoro da Biblioteca Nacional na Argentina. Disponíveis on-line em: <http://trapalanda.bn.gov.ar/jspui/handle/123456789/5561> (último acesso em janeiro de 2021).

⁵⁵ Lea Geler apresenta alguns indícios das possíveis formas de leituras desses periódicos. A exemplo a leitura de “ojito” (ler o jornal de forma compartilhada), essa prática era condenada pelos editores, uma vez que para os representantes dos jornais, a prática de compartilhar o periódico diminuía suas vendas. Também sabemos que as leituras poderiam ser feitas em voz alta de um indivíduo para um público mais amplo. Ver *Andares negros caminos blancos...* p. 36. “Formas de lectura, formas de escritura”.

⁵⁶ Jacinto Ventura de Molina, desde o início do século XIX já fazia parte do mundo das letras. ACREE, William G. BORUCKI, Alex. *Jacinto Ventura de Molina y los caminos de la escritura negra en el Río de la Plata*. Montevideo. Librería Linardi y Risso. 2008.

diminuído copiosamente.⁵⁷ No entanto, nestes jornais evidenciamos o que já foi demonstrado por Ana Flavia Magalhães Pinto para o Brasil do século XIX, ou seja, a existência de “um razoável número de negros letrados que assumiam papéis de lideranças”.⁵⁸ A experiência dos periodistas afro-portenhos não foi diferente, era também através de seus jornais que esses intelectuais negros veiculavam suas ideias.⁵⁹

Os periódicos escolhidos para o presente estudo são considerados parte integrante e de destaque do que ficou conhecido como imprensa elaborada pela “sociedade de cor” de Buenos Aires no final do século XIX. Assim, a pesquisa está circunscrita à análise dos periódicos *La Broma*, *La Perla* e *Juventud*, ambos publicados entre 1876 e 1882,⁶⁰ por conseguinte as balizas cronológicas da investigação.⁶¹ Interessa-nos também as trajetórias e a produção literária dos intelectuais negros que encabeçaram esses jornais, fosse como proprietários, redatores ou jornalistas, entre eles Froilán Plácido Bello, Santiago Elejalde, Casildo G. Thompson, Ernesto Mendizábal, Juan Blanco de Aguirre, Manuel G. Posadas e Zenón Rolón. A escolha em apresentar breves trajetórias justifica-se por dois motivos: evidenciar quem foram os personagens envolvidos nos debates e na elaboração de projetos que agraciavam a “sociedade de cor” de Buenos Aires; visibilizar a experiência de sujeitos negros que se destacaram no jornalismo, na literatura, na música e em outras atividades no período em questão - final do século XIX - e acabaram sendo apagados da história da Argentina.

Tem se tornado comum nos estudos sobre a imprensa negra de Buenos Aires tratar a comunidade afro-portenha como uma “comunidade em conflito”. Essa pesquisa se aproxima

⁵⁷ GALLO, Ezequiel. *A Argentina: Sociedade e Política, 1880-1916*. (Org). BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume V*. de 1870 a 1930. Edusp. 2002.

⁵⁸ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra do Brasil no século XIX*. Brasília. Selo Negro, 2010.

⁵⁹ Através do conceito de Gramsci, Lea Geler utiliza a categoria “intelectual subalterno” quando se refere aos letrados negros que lutavam por um espaço na cultura impressa de Buenos Aires. Para essa pesquisa optei por utilizar o termo Intelectual negro baseado na categoria desenvolvida por Cornel West que em um ensaio escrito em 1985 explorou o “dilema do intelectual negro”. Segundo West, entre as diversas razões pelas quais muitos negros escolhem tornar-se intelectuais, a mais comum é a “melhoria política de seu grupo e de outros oprimidos. WEST, Cornel. “The dilemma of the Black Intellectual”. In. *The Cornel West: reader. Basic Civitas Books, 1999*, p. 302-315. (Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza). Consultar: PEREIRA, Paulo Marcos. Intelectuais negros (as) e negros (as) intelectuais: breve reflexão sobre o conceito. *Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa*, v. 1, n. 1, p. 61-72, jan./abr. 2019.

⁶⁰ Em menor escala analiso os periódicos *La Raza Africana*, *El Proletario*, *El Unionista*, *La Luz*, e *El Aspirante*. É importante dizer que os periódicos podem ter circulado por um período mais longo. Há indícios que *La Broma* circulou no ano de 1885.

⁶¹ Vale ressaltar que imprensa negra de Buenos Aires existe desde a década de cinquenta. No entanto, *La Broma*, *La juventud* e *La Perla* que foram publicados nas décadas de sessenta e setenta tornam-se a documentação principal dessa pesquisa.

destas abordagens, uma vez que, é evidente que houveram rivalidades entre os jornais, sendo fácil encontrar inúmeras intrigas em suas páginas. Todavia, nota-se também a elaboração de inúmeros projetos entre os colaboradores de publicações distintas. Assim posto, recorreremos, mais uma vez, às provocações feitas por Ana Flávia Magalhães Pinto, que ao analisar as relações entre literatos negros em cidades distintas do Brasil no final do século XIX, questionou: “em que medida podemos tratar os projetos dos intelectuais negros de forma separada”.⁶² A autora refuta a ideia que por muito ficou assentada na historiografia brasileira, de que os intelectuais negros se engajavam de maneira isolada e excepcional nas questões mais sensíveis das últimas décadas do período oitocentista. Além de contrariar a noção de excepcionalidade negra, a pesquisa de Ana Flávia Magalhães revela que os literatos negros, não apenas colaboravam uns com os outros, como também se preocupavam com os destinos da população negra no Brasil nas últimas décadas do século XIX.⁶³ Para o caso de Buenos Aires, a leitura dos jornais afro-portenhos também revela as formas de circulação e conexão, ou como sugere Ana Flávia: “as redes tecidas pelos intelectuais negros”.⁶⁴ Destacaremos em nossa pesquisa alguns protagonistas, “agentes históricos” que, atuando em grupos, desenvolveram estratégias para conseguir uma cidadania mais inclusiva. Ao se envolverem na produção e circulação de jornais, os intelectuais negros de Buenos Aires, direta ou indiretamente, contrapuseram-se ao preconceito de cor advogando por seus direitos, elaborando projetos de cidadania. Criaram inúmeras associações de caráter distintos, a exemplo da associação de ajuda mútua “La Protectora” que tinha como objetivo dar assistência, principalmente aos associados, e também criaram centros literários e científicos como a Sociedad Fomento de Bellas Artes, cuja finalidade era promover os novos escritores negros.

Ademais, um dos objetivos desta pesquisa é analisar por quais maneiras os articulistas da imprensa negra de Buenos Aires, buscaram encontrar um lugar para o negro na Argentina que se modernizava.⁶⁵ Para isso, adotamos o conceito “modernidades negras”

⁶² PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade*. Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

⁶³ PINTO, 2018. p. 29 et seq.

⁶⁴ PINTO, 2018. p. 29 et seq.

⁶⁵ Depois da queda de Juan Manuel Rosas em 1852, pode-se dizer que Buenos Aires e outras províncias da Argentina passaram por intenso processo de modernização. Entre os vários fatores que a caracterizam essa modernidade estão: as transformações na paisagem urbana; o aumento demográfico com a chegada de imigrantes europeus, conseqüentemente a aceleração do ritmo da urbanização; a integração mais efetiva da Argentina na economia mundial, sobretudo na exportação de produtos primários; às melhorias nos transportes públicos, especialmente a extensão da malha ferroviária; as melhorias nos serviços públicos; e não menos

como categoria de análise. A pesquisa procura se alinhar, portanto, aos estudos do período pós-emancipação que privilegiam as ações de africanos e seus descendentes e suas possíveis respostas aos projetos de cidadania, dos quais eles não se sentiam contemplados em diferentes espaços marcados pela racialização das relações sociais.⁶⁶ Destaca-se neste panorama a contribuição incontornável do sociólogo inglês Paul Gilroy, que além de apresentar em seu livro a formação de um “atlântico negro”, ou seja o circuito comunicativo “onde as pessoas negras dispersas estabeleceram diálogos, efetuaram trocas num espaço de trânsito entre Europa, América, Caribe e África”.⁶⁷ Ainda que a experiência dos afrodescendentes da América do Sul não seja contemplada na pesquisa do autor, o estudo realizado por Gilroy inaugura os debates sobre “modernidades negras” e as reflexões feitas pelo sociólogo ajudam-nos a compreender as formas que as populações da diáspora pensaram sobre a modernidade e seus dissabores.⁶⁸

Em seu livro *Modernidades Negras: A formação racial brasileira (1930-1970)* que foi recentemente publicado, Antônio Sérgio A. Guimarães, entre muitos assuntos tratados em sua coletânea de ensaios, apresenta pontos importantes que poderão ajudar a entender as experiências vividas por pessoas negras em Buenos Aires. Dando maior atenção às “modernidades negras”, que surgem no contexto da diáspora, Antônio Sérgio A. Guimarães argumenta que: “Nas Américas a modernidade negra se inicia, de fato, com a abolição da escravatura no meados do século XIX”.⁶⁹ Nesse sentido, o autor destaca duas formas que a modernidade negra se realiza: a primeira acontece quando a representação dos negros pelos europeus é positivada⁷⁰, a segunda que contribui para os nossos objetivos, é quando o autor afirma que: a “modernidade negra” resulta-se também, a partir do momento que os negros criam uma representação positiva de si. Porquanto, os intelectuais negros de em Buenos Aires forjaram múltiplas identidades, no intento de combater a ideia de inferioridade do negro.

importante a intensificação das diferenças sociais. SCOBIE, James R. O crescimento das Cidades latino-Americanas, 1870-1930. (Org). BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume V. de 1870 a 1930*. Edusp. 2002. p. 251.

⁶⁶ BUTLER, Kim. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998. Ver também: SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil- Uruguai no pós-abolição (1870-1960)* Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

⁶⁷ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.

⁶⁸ Gilroy, 2001 p. 33 et seq.

⁶⁹ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Modernidades negras: A formação racial brasileira (1930-1970)*. Editora 34. São Paulo. 2021.

⁷⁰ Petrônio Domingues contesta esse ponto de vista. Consultar: A modernidade negra. (In) *Diásporas imaginadas*. p. 185.

Essa relação de pessoas negras com a modernidade também foi observada pelo historiador Petrônio Domingues. *Em Diásporas Imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*, livro escrito em coautoria com a historiadora afro-americana Kim D. Butler. Petrônio Domingues se debruçou a investigar os aspectos da modernidade negra no Brasil, sobretudo, àqueles negros que viviam na capital paulista. O historiador tenta inferir como Josephine Baker – famosa multiartista negra estadunidense que se converteu em ícone afro-atlântico – foi retratada seletivamente pelos jornais da imprensa negra na década de 1920. Em suma, por meio da imprensa elaborada por uma fração da população negra da cidade de São Paulo, Petrônio evidencia a posição dos afro-paulistas no marco da modernidade negra transatlântica. O texto de Domingues demonstra como os negros se autorepresentavam modernos e sabiam que o “vento do modernismo era favorável ao legado cultural afro-brasileiro”.⁷¹

Na região do Rio da Prata, Gustavo Goldman pesquisou sobre o aumento da prática associativa realizada pela “sociedade de cor” em Buenos Aires e Montevideú. A partir da década de 1860, as populações negras de ambas as cidades criaram inúmeras organizações de caracteres distintos que incluíam: clubes políticos de apoio a candidatos eleitorais; sociedades de ajuda mútua; organizações que se dedicavam a festejar o carnaval; clubes literários e outros.⁷² No entanto, a rica vida associativa da “coletividade de cor” em ambas as cidades estava estreitamente vinculada a um contexto mais amplo, sendo necessário ter em mente o crescimento econômico, a modernização e a criação de uma sociedade civil, tanto no Uruguai quanto na Argentina.⁷³ Não obstante, ao investigar as instituições modernas criadas pela “comunidade de cor” em Buenos Aires e Montevideú, Gustavo Goldman revela que a proliferação de associações criadas pelos negros está diretamente ligada às barreiras raciais impostas a esses em ambas as cidades.⁷⁴

Ao analisarmos os periódicos publicados em Buenos Aires pretendemos contribuir para os estudos sobre as experiências negras na Argentina, analisando o papel da imprensa elaborada por esses “homens de cor” e seus projetos de cidadania. Assim, a pesquisa analisa como, por intermédio dessa imprensa, “pessoas de cor” atuaram como agentes históricos na

⁷¹ BUTLER, Kim D. DOMINGUES, Petrônio. *Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo. Perspectiva. 2020.

⁷² GOLDMAN, Gustavo. *Negros Modernos: asociacionismo político, mutual y cultural en Rio de la Plata a fines del siglo XIX*. Montevideú: Perro Andaluz Ediciones, 2019.

⁷³ GOLDMAN, 2019 p. 35 et seq.

⁷⁴ GOLDMAN, 2019 p. 35 et seq.

construção de uma identidade positiva das “mulheres e dos homens de cor” nas últimas décadas do século XIX. À medida que a Argentina se modernizava, experimentando intensas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, a vida dos “homens e mulheres de cor”, sobretudo aqueles que residiam na cidade de Buenos Aires, não poderia estar afastada das mudanças que estavam acontecendo em seu país. Os intelectuais negros captavam muito bem as renovações que estavam ocorrendo. Por conseguinte, a insistência de preconceitos raciais fez com que um grupo de intelectuais negros em Buenos Aires criasse e fortalecesse suas instituições sociais e políticas e, deste modo, compreendiam que se associar e fazer parte de uma “cultura impressa”, eram formas de mostrar que a “sociedade de cor” estava inteirada dos debates que atravessavam a Argentina no momento que se construía o Estado-nação.⁷⁵

No primeiro capítulo procuramos entender o florescimento dessa imprensa e o universo em que esses jornais estavam inseridos. Destaco as informações sobre a materialidade dos jornais – diagramação, preços, circulação etc.; apresento uma série de assuntos que aparecem com maior frequência nas páginas de *La Broma*, *La Juventud* e *La Perla* a exemplo: união e progresso. Ainda nesse capítulo apresento o Folheto de Santiago Elejalde, publicado em 1878 e reproduzido no *La Broma* dois anos mais tarde, em 1880. Trata-se de entender como Elejalde por meio de seus escritos percebeu as desigualdades sociais e os preconceitos raciais que sofria a “sociedade de cor” e quais foram as estratégias elaboradas por esse intelectual para que o grupo do qual ele fazia parte superasse tais objeções.

Para melhor compreender os meios pelos quais os intelectuais negros advogavam pelos seus direitos, analiso no segundo capítulo as trajetórias de Juan Blanco de Aguirre, Manuel G. Posadas e Casildo G. Thompson, privilegiando o estudo das redes colaborativas tecidas por esses intelectuais. Veremos seus esforços para concretizar a criação da sociedade literária “Sociedad Fomento de Bellas Artes” e os debates suscitados para elaboração de tal projeto. Neste capítulo também analiso as ideias e a recepção da poesia “Canto al Africa” de autoria de Casildo G. Thompson, lido no mês de abril de 1878 durante uma das conferências realizadas pelas “Sociedad de Fomento de Bellas Artes” e reproduzida no *La Juventud*, em junho do mesmo ano.⁷⁶

⁷⁶ O Dictionary of Caribbean and Afro-Latin American Biography Oxford vol. 1, que foi organizado por Franklin W. Knight e Henry Louis Gates Jr, contém mais de duas mil biografias de africanos e seus descendentes escritas por diversos pesquisadores do mundo inteiro. Agradeço a professora Maria de Lourdes Ghidoli por ter me enviado os textos sobre afro-argentinos escritos para o dicionário. Também será utilizado outros dois textos

O terceiro e último capítulo buscará entender através das páginas dos jornais as relações entrelaçadas entre “pessoas de cor” da região, observando como elas teceram redes de sociabilidade e elaboraram projetos de cidadania que extrapolavam as fronteiras nacionais. Os intelectuais negros forjando identidades a partir de experiências compartilhadas que lhes permitiam construir solidariedades em meio aos processos de racialização vivenciados nos países vizinhos. Examinando, neste sentido, a trajetória de Zenón Rolón e a repercussão de seu folheto “Dos palabras a mi hermanos de castas”. Escrito e publicado em Florença, na Itália, e reproduzido em *La Broma* e *La Juventud* o folheto de Rolón agitou a opinião pública nas duas margens do Prata.

Por fim, destaco que os excertos extraídos dos periódicos foram traduzidos para língua portuguesa e serão mantidos no corpo do texto. Os originais em idioma espanhol conservam-se nas notas de rodapé. Todas as traduções são de minha responsabilidade.

biográficos escritos pelos próprios afro-argentinos. *El Almanaque del progreso para 1881*. Editado por Luís Garzón, esse foi noticiado no *La Broma* durante o ano de 1880. Outro texto é *Beneméritos de mi estirpe*: Esbozos sociales. Editado por Jorje M. Ford em 1899.

Capítulo 1

O universo negro de Buenos Aires: Trajetórias, impressos, textos e contextos.

1.1 Sobre Froilán Plácido Bello.

Em 9 de outubro de 1853, nascia Froilán Plácido Bello, em San Isidro,⁷⁷ cidade argentina localizada a 21 km de Buenos Aires. De ascendência negra, Froilán P. Bello era o mais velho dos cinco filhos do casal Anastácio Bello e Juana Malaves. Ele e seu irmão Valério Bello, que foi poeta, fizeram parte de um grupo de intelectuais negros que teve atuações destacadas no movimento de conscientização da “sociedade de cor” argentina.⁷⁸ Em 1869, Froilán P. Bello deixou sua cidade natal e partiu para Buenos Aires, onde durante um período exerceu a atividade de servente doméstico.⁷⁹ Não há registro dos meios pelos quais Froilán tenha conseguido acesso a um certo nível de educação que o afastaria dos serviços domésticos. Todavia, já em 1876, Froilán P. Bello derramava a tinta de sua pena pelas páginas da imprensa portenha, destacando-se nas atividades jornalísticas e literárias.⁸⁰

Em meados da década de setenta do século XIX, já é possível encontrar dezenas de escritos de Froilán P. Bello na imprensa negra de Buenos Aires. No fim de 1877 e início de 1878, Froilán P. Bello juntamente com Casildo G. Thompson colaboraram com o periódico *El Unionista* – mais um entre os periódicos criados e destinados à “sociedade de cor”. Juntos, Froilán e Thompson escreveram dezenas de artigos. Em dezembro do ano seguinte, Froilán P. Bello escreveu uma biografia de Casildo Thompson – pai de Casildo G. Thompson –, que foi publicada no *Almanaque del progreso para o ano 1881*, editado pelo afro-portenho Luis Gárzon.⁸¹

⁷⁷ GHIDOLI, María de Lourdes. "Bello, Froilán Plácido." *Oxford African American Studies Center*. 30 Sep. 2016; <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em 15 Fevereiro de 2020.

⁷⁸ Valério Bello, foi poeta. Em 1879, ele aparece como administrador do periódico *La Broma*.

⁷⁹ Segundo a historiadora Lea Geler, muitos dos afro-argentinos tiveram como ocupação o serviço doméstico. GELER, Lea (2008). “Los afroporteños y la ley del servicio doméstico de 1881-1882: luchando contra la “ley del embudo”. En Dalla Corte, G.; García Jordán, P.; et al. (coords.). *Poder local, poder global en América Latina*. Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, p. 265-278.

⁸⁰ FORD, Jorje Miguel. *Beneméritos de mi estirpe: esbozos sociales*. La Plata: Tipografía de La Escuela de Artes y Oficios, 1899.

⁸¹ Luiz Garzon afro-portenho foi o editor responsável pela publicação do *Almanaque del Progreso para o ano 1881*. Para uma maior compreensão do *Almanaque...* ver o quinto capítulo do livro da historiadora argentina

Na década de oitenta, Froilán P. Bello casou-se com a professora de piano Rita Espinosa. O casal teve cinco filhos: Froilán, Rómulo, Rita, Julián e Ángela.⁸² Rita, esposa de Froilán, era irmã de Andrés, Lorenzo e Juan Espinosa, os dois últimos eram músicos afro-portenhos e desempenhavam a função de organistas das igrejas de Nossa Senhora de Montserrat e Santo Domingo.⁸³

Em fevereiro de 1878, Froilán P. Bello participou do comitê fundador da Sociedad Fomento de Educación. Dentre os objetivos almejados pela Sociedade, destacava-se a criação de uma escola para crianças afro-portenhas.⁸⁴ Nesse mesmo ano, ele se juntou à Sociedad Fomento de Bellas Artes, entidade dedicada à realização de conferências de literatura e ciência.⁸⁵ Muitos outros intelectuais afro-portenhos eram membros da organização, incluindo Juan Blanco de Aguirre, Santiago Elejalde, Manuel G. Posadas, Ernesto Mendizábal, Casildo G. Thompson, entre tantos outros escritores, artistas e músicos. Todos eram negros e formavam um grupo que havia conseguido ascender socialmente e obter empregos modestos, muitas vezes no serviço público ou na carreira militar.⁸⁶ Estes, mais escolarizados e economicamente mais abastados, juntamente com outros menos escolarizados e em situação econômica inferior, empreenderam estratégias para superar a exclusão social e o preconceito de cor. Froilán P. Bello também atuou como secretário da Sociedad de Socorros Mutuos La Protectora em 1879, uma organização criada para realizar ações beneficentes aos membros da comunidade, sobretudo aos associados à instituição.⁸⁷

María de Lourdes Ghidoli. GHIDOLI, María de Lourdes. *Estereotipos en negro: Representaciones y autorrepresentaciones visuales de afroporteños en el siglo XIX*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2016.

⁸² GHIDOLI, María de Lourdes. "Bello, Froilán Plácido." *Oxford African American Studies Center*. 30, Sep.2016;.Disponívelem: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

⁸³ Segundo Nestor Ortiz Oderigo, constitui um feito histórico que durante os séculos XVIII e XIX, inúmeros músicos negros atuaram em igrejas, conventos e outras instituições de caráter religioso. ODERIGO, Nestor Ortiz. *Esquema de la música afroargentina*. EDUNTREF. 2008. p. 129.

⁸⁴ GHIDOLI, María de Lourdes. "Bello, Froilán Plácido." *Oxford African American Studies Center*. 30, Sep.2016;.Disponívelem: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

⁸⁵ GHIDOLI, 2016, passim.

⁸⁶ Alguns afro-portenhos ocupavam cargos em instituições públicas, embora estivessem empregados nos setores mais baixos de serviços, tais como: os de limpeza, zelador, mordomo etc, esses trabalhos contribuíram para uma estabilidade e prestígio àqueles que os exerciam. Além disso, ilustrações gráficas e fotografias do final do século XIX e início do XX mostram muitos afro-argentinos atuando como policiais, bombeiros e guardas de trânsito. Portanto, nem todos eram pobres: um pequeno número de afrodescendentes no país conseguiu se acomodar dentro uma "elite" incipiente, e tinha estudos e propriedades, eram famílias reconhecidas, militares ou artistas, e até comerciantes.

⁸⁷ CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones Africanas de Buenos Aires 1823-1880*. Introducción a la sociabilidad de una comunidad marginada. Tesis de licenciatura. Universidad Nacional de Luján. Departamento de Ciencias Sociales Buenos Aires septiembre 1995.

Entre o final de 1879 e o início de 1880, Froilán P. Bello se pôs à frente da “sociedade de cor” para denunciar a segregação imposta a ela. Pois, naqueles anos, os jornais de grande circulação noticiavam a interdição de negros – homens e mulheres – em importantes locais de lazer da cidade, como o Jardín Florida, o Circo Nacional e o salão de dança Skating-Rink.⁸⁸ Devido a esses impedimentos, em 17 de janeiro de 1880, Froilán P. Bello foi responsável por um editorial no periódico *La Broma*, intitulado "Indigno Proceder", no qual denunciou a discriminação sofrida pela comunidade e junto a outros intelectuais negros apelou a Héctor Varela, editor-chefe do jornal *El Porteño* e *La Tribuna* para defender a população afro-portenha.⁸⁹

Em 1884, Froilán P. Bello fundou e atuou como diretor da revista *El Eco Artístico*, a revista circulou até o ano seguinte.⁹⁰ A partir de 1885 não foi mais possível encontrar vestígios sobre as atividades do personagem. Sabemos somente que Froilán P. Bello morreu em 15 de novembro de 1893, aos 41 anos de idade.⁹¹

⁸⁸ “Indigno Proceder.” *La Broma*, 17 de enero de 1880. p. 1.

⁸⁹ No Brasil existem poucos estudos sobre os irmãos Hector e Mariano Varela. Sabemos que essa família teve uma influência política muito grande na Argentina. O pai, Florêncio Varela, precisou se exilar no Uruguai durante o governo Rosas, onde foi assassinado. Após a queda de Rosas, os filhos acabaram conseguindo uma inserção política importante e fundaram os jornais em 1853. Hector Varela, também foi um dos primeiros autores a escrever um texto biográfico sobre a vida de Elisa Lynch. SILVA, Natania Neres da. *Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch*. Dissertação de Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2019.

⁹⁰ FORD, Jorje Miguel. *Beneméritos de mi estirpe: esbozos sociales*. La Plata: Tipografía de La Escuela de Artes y Oficios, 1899.

⁹¹ *Idem, Ibidem*, 1899, p. 79.



Figura 1: Froilán Plácido Bello. Imagem retirada do livro *Beneméritos de mi estirpe* de Jorje Miguel Ford. 1899.

Mesmo sentindo o gosto do racismo, muitos dos intelectuais negros tentaram superar as adversidades trilhando carreiras profissionais, emergindo socialmente e articulando-se politicamente. A imagem acima evidencia a polidez e o refinamento de Froilán Plácido Bello, revelando um rapaz bem apresentado, zeloso de sua aparência e elegante em suas vestes. Segundo Teresa Malatian – na ocasião em que a autora analisa a fotografia de Arlindo Veiga dos Santos, intelectual afro-brasileiro – aos negros, a atenção dispendida à indumentária possuía duas funções: permitir uma entrada menos conflituosa no mundo dos brancos e servir de bússola comportamental aos outros negros. Nas palavras da autora: “o traje era essencial para os intelectuais negros”, pois uma boa apresentação “abria a porta não somente ao ‘mundo dos brancos’, mas sim aos próprios negros”.⁹²

A trajetória de Froilán P. Bello mostra um intenso envolvimento dos intelectuais negros na luta contra exclusão da “sociedade de cor” em Buenos Aires. Com o propósito de reverter o quadro geral de seu grupo, que amargava precárias condições socioeconômicas, os

⁹² MALATIAN, Teresa. *O Cavaleiro Negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda, 2015, p. 46.

intelectuais negros tiveram como objetivo buscar ascensão e reconhecimento de seu grupo, ou seja, “homens e mulheres de cor” que viviam na cidade portenha nas últimas três décadas do século XIX. Transmitindo a ideia de progresso mediante a educação e adoção de normas e condutas pautadas nos ideários burgueses, esses intelectuais negros – editores, redatores, poetas, artistas, literatos, entre outras profissões – utilizavam as páginas de seus jornais, servindo-se de inúmeros mecanismos, para influenciar e melhorar a situação de seus pares.

À vista disso, esse capítulo tem dois objetivos: apresentar a imprensa elaborada por “homens de cor” em Buenos Aires na segunda metade do século XIX e circunscrevê-la em seu contexto histórico de produção e aparecimento. Ao destacar apenas três periódicos das dezenas que foram elaborados pela “sociedade de cor”, darei ênfase às seguintes informações dos jornais: sua circulação, a edição, o financiamento e a diagramação. O segundo objetivo é demonstrar as demandas mais incessantes que apareciam nas páginas dos jornais e quais eram as estratégias elaboradas pelos intelectuais negros para solucionar tais impasses. Neste ponto, analiso o folheto de Santiago Elejalde, publicado em 1878 e reproduzido no *La Broma* em 1880. Concentro-me, principalmente, na repercussão do folheto e na maneira pela qual as ideias de união, civilização e progresso foram organizadas.

1.2 O surgimento da imprensa negra de Buenos Aires: breves apontamentos.

Non existe grupo social ou político que non tenha seu próprio órgão na imprensa de Buenos Aires. Liberais, reacionários, governistas, anarquistas, pessoas sensatas e esclarecidas, *tilingo* todos, inteiramente, até os vários grupos estrangeiros têm seu jornal para representar seus interesses.⁹³

Na Argentina, o afloramento e a difusão da imprensa dos “homens de cor” fez parte de um processo amplo de desenvolvimento de uma cultura impressa que proliferou durante o período conhecido por especialistas como Organização Nacional. Esse período circunscreve as décadas de sessenta e setenta do século XIX, tendo seu desfecho no ano de 1880. Em 1862, inauguraram-se no país novos experimentos na arena social e política, cujos impactos mais perceptíveis foram sentidos em Buenos Aires. Hoje sabemos que a criação de um Estado moderno que deveria integrar todas as províncias à república e formar uma comunidade

⁹³ “No hay grêmio social ni político que no tenga su órgano próprio en la prensa de Buenos Aires. Liberales, reacionários, governistas, anarquistas, gentes sensatas e ilustradas, tilingos, todos, enteramente todos hasta los diversos grupos de pobladores estrangeiros tienen su periódico representante o encargo de representar sus intereses”. *La Tribuna*, 12 de setembro de 1875. (1998, *apud* SABATO p. 63).

política efetiva encontrou inúmeras dificuldades que impuseram grandes desafios aos governantes do período.⁹⁴

O objetivo de criar uma república representativa já era antigo na região e remonta ao início do século devido à queda do domínio espanhol em todo território do Rio da Prata. No entanto, como aponta Hilda Sabato, do ponto de vista normativo, foi a constituição de 1853 que, com bases nas ideias da época, assegurou que o Estado deveria ser fundado sobre os princípios de uma soberania popular e, dentro dessa concepção, foi se constituindo mecanismos modernos de representação que estabelecia interdependência entre governantes e governados, isto é, o sufrágio e a formação de uma cultura impressa combinada a um associacionismo foram algumas peças-chaves que construíram uma instância de mediação entre sociedade civil e o Estado, ambos em formação. Essa representação moderna como princípio da fundação da República Argentina colocou uma multidão em cena que se organizou de maneira autônoma ao Estado e ampliou a participação política dos cidadãos, sobretudo dos portenhos.

A emergência de uma sociedade civil cada vez mais vigorosa⁹⁵, o aumento significativo da população, sobretudo com a entrada em massa de imigrantes – a maioria vinda do sul da Europa – exigiam novas estruturas políticas, sociais e econômicas. A rápida mudança de Buenos Aires era sentida na redefinição de sua imagem física e no crescimento demográfico e econômico. A ordem burguesa se instalava no espaço urbano sob o signo do progresso para o qual disciplina, higiene e monumentalidade foram alguns dos novos atributos desejáveis aos espaços públicos de uma cidade que se queria moderna e civilizada.⁹⁶ Outros sintomas evidentes das transformações que estavam acontecendo em Buenos Aires foram a expansão das atividades associativas e a multiplicação de diários que circulavam na cidade. A imprensa passou, então, a desempenhar um papel importante na disseminação de

⁹⁴ SABATO, Hilda. *La política en las calles: entre el voto y la movilización*. Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

⁹⁵ O primeiro censo nacional de 1869 notificou que a população da cidade de Buenos Aires correspondia a 663.854 pessoas, e em 1895 a população era representada num total de 1.575.814 indivíduos. A aceleração do crescimento da população portenha ocorreu em meados do século XIX e logo começou a declinar em 1914. George Reid Andrews afirma que: “A promoção de imigração europeia contribuiu para a marginalização da população negra”. ANDREWS, George Reid. *Los afroargentinos de Buenos Aires*. Buenos Aires: De La Flor, 1989. p. 81.

⁹⁶ A cidade foi o palco principal das reformas urbanas que ocorriam em todo país – alterava-se seu espaço físico, a construção de novos edifícios públicos reconfiguraram a paisagem urbana, remodelou-se a costa do rio, criava-se parques em locais arborizados para os passeios de finais de semanas, expandiram-se as linhas ferroviárias de norte ao sul da cidade. SCOBIE, James. *Buenos Aires del centro a los barrios, 1870 – 1910*. Buenos Aires: Solar Hachette. 1977.

ideias de modernização social e política para o período, permitindo a ampliação de diálogos e a discussão entre pessoas e grupos.⁹⁷

Expandiram-se jornais por todas as partes, periódicos com várias finalidades e de múltiplos interesses.⁹⁸ Logo, durante a segunda metade do século XIX, esses impressos se constituíram em um meio indispensável de comunicação e identificação, e diversos grupos tinham em seu próprio jornal o seu espaço de discussão. Consequentemente, não demorou muito para aparecerem na cidade os primeiros empreendimentos na imprensa realizados por “pessoas de cor”, fazendo com que uma minoria negra também trilhasse os caminhos do periodismo. O quadro a seguir é um levantamento embasado nas informações da própria imprensa negra e de seus estudiosos, nele encontram-se a periodicidade e a duração dos jornais que circulavam em Buenos Aires entre 1858 e princípios do século XX.

Fonte / Título	Primeiro ano de publicação	Último ano de publicação
<i>La Raza Africana</i>	1858	1858
<i>El Proletario</i>	1858	1858
<i>La Igualdad</i>	1864	1874
<i>La Cronica</i>	1870	1870
<i>El Artesano</i>	1873	1874
<i>El Candombero</i>	1873	1873
<i>La Verdad</i>	1873	1873
<i>La Juventud</i>	1876	1879
<i>La Broma</i>	1876	1885
<i>El Unionista</i>	1877	1878
<i>La Aurora del Plata</i>	1877	1877

⁹⁷ Muitas dessas associações sustentavam seus próprios periódicos e a proliferação de publicações na Argentina foi possível graças a liberdade de imprensa, garantida no artigo 14 da Constituição argentina de 1853, no qual, entre outras, salvaguardava que todos habitantes da nação gozassem do respectivo direito de publicar suas ideias via imprensa sem sofrer censuras prévias. No entanto, especialistas têm apontado que muitos jornais sofreram censura no período. LOBATO, Mirta Zaida. *La Prensa Obrera*. Buenos Aires: Edhasa, 2009. Ver também: WASSERMAN, Fabio. A liberdade de imprensa e seus limites: imprensa e poder político no Estado de Buenos Aires durante a década de 1850. *Almanack Braziliense*. São Paulo, nº10, p. 130-146, nov. 2009.

⁹⁸ Dentro desse processo de constituição de uma cultura impressa em Buenos Aires, se desenvolveu ainda uma imprensa de caráter popular circulando em um âmbito relativamente pequeno. Esses pequenos jornais podiam ser aqueles dirigidos ao sexo feminino — mas, nem sempre editados por mulheres. Havia aqueles editados por comunidades de estrangeiros que viviam na cidade, sendo escritos em seus próprios idiomas e se preocupando com os acontecimentos de sua terra natal, são exemplos: o *El Correo Espanol* e *L’Operario Italiano*, ambos publicados no ano 1872.

<i>El Aspirante</i>	1877	1882
<i>La Perla</i>	1877	1878
<i>La Luz</i>	1878	1878
<i>El Látigo</i>	1879	1879
<i>La Juventud Argentina</i>	1879	1879
<i>El Porvenir</i>	Década de 1870	Década de 1870
<i>La Asociación</i>	1880	1880
<i>El Obrero</i>	1880	1881
<i>El Deber</i>	1881	1881
<i>La Protectora</i>	1881	1881
<i>La Razón</i>	1882	1882
<i>El Imparcial</i>	Fim do século XIX	Princípios do século XX
<i>El Contemporáneo</i>	Fim do século XIX	Princípios do século XX
<i>Luz y Lucha</i>	Fim do século XIX	Princípios do século XX
<i>La Palabra</i>	Fim do século XIX	Princípios do século XX
<i>El Reflejo</i>	Fim do século XIX	Princípios do século XX
<i>El Fraternal</i>	1901	Princípios do século XX
<i>La Voz del Norte</i>	Princípios do século XX	Princípios do século XX
<i>La Ortiga</i>	Princípios do século XX	Princípios do século XX

Quadro 2: levantamento realizado por meio da análise dos jornais e nas pesquisas de Norberto P. Cirio e Lea Geler. Ver o artigo publicado por Cirio. CIRIO, Norberto Pablo. Indización de los periódicos afroporteños (1858 a principios del siglo XX) *Revista Electrónica de Fuentes y Archivos* (REFA) Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segreti” Córdoba (Argentina), año 12, número 12, 2021, pp. 30-70.

Foi dentro desse universo que apareceu pela primeira vez o periódico *La Raza Africana*, cujo subtítulo merece destaque: *O Demócrata Negro. Periódico Político, Literário, Industrial y Comercial*.⁹⁹ Antes de seu primeiro número vir à luz, o jornal já suscitava contestações na imprensa de grande circulação. O periódico *El Nacional* questionava os redatores sobre a necessidade de se ter uma folha específica que dividia a sociedade em grupos raciais.¹⁰⁰ Em síntese, o artigo, publicado no dia 02 de janeiro de 1858, advertia que

⁹⁹ Sandalio Escutti e Quiroga foram os responsáveis pelo periódico *La Raza Africana* e Lucas Fernandez meses depois editaria *El Proletario*, também fez parte da comissão editorial de *La Raza Africana*. Em uma comunicação feita recentemente, via e-mail, com o professor especialista no tema, Gustavo Goldman, fui informado que Escutti e Quiroga eram uruguaios que viviam em Buenos Aires. Portanto, tudo indica que eram homens negros, embora não possa afirmar de modo categórico.

¹⁰⁰ *El Nacional*, 2 de enero de 1858. (2016, *apud* GHIDOLI, p. 288).

estabelecer uma distinção entre brancos e negros na sociedade argentina significava promover a desigualdade racial, o que era inexistente no país, segundo o redator daquele texto. A reação de *La Raza Africana* veio prontamente em seu primeiro número, num artigo intitulado “Refutación al Nacional”, publicado no dia 07 de janeiro de 1858.¹⁰¹ O artigo escrito em *La Raza Africana* acusava o Domingo Faustino Sarmiento, identificado como autor do texto publicado no *El Nacional*, como o verdadeiro responsável por dividir a sociedade em grupos políticos.¹⁰²

Posterior ao *La Raza Africana*, no mesmo ano de 1858, apareceu o semanário *El Proletario*, *Periódico semanal político, literario y de variedades*, dirigido por Lucas Fernandez, ex-colaborador de *La Raza*. O aparecimento do jornal também causou rumores na imprensa de maior circulação. Três dias após *El Proletario* publicar seu primeiro número, o periódico *Los Debates* contestou o nome da publicação.¹⁰³ A resposta de *El Proletario* foi imediata: “[...] Não viemos defender os proletários, essa classe em si não há entre nós. Viemos para promover nossos próprios interesses: os de “homens de cor”.”¹⁰⁴ *El Proletario* apareceu em 18 de abril de 1858, seus objetivos e propósitos eram explicitados em seu programa publicado no primeiro número, intitulado “La clase de color”. Resumidamente, o artigo indicava que a ideia de fundar um semanário para “classe de cor” era no sentido de promover o bem-estar e o futuro da comunidade, seu adiantamento moral e material.¹⁰⁵ O semanário teve uma vida breve, editando apenas 8 números, o último deles datado de 16 de junho de 1858.

O surgimento desses dois jornais evidencia o início do envolvimento dos “homens de cor” e sua atuação na cultura impressa durante o período em que a Argentina se modernizava. *La Raza Africana* e *El Proletario*, ambos tinham como finalidade promover a educação, o progresso e a união da “classe de cor”, esse tipo de objetivo se tornaria comum em toda imprensa negra de Buenos Aires nas décadas posteriores, período em que o empreendimento jornalístico foi ganhando força na cidade e, conseqüentemente, houve um aumento da quantidade de publicações destinada aos interesses da “sociedade de cor”.

¹⁰¹ *La Raza Africana*, “Refutación al Nacional”, 7 de enero de 1858. (2016, *apud* GHIDOLI, p. 289).

¹⁰² Para alguns estudiosos a oposição binária estabelecida por Sarmiento em *Civilização e Barbárie* com todas as suas derivações estruturou a segunda metade do século XIX. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: ou civilização e barbarie*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

¹⁰³ *Los Debates*, 9 de enero de 1858 (2016, *apud* GHIDOLI, p. 289).

¹⁰⁴ “Nosotros no venimos a defender proletarios, esta clase propiamente dicha no la hay entre nosotros. Venimos a promover nuestros propios intereses: los de color”. “Las clases altas de la sociedad y la de color”. *El Proletario*, 24 de abril de 1878. p. 1.

¹⁰⁵ “La clase del color”. *El Proletario*, 18 de abril de 1858. p. 1.



Figura 2 – esquerda: *La Raza Africana*, 12 de enero de 1858.
 Figura 3 – direita: *El Proletario*, 09 de mayo de 1858.

1.3 La Broma, La Juventud e La Perla: A imprensa dos “homens de cor” nos anos de 1870 e 1880.

Os três periódicos que enunciam o subtítulo acima fizeram parte de uma extensa produção de jornais que tiveram um papel importante na difusão e discussão de práticas e de organização de um grupo específico: a “sociedade de cor” de Buenos Aires.¹⁰⁶ A edição desses periódicos foi produto de uma confluência de elementos. Podemos citar a proliferação de publicações e de associações modernas desde a década de cinquenta; as condições sociais, políticas e econômicas de “mulheres e homens cor” que não se sentiam ajustados dentro das promessas republicanas na Argentina. Esses jornais tornaram-se ferramentas e espaços para as reivindicações de indivíduos que, devido a sua cor de pele, sofriam com as mazelas do preconceito racial. Como resultado, os representantes desses periódicos ansiavam pela instrução e melhoramento da “sociedade de cor” e, por meio dos seus jornais, discutiam sobre

¹⁰⁶ Diferente da imprensa operária, os nomes dos periódicos destinados às “pessoas de cor” não indicam a pertencencia a um determinado grupo. É em suas páginas que se localiza a identidade do grupo e o público a qual é destinado. LOBATO, 2009, op. cit., p. 15.

Havia outra modalidade de distribuição dos periódicos, isto é, a venda *callejera* – jornais distribuídos por agentes nas ruas da cidade. Os preços dos periódicos foram variando ao longo do tempo. Para o ano de 1876 o valor de *La Broma* era de 10 pesos mensais por assinante, 3 pesos foi valor do número solto em Buenos Aires e 5 pesos uruguaios para assinantes de Montevideú. *La Perla* e *La Juventud* tinham preços similares.

A circulação dessa imprensa estava condicionada pelo acesso aos meios econômicos de um grupo que provia de limitados recursos financeiros para manter sua folha com regularidade. Conseqüentemente, os atrasos e interrupções na circulação dos periódicos tornavam-se comuns. Os redatores juntos a outros membros da comunidade organizavam numerosas atividades, bailes, tertúlias, rifas etc., quase que semanalmente em benefício dos periódicos, tentando garantir que sua circulação fosse contínua. Em geral, o chamado à colaboração de assinantes se repete a cada número publicado. É possível encontrar em alguns números dos jornais pouca publicidade, o que deve ter trazido poucos recursos. Parece que possuir um número significativo de assinantes pode ter sido o meio indispensável de manter os jornais com uma certa permanência.¹¹¹

Por conseguinte, as cobranças aos assinantes com a mensalidade atrasada tornavam-se uma das preocupações recorrentes dos redatores, o que é facilmente identificável nas páginas dos periódicos. Em vista disso, em 30 de abril de 1876, *La Juventud*, publicava o seguinte informe:

Devido às circunstâncias prementes que estamos passando, pedimos a todos os nossos assinantes que aproveitem os meses atrasados que devem a esta administração [...] Pois existe no poder dos cobradores, uma quantidade exorbitante de recebimentos pertencentes aos meses de janeiro, fevereiro e março, que agora são completamente impossíveis de poder cobrá-los, motivo pelo qual precisamos lembrar aos inadimplentes que se dignam a pagar o mais rápido possível. Esperamos ser ouvidos.¹¹²

Até mesmo *La Broma*, o mais bem estruturado periódico elaborado pela “coletividade de cor”, tinha que correr atrás dos assinantes inadimplentes. De modo semelhante ao *La Juventud*, em outubro de 1877, foi publicado o seguinte informe no *La Broma*: “Com esse número enviamos o recibo correspondente ao mês de outubro, aguardamos a equidade do

¹¹¹ “Un Parentesis”. *La Broma*, 03 de enero de 1878. p. 2.

¹¹² “Debido á las circunstancias tan apremiantes por que atravesamos pedimos á todos nuestros *suscriptores* se sirvan de cancelar los meses atrasados que adeudan á esta *Administracion* [...] Pues existen en el poder de los cobradores, una cantidad exorbitante de recibos pertenientes á los meses Enero, Febrero y Marzo, los cuales ate ahora ha sido de todo punto imposible el poderlos cobra por cuyo motivos nos vemos en la necesidad de recordales á los morosos se dignen el abonarlos á la mayor brevedad posible. Eperamos el ser oidos” “A los subscribers morosos”. *La Juventud*, 30 de abril de 1876. p. 3.

preço mensal; não enrole o cobrador porque, como sabemos, a assinatura é paga antecipadamente”.¹¹³ Embora consideramos que a maioria da “sociedade de cor” era pobre, a passagem indica que conservar a circulação dos periódicos foi importante, visto que os responsáveis dos jornais compreendiam que a imprensa deveria ter um papel fundamental dentro da “sociedade de cor”, isto é, dentro dos objetivos e razões de se manter um periódico em circulação, estava a ideia de integração dos afro-portenhos ao projeto de modernização que estava em curso na Argentina.



Figura 4: *La Broma*, 25 diciembre de 1879.

¹¹³ “con el presente numero enviamos el recibo correspondiente á el mes de octubre esperamos en vista de la equidad del precio de la mensualidad; no hagan da muchas vueltas á el cobrador pues como se sabe la suscripcion se paga adelantada” “A nuestros suscritores”. *La Broma*, 18 de outubro 1877. p. 4.

A diagramação dos jornais sofreu alterações conforme a época, e muitas vezes essas mudanças influenciavam diretamente nos valores dos periódicos. Para o ano de 1876, o formato de *La Broma* era mediano com três colunas, em cada uma das quatro páginas. Em 1877 e 1878, seu formato era pequeno, como um livro de duas colunas em cada página, quase não havia publicidade. Em janeiro de 1880, o subtítulo do periódico foi alterado para “Periódico Social”. Em março do mesmo ano, há outra alteração no subtítulo, desta vez para “Órgano de las Clases Obreras”, nome que se conservou até o final de sua existência.¹¹⁴ *La Juventud* sempre manteve o subtítulo “Periódico Semanal”, possuía o formato parecido com o de *La Broma*, sendo quatro páginas e três colunas que incluíam anúncios comerciais, especialmente de cigarros. O formato de *La Perla* também foi semelhante aos demais periódicos acima citados: médio, quatro páginas e três colunas. Não obteve subtítulos. Em sua última página se encontravam diversos anúncios de fábricas de sapatos, trabalhos de impressão tipográfica, vendas de roupas etc.

¹¹⁴ Essa mudança coincide com o movimento que acontecia na comunidade em defesa de seus interesses e contra a proibição de afro-portenhos em locais públicos e privados, servindo o periódico de porta-voz dessas reivindicações. GELER, Lea. *Andares negros caminos blancos: afroporteños, estado y nación argentina a fines del siglo XIX*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010, p. 44. A imprensa elaborada pelos afro-portenhos apresenta inúmeras identidades. Conforme demonstrou Norberto Pablo Cirio, os afro-portenhos se identificavam como “trabalhadores e socialistas”, “membros de classes menos acomodadas”, “os trabalhadores humildes”, “a classe desinteressada”, “artesãos” etc. De acordo com Cirio, todas essas identidades caracterizavam-os como subalternos. Todavia, o autor sinaliza que não eram todos os membros da comunidade afro-portenha que eram pobres, segundo Cirio existia uma “divisão de classe” entre os afro-portenhos. CIRIO, Norberto Pablo. Indización de los periódicos afroporteños (1858 a principios del siglo XX). *Revista Electrónica de Fuentes y Archivos* (REFA) Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segreti” Córdoba (Argentina), año 12, número 12, 2021, pp. 30-70.



Figura 5: *La Juventud*, 30 de dezembro de 1877.

No que diz respeito aos aspectos gráficos, os jornais apresentaram bastante semelhanças entre si. O posicionamento das informações trazidas no cabeçalho o nome do periódico sempre centralizado, abaixo dele o subtítulo e nome dos administradores, editores e redatores. Com relação aos preços, número, época, ano e data poderiam estar tanto ao lado direito ou esquerdo no canto superior da folha. O editorial seguia o padrão de todos os jornais existentes para a época. Tratavam-se de artigos que explicitam os objetivos da folha evidenciando os assuntos mais importantes a serem tratados pela comunidade, como sua união e progresso. Desta forma, em 29 de junho de 1879, a redação de *La Perla* publicava o artigo “Nuestra sociedad progresa” “Parece impossível, nossa sociedade está progredindo

rapidamente nesta parte”.¹¹⁵ *La Broma* reforçava o apelo à união no editorial publicado em setembro de 1879. Observemos um trecho:

A União! Essa santa palavra de todas as associações regularmente organizadas; a união, aquela alavanca poderosa onde as grandes e pequenas instituições do mundo devem sustentar-se; a união que é tudo onde nossas esperanças mais caras devem ser cifradas.¹¹⁶

Mais adiante voltaremos a falar sobre união e progresso. Enquanto isso, observemos também que o restante das páginas desses periódicos era dividida em seções noticiosas, informações sobre eventos, casamentos, falecimentos, festas, bailes, etc. A seção de literatura – quase sempre presente nos periódicos – era um espaço sobretudo direcionado ao “belo sexo”, termo utilizado na época, nesse caso, para referenciar as mulheres leitoras. Literatura, crônicas, cartas de amor, novelas, contos, poemas etc. Nessas seções, também se divulgava instruções sobre o papel da mulher, essa quase sempre atribuída ao espaço doméstico. Veja-se os dez pontos do manifesto publicado no *La Perla* em setembro de 1878:

- 1ª Amar os homens acima de todas as coisas da terra e ser fiel às suas promessas.
- 2ª Não jure em vão, amizade, o amor e o carinho que seu coração impõe aos homens.
- 3ª Santifica o amor puro e casto todos os dias, e especialmente aqueles que ele pede se aproximando das portas do casamento.
- 4ª Honrar a memória do primeiro amor e ser constante com o homem que pela primeira vez inflamou as fibras sensíveis de seu coração.
- 5ª Não mate as ilusões do homem durante sua infância, juventude ou velhice porque ele terá que prestar contas ao Deus Cupido.
- 6ª Não incentive a paixão de mais de um indivíduo, pois é prejudicial aos próprios interesses.
- 7ª Não roube o amor alheio: sempre se contente com apenas um, porque dele você receberá o prêmio da dignidade.
- 8ª Não minta nem engane o homem, não leva a falsos testemunhos da conduta ou da incongruência com que geralmente são julgados.
- 9ª Não deseje o que não corresponde a você, nem por causa de sua classe ou hierarquia, não aspire pelo que você não pode alcançar ao longo do caminho espinhoso da vida.
- 10ª Não cobice o bem-estar de outrem, porque nada no mundo é só fortuna.¹¹⁷

¹¹⁵ “Parece imposible, nuestra sociedad viene progresando rapidamente de poco tempo a esta parte “Nuestra sociedade progreso” *La Perla*, 29 de junio de 1879. p. 1.

¹¹⁶ “La union! Esa santa palabra lema de todas asociaciones regularmente organizadas; la union, esa poderosa palanca donde deben sostenerse las grande y pequenas instituciones del mundo; la union que es todo donde deben cifrar se nuestras mas caras esperanzas...” “La union”. *La Broma*, 25 de setiembre de 1879. p. 1.

¹¹⁷ “1ª Amar à los hombres sobre todas las cosas de la tierra y serle fiel en sus promesas. 2ª No jurar en vano, la amistad: el amor y el cariño que su corazon le impone para con los hombres. 3ª Santificar el amor puro y casto todos los dias, y especialmente aquellos que solicita se acerquea las puertas del himineo. 4ª Honrar la memoria

Numa outra ocasião, *La Broma* demonstrava seu entendimento sobre o papel da mulher perante à sociedade. De acordo com o informe publicado no periódico: "Ela deve ser o modelo de carinho e honestidade a missão honrosa que Deus lhe deu [...]".¹¹⁸ Sendo assim, os jornais da imprensa afro-portenha, muitas vezes, reproduziam aquilo que a sociedade da época acreditava ser o dever da mulher, e é comum encontrar nessa imprensa negra dezenas de textos disciplinadores que insistiam constantemente no que deveria ser o comportamento adequado à moral que as mulheres necessitavam seguir. Para alguns intelectuais negros as mulheres da “sociedade de cor” detinham a tarefa de ajudar na “regeneração da raça” – que era compreendida como um distanciamento de práticas e costumes que lembrassem o período da escravidão no país – e tal responsabilidade suscitava no empenho das mulheres nos ensinamentos iniciais das crianças. No entanto, como bem apontou Lea Geler, a “sociedade de cor” frequentemente demonstrava dinâmicas distintas daquelas estabelecidas pelas elites locais – ponto que desenvolvo mais adiante.¹¹⁹

del primer amor y ser constante con el hombre enardecio por vez primera las sensibles fibras de su carazon. 5ª No matar las ilusiones del hombre durante el tiempo de sua niñez, su juventud o su vejez por que le tendra que dar cuenta al Dios Cupido. 6ª No fomentar la pasion de mas de un individuo, por ser prejudicial á los intereses próprios. 7ª No hurtar el amor ajeño: contentarse siempre con uno solo, porque de ello recibira el premio de la virtude. 8ª No mentir ni engañar al hombre no levantar falsos testimonios de la conducta ni de la incostancia con que generalmente se les juzga. 9ª No desear lo que no le corresponde ni por su classe ni gerarquia no ambicionar lo que no pueda conseguir por ela camino espinoso de la vida. 10ª No codiciar el bien estar ajeno, porque nada en el mundo es dichoso”. “Mandamientos amorosos de la mujer”, *La Perla*, 15 de setiembre de 1878. p. 2.

¹¹⁸ “El trabajo”. *La Broma*, 18 de enero de 1878. p. 1.

¹¹⁹ GELER, Lea. ¿”Otros” argentinos? Afrodescendientes porteños y la construcción de la nación argentina entre 1873 y 1882. Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona. 2008, p. 85-150. Diposnível: <http://www.tdx.cat/TDX-0915108-114404/>. Acesso em: Junho de 2020.



Figura 6: *La Perla*, 25 de noviembre de 1878.

A análise dos periódicos evidencia, mesmo que parcialmente, uma intensa atividade jornalística dentro da comunidade afro-portenha. Todavia, vale sublinhar que essa comunidade era dinâmica e bastante diversa. Num estudo recente, Gustavo Goldman aponta para as diferenças existentes no interior do grupo. Para Goldman, as diferenças eram formadas por meio dos seguintes fatores: classe social, que diferencia “ricos e pobres” na “sociedade de cor”; divergências de afiliação política; de geração; diferenças nas associações – aquelas que o autor denomina como “sociedades modernas” (grêmios recreativos e clubes literários.), em oposição às sociedades antigas que para a década de 1870, ainda que sendo poucas, permaneciam em funcionamento (as nações e as confrarias).¹²⁰

¹²⁰ Todavia, vale ressaltar que assim como os grêmios recreativos e clubes literários, as associações mais antigas (nações e confrarias) tinham como intuito a integração dos afro-argentinos. Entretanto esse modelo de sociabilidade “tradicional” era caracterizado por pessoas escravizadas e livres. GOLDMAN, Gustavo. *Negros*

Se para os intelectuais negros a ausência de unidade foi um impasse para o êxito da “sociedade de cor”, fica fundamentada a constante convocação nas páginas dos jornais para a unificação da comunidade. Portanto, antes de avançarmos para a segunda parte do capítulo, que tem como propósito escrutinar quais eram os sentidos atribuídos às ideias de união, civilização e progresso e como tais princípios foram articulados dentro da noção de modernidade negra pelos intelectuais negros, torna-se oportuno fecharmos essa primeira parte do capítulo demonstrando que união, civilização e progresso aparecem de múltiplas formas nas páginas dos periódicos. Isso significa que podem ser encontradas em forma de poesias, folhetins, informes etc. Todavia é encontrada em maior número nos artigos que compunham os editoriais dos periódicos. A passagem a seguir ajuda a ilustrar o significado de tais princípios. O artigo foi publicado no *La Broma* em 01 de agosto de 1878, vimos acima que para o ano 1879, *La Perla* publicou um artigo que também levava o mesmo título: “Nuestra sociedad progresa”. Vejamos o que dizia o artigo do *La Broma*:

É inegável que a marcha que observamos regularmente nos leva ao terreno onde o progresso e seus benefícios estão estacionados. Nossos Irmãos compreenderam que finalmente chegou a hora de preparar o futuro para nossos filhos. Hoje somos todos um elemento! [...] Vamos dar mais um passo, que felizmente não é certo ainda e, a falta de união causa danos tão graves entre nós [...] Vamos continuar assim, não vamos cansar; que cada círculo de amigos em que não sabemos porque motivo nos dividimos, seja um elemento poderoso na realização da grande obra! Vamos continuar! Então nossa comunidade progride.¹²¹

O fenômeno do diarismo, que se expandiu rapidamente depois da queda de Juan Manuel de Rosas, incluiu setores da sociedade que não faziam parte da elite do país, sendo a “sociedade de cor” de Buenos Aires um exemplo. A imprensa elaborada pelos afro-portenhos teve seu surgimento em 1858, com a circulação de *La Raza Africana* e, posteriormente, com *El Proletario*. Contudo, atingiu seu ponto mais alto entre os anos de 1877 e 1880. Com exceção de *La Broma*, de *La Juventud* e de *La Perla*. Muitos desses jornais tiveram uma curta duração, circularam durante um ano ou menos. Seguindo o modelo da maioria dos

Modernos: asociacionismo político, mutual y cultural en Rio de la Plata a fines del siglo XIX. Montevideo: Perro Andaluz Ediciones, 2019.

¹²¹ “Es inegable que la marcha que observamos nos conduce reglamente al terreno donde está estacionado el progreso y sus beneficio. Nuestros Hermanos han comprendido que al fin llego el momento de preparar el porvenir para nuestro hijos. Hoy todos somos un elemento! [...] Avancemos un paso mas, que felizmente no es cierto aún, que la falta de union haga tan serios estragos entre nosostro [...] Sigamos como seguimos, no nos cansemos; que cada circulo de *amigos* en que no sabemos porque *arte* estamos divididos, sea un poderoso elemento en la realizacion de la gran obra! Sigamos! Que asi, nuestra comunid progresa.” “Nuestra comunidade progresa”. *La Broma*, 01 de enero de 1878. p. 1.

jornais da época, a imprensa elaborada pela “Sociedade de cor” trazia seções fixas: os editoriais, mas também incluíam colunas que continham cartas de leitores servindo como um foro de "discussão aberto, colunas para histórias humorísticas, folhetos, poesia e outros itens. Nesses jornais também é possível encontrar várias notificações de eventos que foram desenvolvidos por representantes dessa imprensa. A respeito dos editoriais, esses traziam textos vistos como necessários para a coletividade e seu andamento, portanto, constituíam-se de textos importantes para integração dos afro-portenhos.

Os periodistas foram muito atuantes esforçando-se para que suas vozes fossem ouvidas, denunciaram as contrariedades de uma sociedade republicana que se construía. Em outros termos, por meio dessas publicações os intelectuais negros protagonizaram a história dos descendentes de africanos na Argentina. Por meio da disciplina, educação, tentavam regenerar uma comunidade que deveria distanciar-se de um passado de "barbárie". Foi dentro dessa perspectiva que Santiago Elejalde elaborou por meio de seu folheto, discursos nos quais o ponto principal era enfatizar as mudanças necessárias para que a “sociedade de cor” ingressasse no caminho do progresso.

1.4 Notas sobre o “hombre del pueblo”.

Na manhã do dia 07 de novembro de 1878, no periódico *La Broma* aparecia pela primeira vez a notícia sobre o folheto de Santiago Elejalde. O comunicado sobre o folheto encontrava-se publicado na terceira página na seção denominada: “Gran sortidos de *suetitos*”. Com regularidade, a seção “*suetitos*” era destinada às informações sobre os acontecimentos que ocorriam dentro do próprio grupo. Assim, uma série de notícias eram publicadas ali. Inúmeras referências sobre casamentos, bailes, eventos, informes sobre amigos adoecidos, tertúlias para ajudá-los durante o tratamento etc. Diversas notícias estavam sempre sendo publicadas nessa seção. No entanto, a nota da manhã do dia 07 trazia a informação sobre o folheto de Santiago Elejalde, dizendo que o folheto apareceria ainda na mesma manhã ou, quem sabe, "na manhã seguinte".¹²² Logo, o aviso advertia o leitor sobre a necessidade de proteger os trabalhos ativos que traziam progresso para a “sociedade de cor”, reiterando que nenhum de seus membros deveria ficar sem o seu exemplar do folheto.

¹²² *La Broma*, 07 de noviembre de 1878. p. 3.

Na mesma nota é possível saber que o folheto custaria 10 pesos e o endereço de venda ficaria na Libreria de Sr. Igom, na rua Bolivar, 58.¹²³

No número subsequente do jornal, publicado no dia 15 de novembro, aparece a seguinte informação: “Gostamos de ler o folheto do nosso querido amigo Santiago Elejalde; não queremos fazer nenhum juízo sobre ele, porque sabemos que alguns críticos famosos estão se preparando para lidar com a coisa com mais imparcialidade”.¹²⁴ Mais adiante, no mesmo comunicado, percebe-se um tom de estranhamento dos redatores, esses acabavam de apreciar o folheto. Reparemos no trecho seguinte: “Elejalde [grafado com a letra ‘z’] é um bom amigo, mas, mesmo assim, quando é preciso dizer algo, não temos medo de dizer”.¹²⁵

Apesar do texto do *La Broma* ser um pouco afável, demonstrando a simpatia dos redatores com o Sr. Santiago Elejalde, logo se percebe uma mudança de tom dos editores, pois o entusiasmo identificável na primeira notícia publicada no dia 07 sobre aparecimento do folheto, parece ter se convertido num possível desapontamento dos redatores de *La Broma* na notícia do dia 15, como explicita o comentário acima, mesmo Elejalde sendo amigo dos responsáveis pelo periódico, esses últimos deixavam claro que a afinidade existente entre eles não podia ser uma barreira para uma possível crítica em relação ao folheto elaborado. Contudo, conforme o periódico informa, pessoas com maior notabilidade estavam elaborando suas críticas sobre o folheto. Apesar da possível decepção dos redatores do periódico com o folheto, a nota terminava indicando os pontos de venda que iam se ampliando, o que evidencia o sucesso que o mesmo experimentava.¹²⁶

O folheto de Santiago Elejalde trata-se de seus trabalhos lidos nas conferências literárias que foram organizadas pela Sociedad Fomento de Bellas Artes, que teve sua primeira edição na noite de 12 de março de 1878, na rua Cangallo, 449. Com inúmeras interrupções, as conferências ocorreram até meados do mês de setembro. A participação era livre, em uma carta enviada para a redação do *La Broma*, a comissão diretiva da Sociedad Fomento de Bellas Artes inteirava que poderiam assistir e tomar parte das conferências damas, senhoritas e cavalheiros.¹²⁷ Contudo, se levarmos em conta a conclusão dada por Julio

¹²³ *La Broma*, 07 de noviembre de 1878. p. 3.

¹²⁴ “Hemos tenidos gustos de leer el folleto de nuestro apreciable amigo Santiago Elejalde; no queremos habrir juicio aun sobre el, porque sabemos que se preparan algunos criticos de fama que trataran sobre la cosa con mas imparcialidad”. *La Broma*, 15 de noviembre de 1878. p. 4.

¹²⁵ “Elejalde es un muy buen amigo, pero aun así, cuando necesitamos decir algo, no tenemos miedo de decirlo”. *La Broma*, 15 de noviembre de 1878. p. 4.

¹²⁶ Além da rua Bolivar, 58 outros três locais aparecem como pontos de venda do folheto, são eles: Rua Chile, 525, Rua Cordoba, 110 e Avenida Santa Fé, 111. *La Broma*, 15 de noviembre de 1878. p. 4.

¹²⁷ “El folleto de Elejalde”. *La Broma*, 20 de novembro de 1878. p. 1.

Cabot, parece que a adesão foi inferior à esperada, e outras notícias nos periódicos indicam que a falta de jovens que se dedicassem às tarefas literárias na comunidade fora uma das inúmeras dificuldades encontradas para proporcionar uma longevidade às conferências.

No dia 5 de dezembro, o periódico *La Perla* publicava um texto de responsabilidade de Julio Cabot, no qual o autor aproveitava para reiterar a despesa que a criação da Sociedade de Fomento de Bellas Artes teria ocasionado e o mínimo de benefícios que tal empreendimento havia trazido para a “sociedade de cor”. A nota terminava com um comentário sarcástico de Julio Cabot, sobre o fim das atividades da Sociedad Fomento de Bellas Artes. Dizia a nota:

O resultado da “Sociedad Fomento Bellas Artes”, anunciada com grande alegría e barulho, no entanto ela morreu de inacción, o que em seu testamento o legado a seus adeptos é alguns discursos, alguns impressos, outros não publicados [...] Portanto, bons resultados não tivemos. Presente de Gregos!!! Sociedad "Fomento de Bellas Artes" Descanse em paz.¹²⁸



Figura 7: Retrato de corpo inteiro do marinheiro Julio Cabot.

¹²⁸ “El resultado de la ‘Sociedad Fomento de las Bellas Artes’ que se anunció con golpes de Bombo [es que] ha muerto de inacción, lo que en su testamento lega a sus deudos es unos cuantos discursos, unos impresos, otros inéditos [...] Pero en cambio de los buenos resultados hemos tenido isto. *Presente Griegos!!!* Sociedad “Fomento de Bellas Artes” Descanse en paz”. “Fomento de Bellas Artes”. *La Perla*, 05 de diciembre de 1878. p. 1.

Arquivo pessoal de Norberto Pablo Cirio.

O folheto de Elejalde foi publicado no ano de 1878 pela oficina tipográfica do “El Economista” no endereço rua Alsina, 56. Trata-se de um folheto de quinze páginas que se inicia com uma breve nota ao leitor explicando o honroso convite que Santiago Elejalde recebera de um grupo de amigos que fazia parte da comissão diretiva da Sociedade de Fomento de Bellas Artes. Sabemos também que ele havia sido convidado a tornar-se membro desse centro literário. De acordo com Santiago Elejalde, o objetivo de tal associação era fazer conferências mensais, assim, difundindo na “sociedade de cor” o conhecimento que seus jovens membros possuíam.¹²⁹ Seguindo a narrativa da nota “Al Lector”, uma espécie de prefácio do folheto, a publicação apresentava os discursos lidos por Santiago Elejalde durante as conferências. No mesmo texto, o autor adverte ao leitor que sua produção apresentaria distintos temas. No entanto, havia uniformidade no conjunto da obra.¹³⁰

Os textos do folheto encontravam-se dispostos na seguinte ordem: “La union y su influencia”, “Los hijos son los que los padres quieren”, “Sueño” – um poema de autoria de seu irmão Mateo Elejalde –, “Las conferencias” e o “El pobre y el rico, e su influencia del oro”. Todos os cinco textos possuem uma data no final que corresponde ao dia em que os textos foram apresentados nas conferências.¹³¹

¹²⁹ ELEJALDE, Santiago. *Trabajos leídos en las conferencias celebradas por la sociedad “Fomento de Bellas Artes.”* Imprenta del “El Economista”. Buenos Aires, 1878.

¹³⁰ ELEJALDE, Santiago. *Trabajos leídos en las conferencias.* op. cit., p. 1.

¹³¹ *Ibidem*, ELEJALDE, 1878, p. 1.

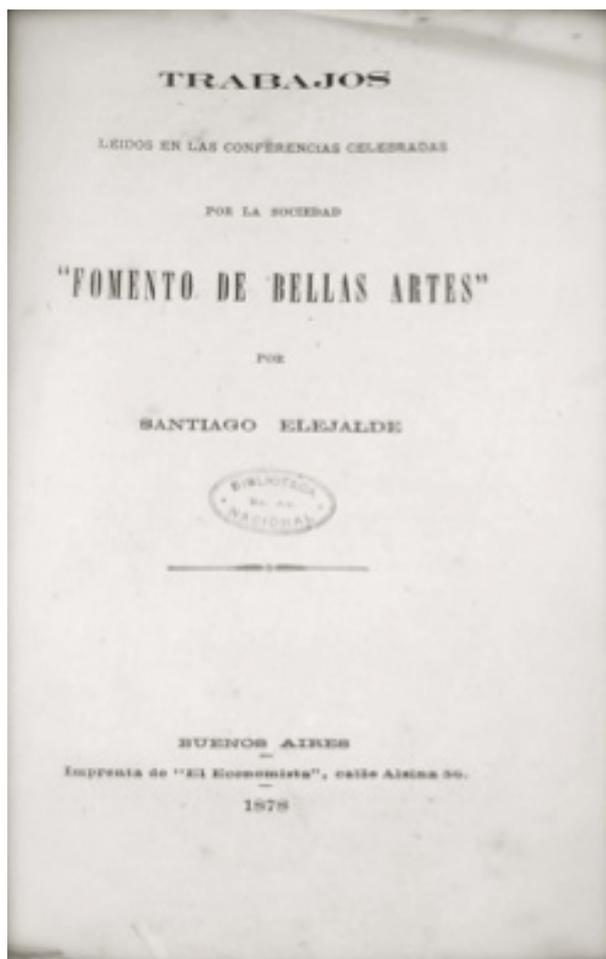


Figura 8: Capa do Folheto de Santiago Elejalde, 1878.

Diferentemente de Froilán P. Bello e outros personagens que aparecerão no decorrer desta pesquisa, as informações encontradas sobre Santiago Elejalde remetem somente às suas atividades dentro de seu grupo e àquelas registradas nas páginas da imprensa elaborada por eles. Será por meio dessa imprensa negra que irei pontuar algumas atividades em que Santiago Elejalde esteve envolvido. Contudo, vale ressaltar que, conforme indica o censo nacional de 1869, Santiago Elejalde nasceu em 1853.¹³² Já no censo nacional de 1895 na seção 17 aparece Santiago Elejalde com a data de nascimento para o ano de 1852 e com 43 anos. Assim, no ano de publicação do folheto, 1878, Santiago Elejalde deveria ter seus 25 anos de idade, o mesmo censo de 1895 ainda traz a informação sobre o seu ofício. De acordo com o registro, Santiago Elejalde era um funcionário do Congresso, não especificando a função que ele exercia.¹³³ Contudo, a informação que Elejalde ocupava um cargo público é

¹³² Censo Nacional de 1869. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/> último acesso, maio de 2020.

¹³³ Censo Nacional, 1895, seção 17. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/> último acesso, maio de 2020.

importante, pois pode explicar a razão pela qual o governo argentino decidiu investir por meio do Ministro da Justiça e Repartição Pública, Bonifacio Lastra,¹³⁴ na publicação de cem exemplares do folheto de Santiago Elejalde.¹³⁵

Santiago parece ter gozado de certo prestígio na comunidade que fazia parte. Tudo indica que o nosso personagem foi um jovem muito preocupado com a situação dos “homens e mulheres de cor”. Durante o ano de 1876, Santiago Elejalde escreveu uma série de textos à comissão diretiva do periódico *La Juventud*. Identificado como “hombre del pueblo”, escrevia com afincado dezenas de cartas e artigos que discorriam sobre a necessidade de se fundar uma associação de ajuda mútua, cujo propósito era dar assistências aos desfavorecidos. Em uma outra ocasião, Santiago Elejalde juntou-se aos redatores de *La Juventud* na tarefa de levantar uma lista de assinaturas para ajudar uma velha senhora desvalida que vivia em profunda miséria.¹³⁶ No dia 13 de fevereiro, em uma troca de correspondências entre Santiago e *La Juventud*, Santiago Elejalde registrou que há muito tempo ocupava-se com prazer da formação de uma sociedade de socorros mútuos. No entanto, seus pares não haviam constatado a importância de tal organização.¹³⁷ Em uma outra correspondência publicada no *La Juventud*, o redator do periódico afirmava: “A tarefa que o Sr. D. Santiago Elejalde se compromete mais uma vez resultará na fundação da honrável corporação de Socorros Mútuos”.¹³⁸

A intensa relação entre Santiago Elejalde e o periódico *La Juventud* era mantida por razão de ambos perceberem a prerrogativa que ofereceria à criação de um centro de assistência para um grupo em que a maioria dos membros eram pobres e quase não tinham meios de subsistência.¹³⁹ Por isso convinha que o Santiago Elejalde junto com redatores de *La Juventud* empreendesse uma ardente campanha para fundar uma associação de Socorros

¹³⁴ Argentino, com formação em direito. Esteve à frente de vários ministérios durante o governo de Nicolás Avellaneda, entre eles o Ministério da Fazenda. Faleceu em 20 de junho de 1896.

¹³⁵ No editorial do dia 06 de dezembro de 1878, *La Broma*, publicou um agradecimento ao governo da nação e particularmente saudou a Bonifacio Lastra e seu ministério por publicar cem exemplares do folheto de Santiago Elejalde. Pois conforme atesta o editorial, essa foi a primeira vez que tal feito ocorria entre a “sociedade de cor”. “Baca Precedente”. *La Broma*, 06 de diciembre de 1878. p. 1

¹³⁶ “Acto de filantropia”. *La Juventud*, 30 de enero de 1876. p. 1.

¹³⁷ “Tomen Ejemplo”. *La Juventud*, 13 febrero de 1876. p. 1.

¹³⁸ “La tarefa que nuevamente vuelve á emprender el Sr. D. Santiago Elejalde, dará por resultado lá fundacion de la honorable corporacion de Socorros Mutuos”. “El hombre del Pueblo”. *La Juventud*, 27 de febrero de 1876. p. 1.

¹³⁹ GELER, Lea. “Negros, pobres y argentinos. Identificaciones de raza, de clase y de nacionalidad en la comunidad afroporteña, 1870-1880”. *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos*, nº 4. L’Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de París, Francia. URL: <http://nuevomundo.revues.org/449>. 2005.

Mútuos, cujo propósito seria aliviar o sofrimento e combater a miséria de “homens e mulheres de cor”.¹⁴⁰

O nosso personagem esteve envolvido em inúmeras outras atividades. Entre os anos de 1876 a 1880, o nome de Santiago Elejalde aparece nos periódicos associado a inúmeras listas para levantar recursos às associações existentes e em vários outros afazeres. No mês de janeiro de 1876, *La Juventud* publicou um informe assinado por Antonio Viera, B. Vasquez e Santiago Elejalde que dizia que esses rapazes estavam alugando um salão de baile que seria inaugurado no dia 15 do mesmo mês. Segundo o informe, a ideia era oferecer um espaço de distração e diversão à sociedade.¹⁴¹ Dois anos mais tarde, em 03 de março de 1878, um boletim extraordinário de *La Broma* anunciava um baile de máscaras com quatro noites de consecutivos festejos no salão “La Ninfa Porteña”, alugado por Santiago Elejalde.¹⁴²

Grandes bailes de máscaras são preparados para sábado, 2, domingo, 3, segunda, 4, terça, 5, nos amplos salões de "La Ninfa Porteña" rua Paraguai 293 entre Suipacha e Artes. O nosso amigo Elejalde, não omite meios para proporcionar aos concorrentes todo o conforto possível. A decoração das salas é suntuosa, a orquestra é excelente, está sob a direção do destacado jovem Estanislao Grijera. Toda a sociedade deve ir para "Ninfa Porteña" porque Elejalde é digno de seu apoio, ainda mais quando os sucessivos infortúnios sofridos em sua família o arruinaram, deixando-o quase na miséria [referência as mortes dos dois filhos de Elejalde]. Acreditamos, de nossa parte, cumprir um dever de amizade anunciado em boletim especial a inauguração da casa de Elejalde - seus amigos em particular e a sociedade em geral devem fazer o mesmo, comparecendo a ela nos dias indicados, e no sábado e domingo seguintes que também haverá bailes. Já sabemos de várias famílias ilustres que se preparam para comparecerem, que os outros os imitem são os nossos desejos.¹⁴³

A redação.

¹⁴⁰ É possível rastrear as organizações dos homens de cor desde o período colonial, no entanto, a última metade do século XIX foi um marco do associativismo negro em Buenos Aires, nesse período multiplicaram-se organizações de vários aspectos.

¹⁴¹ “Salones de las delicias porteñas”. *La Juventud*, 08 de enero de 1876. p. 2.

¹⁴² “Boletín extraordinario”. *La Broma*, 03 de marzo de 1878. p. 1.

¹⁴³ “Grandes bailes de máscaras se preparan para el sábado 2, Domingo 3, Lunes 4, Martes 5, en los espaciosos salones de "La Ninfa Porteña" calle de Paraguay 293 entre Suipacha y Artes.

Nuestro amigo Elejalde, no omite medio con tal de proporcionar á los concurrentes toda la comodidad posible. – El adorno de los salones es suntuoso, la orquestra inmejorable, está bajo la direccion del aventajado jóven Estanislao Grijera.

La sociedad debe entera acudir á "Ninfa Porteña" pues Elejalde es digno de su proteccion, tanto mas cuando desgracias sucesivas sufridas en su familia lo han arruinada dejándolo casi en la miséria.

Creemos por nuestra parte cumplir con un deber de amistad anunciado en una hoja especial la apertura de la casa de Elejalde – sus amigos en particular y la sociedad en general deben hacer otro tanto concurriendo á ella en los dias indicados, y el Sábado y Domingo siguiente que tambien habrá bailes.

Sabemos ya de varias familias distinguidas que se preparan para asistir, que las imiten las demas son nuestros deseos. La redaccion. “Boletín extraordinario.” *La Broma*, 03 de marzo de 1878. p. 1.

Santiago Elejalde foi um dentre as dezenas de intelectuais negros que se preocupava com a situação desfavorável que experimentava a “sociedade de cor” de Buenos Aires. Por consequência, ele, em diálogo com outros intelectuais negros, os quais intentavam superar as diversidades que atingiam os afro-portenhos, buscavam estratégias para vencer a situação penosa da “coletividade de cor” podendo ser compreendidas através das tentativas e dos triunfos na construção de associações de ajuda mútua, assim como, por meio dos opúsculos elaborados por intelectuais negros em Buenos Aires como, nesse caso, o folheto de Santiago Elejalde.

1.5 O Folheto de Elejalde.

Subverter a ordem dos textos que compõem o folheto de Santiago Elejalde pode nos ajudar a compreender o conjunto de ensaios escritos por ele. Visto que, como já foi dito acima, a leitura dos textos em conjunto era uma das instâncias proposta pelo autor. Além do mais, já apontamos que a divisão dos textos do folheto contrasta com as datas em que os textos foram lidos durante as conferências. Desta maneira, o penúltimo texto do folheto, intitulado “Las Conferencias”, foi o primeiro a ser apresentado por Santiago Elejalde durante as conferências da Sociedad Fomento de Bellas Artes. O texto é uma espécie de elucidação sobre o que são as conferências e quais seriam os seus objetivos. De modo que, nos primeiros parágrafos é possível ler:

Senhoras e senhores: As conferências não representam apenas uma mero agrupación de individuos cujo, o centro tem como objetivo proporcionar momentos mais ou menos agradáveis; elas têm outra missão mais nobre a cumprir quando são instituídos no meio de uma sociedade como a nossa, que tem que trabalhar tanto para se posicionar a altura do século. Através de seus meios, é feito um esforço para estimular a juventude e fazer com que nossa sociedade desperte de sua letargia, porque ninguém ignora quem dorme contra as regras da natureza, porque seu espírito realiza três sonhos ao mesmo tempo: ignorância, inação e indiferença.¹⁴⁴

¹⁴⁴ “Señoras y Señores:

Las conferencias no solo representan una mera agrupacion de individuos en cuyo seno se proporcionan momentos mas ó menos agradables, no, ellas tienen otra mision mas noble que llenar cuando se instituyen en medio de una sociedade como la nuestra que tanto tiene que trabajar para colocarse á la altura del siglo. Por sus médios se procura estimular á un buen fin á la juventud, y hacer que nuestra sociedad despierte de su letargo, pues nadie ignora que ella duerme contra las reglas de la naturaleza, porque embargan su espiritu três sueños á la vez, la ignorancia, la innacion y la indiferencia. ELEJALDE, Santiago. *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., p. 12- 13.

Seguindo o raciocínio de Santiago Elejalde, percebe-se que para o autor existia uma explicação plausível para a situação em que a “sociedade de cor” permanecia na “ignorância, inação e indiferença”. A razão da permanente situação era histórica, ou seja, era consequência da escravidão a qual seus pais e avós haviam sido submetidos. Vale destacar que a escravidão na Argentina foi abolida no ano de 1853. No entanto, como Buenos Aires não fazia parte da federação nesse período, a escravidão na cidade foi abolida somente em 1861.¹⁴⁵ Do ponto de vista de Santiago Elejalde, os anos de escravidão junto ao chicote do capataz, submeteram “seus pais”, perverteram seus sentimentos e espoliaram suas mais nobres aspirações.¹⁴⁶ Em razão disso, Santiago argumenta:

[...] quando a santa luz da liberdade brilhou para eles, eles não estavam mais em uma atitude de aprendizagem, esgotaram suas forças, os anos [de escravismo] secaram a seiva que revigora as facultades intelectuais. Em tal condição, o que eles poderiam transmitir aos seus descendentes, mas que conhecimentos limitados, esta é, señores, a história e a causa do nosso declínio social.¹⁴⁷

No entanto, para Santiago, a situação presente poderia ser alterada através de um esforço comum – reunir por meio das conferências o maior número possível de ouvintes. Para Santiago Elejalde, a criação de uma associação em que pudessem ser realizadas conferências literárias, tornar-se-ia um dos meios adequados para ilustrar a sociedade da qual fazia parte. Portanto, a criação de uma instituição moderna, o apelo à participação da “sociedade de cor” nas conferências realizadas por essa instituição, era só mais um dos meios pelos quais os intelectuais negros buscavam o afastamento de seu grupo do atraso e da ignorância, dois problemas que, na interpretação dos intelectuais negros, assolavam os afro-portenhos.

Em *Darwinismo, raça e gênero: Projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)*, a historiadora Karoline Carula esclarece que a prática de conferências estava extremamente ligada com cenário de modernização que

¹⁴⁵ FREGA, Ana; BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. “*Esclavitud y abolicion en el Río de la Plata en tiempos de revolución y república*”. In: Memorias del Simposio - La ruta del esclavo en el Río de la Plata: su historia y sus consecuencias. Montevideo: UNESCO, 2005, p. 117-150. PERRI, Gladys. “De la esclavitud a la libertad. La participación de los esclavos bonaerenses en el proceso de emancipación.” *Seminario Estudios sobre la cultura afrorioplatense Historia y Presente*, Montevideo, 2003.

¹⁴⁶ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., p. 13.

¹⁴⁷ “[...] cuando a luz santa de la liberdade alumbró para ellos no estaban ya en actitud de aprender, habían agotado sus fuerzas, los años y los sufrimientos habían secado la savia que vigoriza las facultades intelectuales”. En tal condición, qué podían transmitir á sus descendientes, sino gérmenes de atraso, – Esa es, señores, la historia, y la causa de nuestra decadencia social. ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., p. 13.

ocorria na capital brasileira do século XIX. A realização de conferências literárias e científicas tinha caído no gosto de uma parcela da população, principalmente da camada letrada que comparecia em busca de obter conhecimentos e conseqüentemente mostrar para o resto da sociedade que estavam em sintonia com as novidades tecnológicas e científicas. Outro elemento importante oferecido pela autora é que, esses espaços no qual ocorriam as conferências tornavam-se também locais de entretenimento da sociedade letrada. Isto é, para o caso do Rio de Janeiro oitocentista, essas conferências eram espaços de pessoas privilegiadas, “raça” e gênero eram requisitos para o acesso.¹⁴⁸

É possível que movimento similar tenha ocorrido na capital argentina e em outras cidades das Américas. No livro *Los primeros modernos: Arte y Sociedad en Buenos Aires a fines del siglo XIX*, ao estudar a criação da SEBA (Sociedad de Estímulo de Bellas Artes) fundada em 1876, nome que os afro-portenhos usaram para batizar a sua sociedade literária dois anos mais tarde, em 1878, trocando apenas a palavra “Estímulo” por “Fomento”,¹⁴⁹ a pesquisadora Laura Malosetti Costa reconstitui a formação da SEBA, e logo fica evidente que essa sociedade foi formada por apenas homens brancos e da alta sociedade. Mesmo os fundadores da SEBA tendo aproximações com algumas figuras afro-portenhas como Juan Blanco de Aguirre, esse acabou não sendo membro da instituição o que pode ser mais um indício das barreiras que muitos dos escritores e artistas negros de Buenos Aires tinham para ingressar em uma Associação que não fosse elaborada por eles próprios. Em vista disso, restava a muitos afro-portenhos constituírem paralelamente suas próprias instituições.¹⁵⁰

Ao notificar sobre a importância do folheto de Santiago Elejalde, o editorial de *La Broma*, de novembro de 1878, discorria de forma muito parecida sobre a importância das conferências para a “sociedade de cor” e convocava os demais participantes que fizessem o mesmo que Santiago – publicar seus trabalhos que foram lidos durante as conferências, pois,

¹⁴⁸ CARULA, Karoline. *Darwinismo, Raça e Gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870 - 1889)*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2016.

¹⁴⁹ Algumas poucas vezes os afro-portenhos também utilizaram a palavra Estímulo para referenciar associação criada por eles (Bellas Artes). No entanto, é mais comum aparecer nos jornais da seguinte forma: Sociedad Fomento de Bellas Artes.

¹⁵⁰ Juan Blanco de Aguirre estudou em Florença, Itália junto com os fundadores da SEBA. GHIDOLI, Estereótipos em negro, op. cit., p. 210. Ver também: COSTA, Laura Malosetti. *Los Primeros Modernos: arte y sociedad en Buenos Aires a fines del siglo XIX*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001. Para uma maior compreensão sobre as barreiras encontradas entre “personalidades de cor” ao tentarem ingressar nos clubes e associações fundados pelas elites no século XIX, consultar o texto de Rodrigo Camargo de Godoi, sobre o editor, Francisco de Paula Brito. GODOI, Rodrigo Camargo de. Cor e política no Segundo Reinado: o editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro (1840-1850) In: *Pensadores Negros - Pensadoras Negras, Brasil, século XIX e XX*. Editora, Fino Traço. 2016.

para o redator do periódico, o folheto de Elejalde deveria servir de estímulo para os demais escritores negros e, quanto mais os trabalhos lidos nas conferências fossem impressos, mais evidente ficava o progresso social que a “sociedade de cor” vivia. Além do mais, segundo a objeção do redator, afastaria alguns “dos irmãos que ainda têm seu espírito dominado pela ignorância...”.¹⁵¹ Ainda no mesmo número de *La Broma*, Casildo G. Thompson e Froilán P. Bello assinavam um artigo explicando que levantariam uma lista de assinaturas para reunir fundos para publicação dos melhores textos lidos nas conferências. O valor arrecadado com as vendas dos impressos seria doado à Sociedad de Socorros “Mutuos La Protectora”. Não obstante, tal projeto parece não ter ido à frente. Ao menos os jornais não mencionam nada sobre o feito.¹⁵²

Ao longo de todo seu folheto, Santiago Elejalde demonstra-se sempre muito modesto. Em toda sua obra, o escritor considera-se “insuficiente”, “de pobre concurso”, acredita que sua produção é “desprovida de arte” e seu conhecimento é “escasso”.¹⁵³ Isso pode revelar os limites impostos aos “homens e mulheres de cor” no mundo das letras na Buenos Aires oitocentista. Todavia, como demonstra a historiadora Maria Helena Machado, em distintos lugares do mundo, “pessoas de cor”, mesmo encontrando dificuldades, apanharam a tinta e a caneta e, por meio dessas, granjearam um lugar no universo literário – mesmo que esses escritos fossem lidos apenas pelos seus pares.¹⁵⁴

Para o caso de Buenos Aires do século XIX, a trajetória da família Mendizábal pode ter sido um caso excepcional, pois, em certo nível, muitos dos membros dessa família conseguiram ultrapassar as barreiras impostas pelo preconceito de cor e introduzir-se no universo elitista das letras no qual as pessoas que eram descendentes de africanos nunca foram a maioria. Portanto, escrever para o “leitor comum” parece ter sido a sina da maioria dos escritores afro-portenhos.¹⁵⁵

¹⁵¹ “hermanos q’auin tienen su espíritu dominado de ignorancia...” “A Nuestros Favorecedores”. *La Broma*, 26 de noviembre de 1878. p. 1.

¹⁵² “Casual.” *La Broma*, 26 de noviembre de 1878. p. 2.

¹⁵³ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., Introdução.

¹⁵⁴ No caso, a autora está analisando a obra de Maria Firmina dos Reis, escritora negra nascida em São Luís, Maranhão, em 11 de outubro de 1825. Maria Firmina dos Reis é autora do romance *Úrsula* publicado no ano de 1859. REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo, 2018. Companhia das Letras. Nesse caso ver a introdução. TOLEDO, Maria Helena M. Maria Firmina dos Reis: Invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. (In) *Úrsula*. São Paulo, 2018. Companhia das Letras. Ver também FERREIRA, Ligia Fonseca. *Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

¹⁵⁵ Apoiando-se nas reflexões de Virginia Wolf, Beatriz Resende, professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora da obra do escritor Lima Barreto apresenta a concepção do “leitor comum”. Esse é segunda autora: “o leitor apressado, superficial e inexato, que no entanto, tem voz

Em uma carta escrita a Santiago Elejalde e reproduzida no periódico *La Perla* em fevereiro de 1879, um indivíduo que se identifica pelo pseudônimo U.B Lucero escreve a Santiago empregando um tom muito deliciado após ter lido o folheto. Entre tantas aprovações feitas a Santiago Elejalde, U.B Lucero aproveitava para fazer um balanço dos textos publicados no folheto.¹⁵⁶

O primeiro texto do folheto de Santiago Elejalde leva o título de “La union y su influencia”, é um apelo do autor em demonstrar as vantagens da união para a sociedade. Usando referências de acontecimentos externos à nação argentina, Santiago Elejalde tece uma narrativa das experiências vividas pelos franceses durante a guerra Franco-Prussiana. Em síntese, o autor entende que os conflitos de 1870 e 1871 foram motivados pela desunião da sociedade francesa. Não obstante, para o autor, foi por meio da figura de Thiers que a França percebeu que somente com a união de seus cidadãos ela conseguiria derrotar o inimigo externo, a Prússia.¹⁵⁷ Do ponto de vista de Santiago Elejalde, o exemplo da experiência francesa era de grande relevância não só para o grupo do qual ele fazia parte, mas também para toda sociedade argentina, que durante boa parte do século XIX passava por conturbados momentos políticos. Santiago Elejalde demonstrava os benefícios da união diante da desunião. Consequentemente, U.B Lucero escrevia:

Mas você não apenas manifesta a utilidade de condensar as forças isoladas dos membros, mas também de dar uma rápida olhada no estado atual do seu país e colocando um exemplo brilhante da França, renascida pela união até proclamar a República, você dá base para analisarmos a grande conveniência de unificar os cidadãos em todos os seus esforços para que, a nação argentina possa incorporar seu grande destino - Este objetivo patriótico de sua conferência é plausível e tenho o prazer de lhe prestar os elogios merecidos, acrescentando mais um mérito ao seu trabalho e a forma concisa e clara com que desenvolve e elucida seus argumentos”.¹⁵⁸

ativa no mundo editorial”. Utilizando o argumento do dr. Johnson, “que difere o leitor comum do crítico e do erudito pela falta de instrução e por ter o prazer como motivação”. RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*. Companhia das letras. 2017.

¹⁵⁶ “Carta.” *La Perla*, 05 de febrero de 1879. p. 1- 2.

¹⁵⁷ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “La union y su influencia”, p. 5- 6.

¹⁵⁸ “Pero no solo vd manifiesta la utilidad condensar las fuerzas aislada de los sócios, si no que arrojando una mirada rápida al estado actual de su pátria y poniendo de frente un brillante ejemplo de la Francia, renaciendo por la union hasta proclamar la Republica, desciente luego á comprobar la grande conveniência de unificar los ciudadanos todos sus conatos para que si la Nacion Argentina pueda encarnar su grandiosa destino – Este objeto patriótico de su conferencia, es plausible y yo me congratulo de tributarle el elogio merecido, añadiendo um mayo mérito a su trabajo la forma concisa y clara que com que desenvuelve y esplana sus argumentos”. “Carta.” *La Perla*, 05 de febrero de 1879. p. 2.



Figura 9: Reprodução do folheto de Santiago Elejalde no periódico *La Broma*, 01 de enero de 1880.

O texto “El pobre y el rico, y la influencia del oro” é uma investida de Santiago Elejalde em evidenciar os males da pobreza. Contrapondo um provérbio que circulava na época, segundo o qual “o pobre é mais feliz que o rico”, Santiago elaborava seu argumento demonstrando os proveitos da riqueza. Para tal fim, ele articulava seu raciocínio demonstrando que, em nenhum caso, o pobre pode ser mais feliz que o rico. Mesmo ciente que: “[...] a lei do sofrimento pesa sobre toda a humanidade [...]”. Santiago Elejalde articulava alguns exemplos a fim de demonstrar as desigualdades entre ricos e pobres e as mazelas que a pobreza tem provocado nesses últimos.¹⁵⁹

Chama a atenção a preocupação que Santiago tem com o suicídio. Para o autor esse era de fato a medida limite que a pobreza causava na vida das pessoas. Nas palavras de Santiago Elejalde: “Mais de uma vez vimos um pai pobre se suicidar porque seus filhos lhe

¹⁵⁹ “[...] la ley del sufrimiento pesa sobre la humanidad entera [...]”. ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. p. 14.

pediram pão, e ele não sabia onde consegui-lo [...]".¹⁶⁰ Mais adiante escrevia Santiago: "Há momentos terríveis na vida do pobre homem, que geralmente não encontra senão duas soluções, a desonra ou a morte [...]".¹⁶¹ Em seu livro, Lea Geler analisa os informes sobre suicídio nos periódicos afro-portenhos.¹⁶² Por meio deles, a autora tenta compreender as razões que levaram alguns membros da comunidade a praticar tal ato. A partir da perspectiva proposta por Emile Durkheim, na qual o suicídio deve ser também entendido por meio das condições sociais, Lea Geler procura entender o que estava sucedendo com a comunidade afro-portenha. Nas palavras da autora:

Uma comunidade "excluída" da definição nacional, discriminada e empobrecida, marginalizada econômica e socialmente e discursivamente fora da onda de "progresso" que envolveu o país. E isso era conhecido pelos intelectuais subalternos, que tentavam substituir o pessimismo e o desespero por um desejo de mudança e imaginar um futuro.¹⁶³

O periódico *La Juventud* publicou um texto de Celina Riglos¹⁶⁴, a poetisa dizia para os redatores do jornal que continuassem trabalhando pelo bem da comunidade, pois, segundo ela, os responsáveis pelo periódico "devem criar uma plataforma popular [uma associação], de onde deveria lançar-se palavras vibrantes para seus próprios irmãos e, com discursos pacíficos, combater o pessimismo, que é o que produz suicídio". Para Celina Riglos, o combate ao suicídio deveria ser travado por meio da propagação de ideias que fortalecessem a união e a fraternidade, moral e intelectual dentro da "sociedade de cor".¹⁶⁵

¹⁶⁰ "Mas de una vez hemos vistos á un pobre padre suicidarse porque sus hijos le pedian pan, y el no sabia de onde sacarlo [...]". ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., "El pobre y el rico, y la influencia del oro". p. 14- 15.

¹⁶¹ "Hay momentos terribles en la vida del hombre pobre, em que no suele encontrar sino dos soluciones, lá deshonra ó la muerte [...]". ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., "El pobre y el rico, y la influencia del oro". p. 15.

¹⁶² Lea Geler cita cinco casos de suicídios: os de Mariano Martinez, Maxima Obligado, Nicanor Perez Milan, Desiderio Giles e Peregrino Hidalgo, nessa ordem. *Andares Negros, Caminos Blancos*, capítulo 8.

¹⁶³ "una comunidad expulsada de la definición nacional, discriminada y pauperizada, marginada económica, social y discursivamente de la ola de 'progreso' que envolvía al país. Y esto lo sabían los intelectuales subalternos, que intentaban que el pesimismo y la desesperación fueran reemplazados por ansias de cambio e ilusión en el porvenir". GELER, Lea. *Andares negros caminos blancos: afroporteños, estado y nación argentina a fines del siglo xix*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010.

¹⁶⁴ Foi colaboradora do periódico *La Juventud*. De acordo com Lea Geler, Celina Riglos publicou o primeiro capítulo de um conto intitulado "Um episodio" no *La Juventud*, em 1878, cujo a história não teve sequência no periódico.

¹⁶⁵ "Allí, débéis levantar una tribuna popular, desde donde débéis lanzar palabras vibrantes a los propios hermanos y con discursos pacíficos combatir el pesimismo, que es lo que le produce el suicide". "¡Al partir!". *La Juventud*, 10 de marzo de 1878. p. 1- 2.

Por conseguinte, Santiago Elejalde, por intermédio de seu folheto, comprometia-se no combate ao suicídio, pois para ele tal ato acabava não resolvendo o problema, e o homem que cometia suicídio acabava deixando sua família em piores condições, sem saber se eles conseguiriam seguir um caminho, órfãos, e usufruir de um bom sustento. Acompanhemos o trecho:

A planta humana difere um pouco das outras, uma árvore se seca quando sua raiz é extraída, mas uma família não desaparece quando seu chefe morre, nunca deve apelar ao suicídio, não deve ter vergonha de implorar, já que nada é remediado por isso." mas, para deixar nossos parentes em piores condições sem saber se eles terão a coragem de seguir o exemplo de honestidade que deixamos, ou se a existência deles está ameaçada, e eles recorram a meios impróprios para mantê-la. É conveniente, por esse motivo, que o homem preserve sua serenidade até o último momento e toque em todas as fontes que ele tem honorabilidade, antes de tomar uma resolução violenta.¹⁶⁶

O último texto que irei analisar leva o título: “Los hijos son lo que los padres quieren”. Esse texto elevou os ânimos de inúmeros intelectuais afro-portenhos. No entanto, não temos aqui espaço para tratar de todas as resenhas e comentários que apareceram nos periódicos. Contudo, por meio da imprensa negra de Buenos Aires, vamos apresentar algumas cartas e artigos que despontaram nas páginas dos periódicos – ora elogiando o texto, ora criticando.

Lido na noite de 30 de julho de 1878, o texto de Santiago Elejalde fez um contraponto a uma exposição feita por Ernesto Mendizábal durante as conferências. Ernesto Mendizábal foi uma figura de destaque entre os afro-portenhos. Jornalista, colaborou ativamente na imprensa de Buenos Aires e Montevideú, escreveu inúmeros livros, entre eles uma biografia de Domingo Faustino Sarmiento. Ele foi também um dos fundadores da Sociedade Fomento de Bellas Artes.¹⁶⁷

¹⁶⁶ “La planta humana difiere en algo de las demás, un arbol se seca cuando se ha minado su raiz, pero una familia no desaparece cuando su gefe muere, no debe nunca apelarse al suicidio por rubor de mendigar, puesto que nada se remedia con eso, sino dejar á nuestro deudos em peores condiciones sin saber si ellos tendrán el valor de seguir el ejemplo de honradez que le dejamos, ó si viendo amenazada su existecia recurrían á medios imprópios para mantenerla.

Conviene por esta razon que el hombre conserve su serenidade hasta el ultimo momento y toque todos los resortes que ha honorabilidad indica antes de tomar una resolucion violenta”. ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. p. 16.

¹⁶⁷ A bibliografia especializada sobre os afro-argentinos pouco se debruçou sobre a família Mendizábal. Os poucos trabalhos existentes tratam as experiências dos membros da família de forma separada. Existem artigos sobre Rosendo A. Mendizábal (pai de Horácio e Ernesto, avô de Rosendo Mendizábal). Nascido em 1810-11 Rosendo A. Mendizábal, foi militar e obteve algum destaque em sua época. Rosendo, mesmo sendo “homem de cor” foi um dos que objetou o nome do periódico *La Raza Africana*, pois em uma carta enviada a redação de *La Raza*, Rosendo Mendizábal escreveu que achava desnecessário um periódico que tratasse exclusivamente dos anseios da “comunidade de cor”. Seu filho Horácio Mendizábal é visto pelos pesquisadores como um

Mais uma vez se mostrando modesto e reconhecendo sua insuficiência – como ele próprio diz –, Santiago Elejalde vai elaborar seu argumento com o propósito de combater a teoria de seu amigo Ernesto Mendizábal.¹⁶⁸ Infelizmente, o texto de Ernesto Mendizábal é inacessível, uma vez que foi apresentado oralmente em uma das conferências e tudo indica que nunca foi reproduzido em nenhum dos periódicos ou em outros impressos.¹⁶⁹ No entanto, por meio do contraponto feito por Santiago Elejalde e outros comentários nas páginas dos jornais, foi possível captar algumas ideias do texto lido por Ernesto Mendizábal nas conferências da Bellas Artes.

Logo no início de seu texto, Santiago Elejalde apresenta a teoria desenvolvida por Ernesto Mendizábal. Diz o texto:

Esse jovem, em que uma composição bem combinada e lúcida leu nesta mesma sala, sustenta que os filhos não são o que os pais querem, negando ao mesmo tempo a influência que estes podem exercer sobre o coração daqueles por meio de conselhos sábios e nobres exemplos.¹⁷⁰

Tendo como base o argumento de Ernesto Mendizábal e distanciando-se dele, Santiago Elejalde vai desenvolver seu argumento de maneira consistente com a finalidade de contrapor as teorias de seu colega, que na ocasião se tornaria o seu alvo. Sintetizando, para Ernesto Mendizábal, os filhos nem sempre se tornam aquilo que seus pais almejam para eles, dado que, nas palavras do autor: "Se a constituição de um homem é formada devido ao esforço ou ensino de outro homem, ele tem que concordar que o mundo pode ir [caminhar] sem um Deus".¹⁷¹ Ou seja, por sua vez, Ernesto Mendizábal contraria a ideia de que os pais

escritor talentoso e alguns de seus escritos encontram-se nos arquivos da cidade de Buenos Aires. Horacio Mendizábal faleceu ainda quando era muito jovem em 1871, vítima da febre amarela. No entanto, com seus vinte e poucos anos de idade já havia publicado alguns livros. Ernesto Mendizábal foi uma figura de destaque na "comunidade de cor". Em nossa pesquisa o personagem será melhor apresentado no segundo capítulo. Rosendo Mendizábal (neto) que ficou conhecido como Anselmo Rosendo, é considerado o pioneiro do tango, pois a primeira letra de tango registrada é de sua autoria.

¹⁶⁸ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., "El pobre y el rico, y la influencia del oro". "Los hijos son lo que los padres quieren". p. 7.

¹⁶⁹ Ao menos os jornais não mencionaram que o texto foi impresso.

¹⁷⁰ "Este joven en que bien combinada y lucida composicion leida en este mesmo recinto, sostiene que los hijos no son lo que los padres quieren, negando á la vez, la influencia que estos pueden ejercer en el corazon de aquellos por médio de los sábios consejos y nobles ejemplos". ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., "El pobre y el rico, y la influencia del oro". "Los hijos son lo que los padres quieren". p. 7.

¹⁷¹ "si lá constitucion de un hombre se forma debido al esfuerzo ó lá enseñanza de otro hombre, tiene que convenirse en que el mundo puede marchar sin un Dios" "Los hijos son lo que los padres quieren". ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., "El pobre y el rico, y la influencia del oro". "Los hijos son lo que los padres quieren". p. 7.

influenciam seus filhos. Para Ernesto, “nada faz a educação doméstica, já que essa não está em contradição com o presente século”.¹⁷²

Pensamento oposto tinha Santiago Elejalde. Seu texto é cheio de referências ao Velho Testamento, sobretudo ao livro de Gênesis. Fazendo alusões ao início do mundo, o autor produziria um dos textos de maior repercussão entre os intelectuais negros de Buenos Aires. Para Santiago Elejalde, todos já conheciam a história da humanidade e que essa tinha sua origem em dois seres: Adão e Eva, os quais conceberam Caim e Abel e, com o propósito do grande “Creador”, esses sucederam as gerações, cumprindo assim o mandato do “Senhor”.¹⁷³ Portanto, no entendimento de Santiago, essas “investidas divinas” se fizeram extensivas a todos homens e mulheres, e assim se formava a grande família humana, cujos os pais tinham como missão educar seus filhos dando seguimento na edificação dos preceitos divinos. Esclarece Santiago Elejalde:

Então, quando o homem exerce domínio sobre os animais, ele os domina e os torna elementos úteis para o trabalho, como quando ele conduz seus filhos pelo caminho que acredita ser bom, ele não usurpa direitos que não possui, cumpre fielmente sua missão.¹⁷⁴

Se o pai tinha como tarefa preparar o filho para a sua profissão, sendo que esse deveria ter um ofício, que apetecesse ao pai, tal incumbência não seria possível sem a educação que a mulher – a mãe – deveria dar à criança na fase inicial de sua vida. Por conseguinte, a educação doméstica estava encomendada à mulher, que na visão de Santiago Elejalde era: "O anjo do lar a quem Deus quis confiar e tem a nobre missão de formar o coração do homem na infância".¹⁷⁵ E no entendimento de Santiago, a boa mulher deveria estar preparada para tal fim, saber impor nobres sentimentos no coração da criança.

¹⁷² É comum encontrar nas páginas dos periódicos referências ao atraso da comunidade. E a frase de Ernesto Mendizábal evidencia que para muitos afro-portenhos as formas de instrução da “sociedade de cor” era vista como antiquada dentro de uma país que passava por mundanças modernizadoras em suas instituições, “Vermos si se hace”. *La Perla*, 22 de junio de 1879. p. 1.

¹⁷³ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. “Los hijos son lo que los padres quieren”. p. 6.

¹⁷⁴ “Asi pues cuando el hombre ejerce predominio sobre los animales los domestica y los hace elementos útiles al trabajo , como cuando encaminha á sus hijos por el sendero que el cree bueno, no usurpa derechos que no tiene, cumple fielmente su mission”. ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. “Los hijos son lo que los padres quieren”. p. 8.

¹⁷⁵ “el ángel del hogar á quien Dios ha querido confiar ha noble mision de formar el corazon del hombre en la infancia”. ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. “Los hijos son lo que los padres quieren”. p. 8.



Figura 10: Retrato de Ernesto Mendizábal aparecido em seu livro *Historia de un crimen* 1881.

Em seu texto *Conflicto social, maternidade y “degeneración de la raza”*, Marcela Nari destaca que, para as últimas décadas do século XIX e início do XX, as elites argentinas produziram – no sentido ideológico – uma ordem vigente na qual a mulher tinha uma “missão sagrada”, instruir a criança nos anos iniciais, devendo contribuir para o funcionamento da sociedade. A partir daí, a escola e a família foram duas instituições importantes a que a elite aferiu responsabilidades na elaboração de uma ordem social, na qual a mulher tinha um papel preponderante.¹⁷⁶ Para Marcela Nari, o grande número de imigrantes que adentravam o país provocava profundas mudanças no âmbito econômico, político e social, e a “elite tradicional argentina” começava a sentir-se ameaçada com os movimentos organizados de trabalhadores, suas associações e sindicatos. Nesse sentido, essa elite certificou-se que deveria de forma urgente buscar soluções que impedissem a “degeneración da raza”, isto é, a degradação da ordem e valores da aristocracia argentina. Dentro dessa acepção de valores corrompidos, a

¹⁷⁶ NARI, Marcela A. "Conflicto social, maternidad y 'degeneración de la raza'". In: FLETCHER, L. (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria, 1994. p. 207-216.

elite argentina forjava novos códigos morais de comportamentos que de seu ponto de vista protegeria a Nação, “garantindo uma população sã, forte e próspera”.¹⁷⁷

Fundamentado nessas novas formas de condutas, foi se construindo uma imagem de um novo sujeito social e moral no espaço público e privado em que alguns códigos sociais do homem – como a entrega ao trabalho, o cuidado familiar, o asseio nas vestimentas entre outros – eram elementos positivos que ajudaram a contribuir para o progresso da sociedade. Em contrapartida, a mulher foi situada no espaço doméstico. Reservada à esfera privada, a mulher, basicamente, deveria se concentrar nas funções maternas e nas necessidades dos membros do lar. Muitos dos intelectuais da elite argentina da época defendiam essas concepções sobre o papel da mulher na sociedade: preceptora da educação inicial das crianças e cuidadora da casa. No que corresponde aos intelectuais negros, especificamente a Santiago Elejalde que, como vimos, se aproxima muito do discurso das elites portenhas, ele e outros representantes dos periódicos afro-portenhas tiveram que lidar com as problemáticas que tais discursos encontravam dentro do grupo no qual estavam inseridos.

Como bem demonstrou Lea Geler, em uma comunidade marginalizada e pobre, como era o caso da “sociedade de cor” de Buenos Aires, tais idealizações sobre a mulher encontraram alguns contrastes. Muitas das mulheres da “sociedade de cor” exerciam seus ofícios fora de seus lares, eram lavadeiras, vendiam seus produtos nas ruas, trabalhavam no serviço doméstico, etc; ajudando os maridos com a renda doméstica não podiam dedicar-se de forma integral a primeira fase da educação de seus filhos. Contudo, apesar dessas condições objetivas apresentadas acerca da mulher afro-portenha, Santiago Elejalde insiste em seu folheto que a mulher da “sociedade de cor” deveria destinar sua vida a ser administradora e guardiã de seu lar, adaptando-se a uma vida “civilizada”, zelando pela moralidade e educação do filho até os princípios de sua mocidade. Nesse sentido, para Elejalde o avanço da “sociedade de cor” teria que superar essas contrariedades, ainda que o intelectual negro não apresentasse modelos suficientes para tal intento, dado que, as tarefas que as mulheres negras exerciam fora de seus lares, eram importantes para suprimento

¹⁷⁷ Conforme o Código Civil argentino de 1870, a família era caracterizada por dois princípios fundamentais: a autoridade do marido sobre a esposa e a autoridade do pai sobre os filhos. O homem, marido e pai era quem deveria administrar os bens de sua esposa e, caberia a ele a incumbência de atender financeiramente todas as necessidades da família e o direito de estabelecer um lar. No que se refere à mulher, essa foi proibida de comparecer em juízo, de contratar, adquirir ou alienar bens e exercer publicamente qualquer profissão ou atividade sobretudo no espaço público sem a autorização do marido. Se autorizada, tal aprovação poderia ser revogada a qualquer momento. NARI, Marcela A. "Conflicto social, maternidad y 'degeneración de la raza'". In: FLETCHER, L. (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria, 1994. p. 207-216.

econômico de suas famílias, ele insistia que o dever das “mulheres de cor” era concentrar-se na educação inicial da criança.

A partir daí, caberia ao pai desenvolver a inteligência do filho e, por meio do estudo, apreciar seu progresso no dia a dia.¹⁷⁸ No entanto, se o pai que projetou em seu filho uma profissão e, por alguma circunstância, a capacidade do menino não respondesse ao propósito almejado, ainda sim, em prol da felicidade de seu filho, o pai deveria encontrar outra profissão ou ofício cuja finalidade seria garantir-lhe um meio de ganhar a vida honradamente.¹⁷⁹ Todavia, para Santiago Elejalde, o pai deveria fazer o possível para que sua vontade prevalecesse sobre a do menino. Deste modo, caberia aos pais dirigir o seu destino e não abandoná-lo à própria sorte, assim o filho escaparia da influência irresistível da corrupção e dos vícios que “exercem o coração do homem na primeira idade”.¹⁸⁰

Tudo indica que mesmo durante as conferências não houve uma réplica de Ernesto Mendizábal em resposta à teoria de Santiago Elejalde. No entanto, a ausência de resposta de Mendizábal não foi o suficiente para que o assunto se encerrasse. No dia 30 de novembro de 1878, Tiburcio Puentes Gallardo, editor chefe do *La Juventud*, publicou um artigo, que ocupou três páginas do periódico, com o título: “Dos palabras”, no qual o autor se certificava que a redação do periódico tinha recebido um importante folheto que continha as dissertações lidas durante as conferências promovidas pela “Sociedad Fomento de Bellas Artes”, pelo jovem Santiago Elejalde”. Tiburcio Puentes Gallardo deixava claro que o periódico tinha uma opinião diferente da que foi exposta por Santiago Elejalde e que a redação estava mais inclinada às concepções elaboradas por Ernesto Mendizábal. Por conseguinte, argumentava o responsável pelo editorial: “que os bons conselhos do pai não influenciavam nos costumes e inclinações dos filhos e bastava observar a história do mundo para encontrar centenas de exemplos de filhos perversos e pais bons”.¹⁸¹

¹⁷⁸ De acordo com o Código Civil de 1870 os pais foram obrigados a educar e alimentar seus filhos e a escolher sua profissão. Mas essas crianças tinham que ser legítimas, pois se nasceram fora da legalidade, os poderes legais dos pais eram limitados. NARI, Marcela A. "Conflicto social, maternidad y 'degeneración de la raza'". In: FLETCHER, L. (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria, 1994. p. 207-216

¹⁷⁹ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. “Los hijos son lo que los padres quieren”. p. 9.

¹⁸⁰ ELEJALDE, *Trabajos leídos en las conferencias*. op. cit., “El pobre y el rico, y la influencia del oro”. “Los hijos son lo que los padres quieren”. p. 10.

¹⁸¹ “Dos Palabras.”, *La Juventud*, 30 de noviembre de 1878. p. 1- 2- 3. Quase um mês depois esse artigo foi reproduzido no mesmo periódico. “Dos Palabras.” *La Juventud*, 20 de diciembre de 1878. p. 1- 2 - 3.

De forma dessemelhante a Tiburcio Gallardo, se posicionava o nosso já conhecido Froilán P. Bello, que escreveu um artigo no *La Perla* em que brevemente se debruçava sobre o texto “Los hijos son lo que los padres quieren”. Entre tantos pontos levantados no artigo, Froilán aproveitava para dar um xeque-mate, atribuindo uma vitória a Santiago Elejalde, pois esse soube articular melhor seu argumento. A vitória também era atribuída à ousadia que Santiago teve ao fazer um contraponto às reflexões de Ernesto Mendizábal. Ou seja, para Froilán P. Bello, Santiago Elejalde não era nada modesto ao investir contra o brilhante Ernesto Mendizábal. Veja-se o que dizia o trecho:

[...] queremos declarar francamente que, das obras contidas do folheto com a qual estamos lidando, a que mais chama a atenção devido é à sua construção elegante e sólida e a refutação feita ao trabalho brilhante apresentado e lido por nosso amigo inteligente Ernesto Mendizábal. Lá, o Sr. Elejalde revela um critério maduro e fundamentado ao mesmo tempo convincente. Há elevação e cordialidade nas ideias, mantendo uma rotação perfeita. A tarefa que o autor se propôs não deixou de ser pesada e desvantajosa, até certo ponto, uma vez que Mendizábal é um jovem cheio de luzes que possui grande conhecimento alcançado por sua contração aos estudos em que trabalhou em sua curta vida; mas para Elejalde nada o assustou e ele conseguiu apagar os pontos mais cumulativos desse trabalho com uma argumentação livre e precisa, sempre usando mais a prática do que teoria. Sem pretender prejudicar a suscetibilidade de nosso amigo Mendizábal, ousamos dizer que consideramos o triunfo do Sr. Elejalde [...].¹⁸²

O Folheto de Santiago Elejalde impulsionou o debate dentro da “comunidade de cor” de Buenos Aires. Santiago elaborou ideias e, como outros intelectuais afro-portenhos, denunciou a discriminação que “homens e mulheres de cor” sofriam na época. No entanto, com seu folheto, Santiago foi além da denúncia, pois ele, como outros intelectuais negros, não se limitou a expor os problemas que experimentavam, mas tentou apontar alternativas para superar a “ignorância, inação e indiferença” e os por eles limites impostos. Assim, para último terço do século XIX o mesmo período que de acordo com os discursos hegemônicos, os afrodescendentes da Argentina começavam a desaparecer, os intelectuais negros

¹⁸² “[...] queremos declarar con franqueza que de los trabajos que encierra el folleto de que nos ocupamos, el que mas llama la atencion por su construccion elegante y solida es una refutacion hecha sobre o lucido trabajo presentado y leido por nuestro intelijente amigo Ernesto Mendizábal. Alli revela el señor Elejalde un critério maduro y razonado à lá vez convencible. Hay elevacion y cordialidad en las ideas mateniendo una hilacion perfecta. La tarea que se impuso el autor no deajo de ser pesada y desventojosa, hasta certo punto, puesto que Mendizábal es un jóven lleno de luces que posee grandes conocimientos alcanzados por su contraccion á los estúdios en que ha empleado en su curta vida; pero á Elejalde no le ha arredrado nada y á conseguido borrar los puntos mas cuminantes de ese trabajo con una argumentacion flerte y precisa, bazandose simpre mas en practica que la teoria. Sin pretender herir en lo mas mínimo la suceptibilidad de nuestro amigo Mendizábal nos atrevemos a decir, que consideramos el triunfo de parte del señor Elejalde [...]. “El folleto del señor Elejalde.” *La Perla*, 23 de noviembre de 1878. p. 1- 2.

reforçavam seu entendimento como grupo e pensavam em diferentes alternativas de integração na nação moderna que ia se consolidando.

Os intelectuais negros também compreendiam que o periodismo e a vida associativa correspondiam à corrida pela civilização e progresso. Segundo Oscar Chamosa, o associacionismo étnico na Argentina também foi considerado um pilar necessário do processo civilizatório, “fomentando sentimentos de solidariedade, respeito mútuo e conformidade com as instituições republicanas”.¹⁸³ Diante dessa perspectiva elaborada por Chamosa, entendo que, as instituições criadas pelos afro-portenhos foram importantes no sentido de cimentar e tornar visível a participação de pessoas negras no momento que o país se organizava como nação, para isso, as associações afro-portenhas desenvolviam estratégias com intuito de afastar a “sociedade de cor” de um passado que lhes provocava vergonha, essa era umas das estratégias da Sociedad Fomento de Bellas Artes, e as conferências literárias no qual Elejalde apresentou oralmente alguns textos que integram seu folheto foram resultado de tal objetivo.

Mas o que foi a Sociedad de Fomento de Bellas Artes? Quais eram as pessoas envolvidas naquela instituição? De forma fragmentada, já que não foi possível encontrar nenhum estatuto ou documento produzido pela associação, tentaremos, por meio dos periódicos, analisar a trajetória da Sociedad de Fomentos de Bellas Artes, principalmente os debates suscitados durante a sua criação e suas atividades dentro da “coletividade de cor”.

¹⁸³ CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones africanas de Buenos Aires de 1823-1880: Introducción a la sociabilidad de una comunidad imaginada*. (Tese), Universidad Nacional de Luján, Departamento de Ciencias Sociales, 1995.

Capítulo 2

A Sociedade “Fomento de Bellas Artes e outros centros literários dos “homens de cor” de Buenos Aires.

Para o nosso bem e para os acontecimentos auspiciosos que se desenrolam, que não duvidamos mais encontrarão eco nos corações, todos os homens de cor, e nos de uma falange de jovens que sabem alimentar o fogo sagrado do patriotismo, chegaremos a uma das muitas grandes questões de nossos dias, como associar-se para ter sucesso, uma ideia que deveria ter começado a fertilizar afeições magnânimas, a fazer ferver todos os corações [...] Liberdade, independência deve ser alcançada, mas você deve se associar para triunfar [...]¹⁸⁴

Hilda Sabato, destaca que, no período compreendido entre 1860-1890, houve em Buenos Aires um crescimento nas atividades associativas.¹⁸⁵ De acordo com a autora desde a queda de Juan Manuel de Rosas desenvolvia-se uma nova etapa do associacionismo argentino, claramente "moderno" no sentido de "constituir expressões espontâneas de uma sociedade civil que se tornaram complexas e mais autônomas de um Estado que também se consolidava. O ingresso à vida associativa era uma das formas de afirmar que tanto o indivíduo quanto o grupo ao qual ele pertencia estava na vereda civilizadora. Por conseguinte, a promoção de um associativismo logo foi aceito com entusiasmo por toda a sociedade.¹⁸⁶ Na última metade do século XIX, a cidade de Buenos Aires viu surgir inúmeras associações: sociedades de ajuda mútua, clubes sociais e culturais, círculos literários, sociedades maçônicas, associações profissionais, como as organizadas por sapateiros, artesãos e tipógrafos, agrupações festivas, como as carnavalescas, etc.¹⁸⁷ Ainda que com frequência boa parte dos estudos têm considerado esse tipo de atividade como típica dos grupos de imigrantes que adentraram a Argentina nas últimas décadas do século XIX, pesquisas recentes

¹⁸⁴ En bien de nosotros mismo y de los acontecimientos propicios que han de desarrollarse, lo que desde ya no dudamos que irá encontrando eco en los corazones, todos los hombres de color, y en los de una falange de jóvenes que sepan alimentar el fuego sagrado de patriotismo, llegaremos por fin a una de las tantas cuestiones grandes de nuestro días, como ser la asociarse para triunfar, idea que cuanto ha debía haber empezado a fecundar los afectos magnanimos, para poner en ebullición todos los corazones...La libertad, la independencia ha de vir, pero hay que asociarse para triunfar... Asociarse para triunfar.*La Juventud*, 10 de octubre de 1878. p. 1.

¹⁸⁵ SABATO, Hilda. *La política en las calles: entre el voto y la movilización*. Buenos Aires, 1862-1880. Buenos Aires: Sudamericana, 1998. p. 51. Ver também: QUIRÓS, Pilar González de. *Civilidad y política em los Orígenes de la Nación Argentina*. Las sociabilidades em Buenos Aires, 1829-1862. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2001.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 52.

¹⁸⁷ SABATO, op, cit., p. 52.

demonstram que os afro-portenhos não estiveram alheios a este fervor associativo na cidade portenha.¹⁸⁸

Diferente das confrarias e nações que eram regidas pela igreja católica, ou por governos no período colonial e pós-independência, essas novas organizações da “sociedade de cor” foram formadas por eles próprios, dispendo de estatutos e regramentos.¹⁸⁹ Nas páginas da imprensa negra de Buenos Aires é possível acompanhar muitos dos debates entre os afro-portenhos sobre quais tipos de associações a “comunidade de cor” tinha carência. Ainda que seja notável a quantidade de sociedades carnavalescas concebidas pelo grupo, esses, também elaboravam associações de caracteres múltiplos, a exemplo daquelas de ajuda mútua que tinham como propósito beneficiar os pobres e doentes. Por outro lado, elaboraram associações cujo objetivo era promover a instrução da “sociedade de cor”. Esse foi o caso da Sociedad Fomento Bellas Artes.

2.1 Uma comissão, dois projetos.

Na manhã de domingo do dia 23 de dezembro de 1877, o periódico afro-portenho *El Unionista* de propriedade de Santiago Elejalde, cujos colaboradores eram Casildo G. Thompson e Froilán P. Bello, publicou a primeira notícia na qual enunciava que alguns jovens da sociedade se agitavam com a ideia de fundar um clube, cujo objetivo era celebrar as conferências literárias. A redação do jornal aplaudia tamanho intento, pois do ponto de vista dos redatores daquele semanário, tal iniciativa viria a corroborar com as ideias de progresso e ilustração – o que muito animava a “juventude de cor”.¹⁹⁰

¹⁸⁸ CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones africanas de Buenos Aires de 1823-1880: Introducción a la sociabilidad de una comunidad imaginada*. (Tese), Universidad Nacional de Luján, Departamento de Ciencias Sociales, 1995.

¹⁸⁹ GOLDMAN, Gustavo. *Negros Modernos: asociacionismo político, mutual y cultural en Río de la Plata a fines del siglo XIX*. Montevideo: Perro Andaluz Ediciones, 2019.

¹⁹⁰ “Noticias varias”. *El Unionista*, 23 de diciembre de 1877. p. 4.



Figura 11: *El Unionista*, 23 de diciembre de 1877.

Passaram-se quase dois meses depois da primeira notícia veiculada sobre a ideia de fundação de um clube literário quando, já no início do ano de 1878, o periódico *La Broma* comunicou a seus leitores que, na noite do dia 06 de fevereiro, várias pessoas haviam se reunido em assembleia com o objetivo de instituir uma Sociedade cujo principal propósito era construir uma escola para fomentar a educação de “meninos de cor”. Outrossim, o periódico aproveitou para informar os nomes dos membros que formarão a comissão provisória da futura Sociedade.¹⁹¹

A princípio, ambas as notícias parecem não ter ligações entre si, uma vez que o primeiro comunicado publicado em dezembro de 1877 no semanário afro-portenho *El Unionista*, tratava-se da fundação de um clube literário, um projeto que, a princípio, tinha

¹⁹¹ “Iniciativa”. *La Broma*, 8 de febrero de 1878. p. 4.

pouca similitude com o propósito da reunião do dia 06 de fevereiro, cujo objetivo, de acordo com o periódico *La Broma*, era a criação de uma escola para “meninos de cor”. Ademais, em fins de fevereiro de 1878, o plano de fundar um colégio para crianças negras já estava bem avançado, visto que o periódico *La Juventud* publicou a primeira ata de instalação de uma Sociedade para o fomento da educação no dia 20 daquele mês.

No dia 6 de fevereiro de 1878, de acordo com o periódico, ocorreu uma reunião na casa do afro-portenho Juan Blanco de Aguirre.¹⁹² Além de Aguirre, estavam presentes outros dois intelectuais negros: Casildo G. Thompson e Ernesto Mendizábal e, a convite desses três cavalheiros, um grupo de jovens também presentes aprovaram a fundação de uma Sociedade que deveria promover a educação para as crianças negras que habitavam em Buenos Aires.¹⁹³ Portanto, antes do início de março de 1878, a comissão para instalação da Sociedad Fomento de la Educación estava formada do seguinte modo: Presidente Juan Blanco de Aguirre; Vice-presidente Ernesto Mendizábal; Secretários Casildo G. Thompson e Froilán P. Bello; Vocais Manuel G. Posadas, Santiago Elejalde, M. Castro, A.P Rodríguez e N. F. de la Torre.¹⁹⁴ Veremos que, durante todo o debate sobre a elaboração da instituição, esses cavalheiros que formavam a comissão diretiva da Sociedade que tinha como propósito fomentar a educação, serão identificados nas páginas dos periódicos sobretudo do *La Juventud*, como *os iniciadores*.

2.2 Os iniciadores.

As trajetórias de algumas personagens envolvidas na criação da Sociedad Fomento de la Educación e posteriormente na Sociedad Fomento de Bellas Artes,¹⁹⁵ como Ernesto Mendizábal, Froilán P. Bello e Santiago Elejalde, foram apresentadas no capítulo anterior. No entanto, mesmo que de modo breve, apresentar a história de alguns outros intelectuais negros envolvidos nos projetos associativos ajuda o leitor e a leitora a terem uma melhor

¹⁹² A escassez de habitações na cidade de Buenos Aires, na segunda metade do século XIX, fez com que fossem levantados prédios específicos para serem moradias coletivas. Esses prédios possuíam um grande número de quartos que se tornavam habitações coletivas. FERRERAS, Norberto Osvaldo. *O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)*. Niterói: Eduff. 2006, p. 65.

¹⁹³ “Acta de instalación de una Sociedad para el Fomento de la Educación”. *La Juventud*, 20 febrero de 1878. p. 2.

¹⁹⁴ “Noticias Varias”. *La Broma*, 8 de febrero de 1878. p. 4.

¹⁹⁵ Algumas vezes, o nome foi apresentado como Sociedad de Estímulo de Bellas Artes, no entanto, trata-se da mesma associação.

compreensão das atividades desenvolvidas pelos “homens de cor” de Buenos Aires nas décadas finais do século XIX.¹⁹⁶

Nascido em meados da década de 1850, na zona rural de San José, Uruguai, Juan Blanco de Aguirre mudou-se para Buenos Aires ainda jovem, pois, como ele próprio relatou em seu livro *Colección de artículos literarios*, publicado em 1888, o interesse em estudar e ter uma educação formal fez com que sua família decidisse deixá-lo sob a tutela de Manuel Fernández Cutiellos – coronel uruguaio que residia em Buenos Aires. Todavia, segundo María de Lourdes Ghidoli, o militar nunca enviara Juan Blanco de Aguirre à escola. Ele então teria aprendido a ler e escrever com os filhos de Manuel Fernández Cutiellos.¹⁹⁷ Em todo caso, anos mais tarde, Juan Blanco de Aguirre tornou-se artista, especializando-se em litografia.

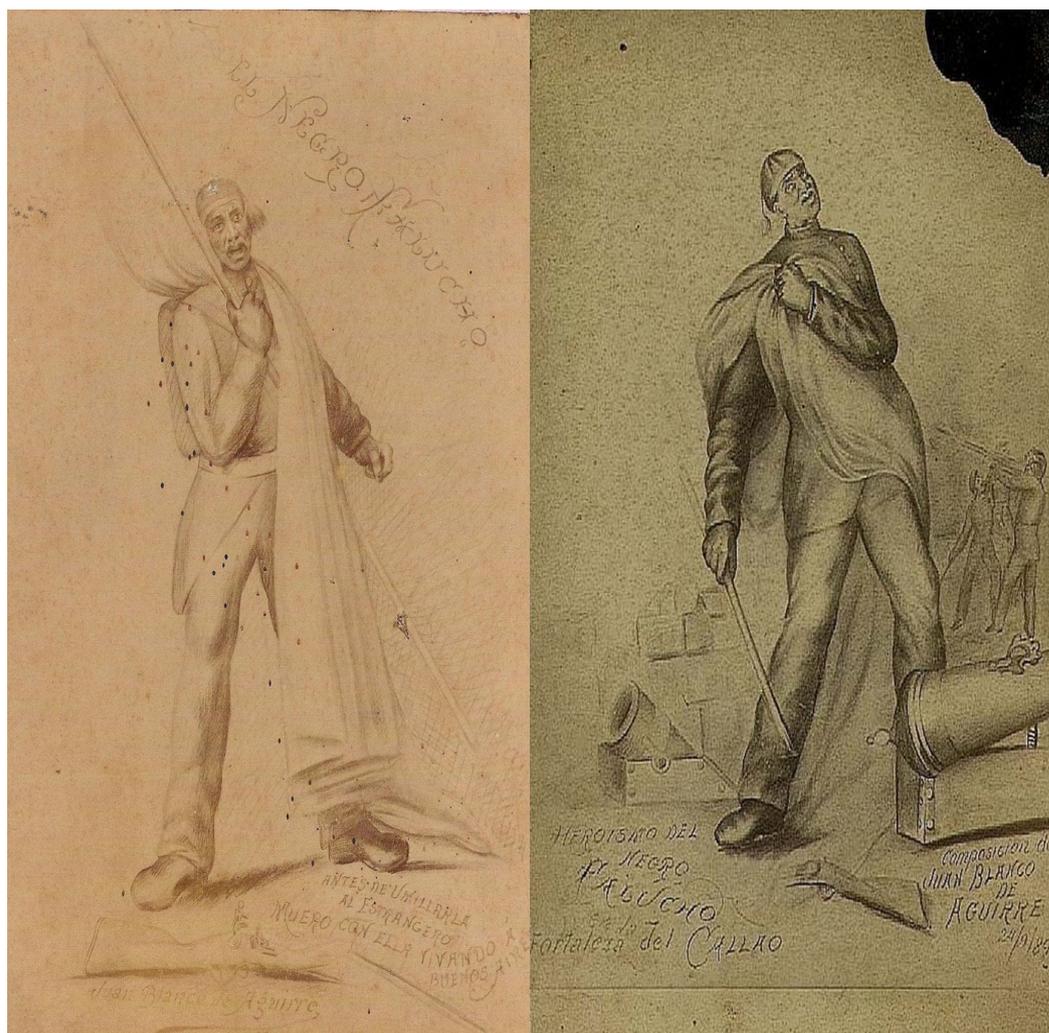
No início da década de 1870, Aguirre foi contemplado com uma bolsa do governo de Domingo Faustino Sarmiento para estudar pintura em Florença, Itália, onde viveu por cinco anos. Possivelmente, o investimento do governo argentino na formação artística de Aguirre deveu-se também às relações e influências do coronel Cutiellos. Mais tarde, já de volta a Buenos Aires, Juan Blanco de Aguirre tornou-se professor de desenho do Colégio Nacional. Suas obras mais destacadas foram o *Retrato de José Mármol* de 1871,¹⁹⁸ *El Negro Falucho* e *Heroísmo del Negro Falucho*, ambas produzidas em 1889.¹⁹⁹

¹⁹⁶ Ángel P. Rodríguez foi presidente da associação de socorros mútuos La Protectora, no ano 1882. Nicasio de la Torre foi director do periódico afro-portenho *El Aspirante*. Não foi possível encontrar informações sobre M. Castro.

¹⁹⁷ GHIDOLI, María de Lourdes. *Estereotipos en negro: Representaciones y autorrepresentaciones visuales de afroporteños en el siglo XIX*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2016, p. 299.

¹⁹⁸ GHIDOLI, *Estereotipos en negro*. op. cit., p. 308.

¹⁹⁹ Mitre publicou pela primeira vez a crônica da morte heroica do soldado Antonio Ruiz (Falucho) no periódico *Los Debates* em 14 de maio de 1857 e posteriormente no *La Nación* em formato de folhetim. A história de Falucho também foi publicada nos livros escrito por Mitre: *Historia de San Martín y de la emancipación americana (1887 e 1890)* e *Páginas de Historia (1906)*. Segundo seu relato, Falucho era um soldado negro que morreu em 7 de fevereiro de 1824, durante o levante em Callao (Peru), quando suboficiais e soldados se amotinaram devido ao atraso no pagamento dos salários, o que levou à recuperação do local pelo exército espanhol. Nessas circunstâncias, Falucho se revoltou pela honra da "bandeira argentina" ao quebrar seu rifle e gritar de joelhos diante dos traidores "Viva Buenos Aires!" sendo imediatamente baleado. Em paralelo com a *Historia de San Martín...* em setembro de 1889 surgiu a ideia de levantar um monumento em homenagem a Falucho. O iniciador da proposta foi Juan Blanco de Aguirre formando uma comissão de afro-portenhos no qual entre os integrantes estavam Santiago Elejalde e seu irmão Mateo Elejalde. Sintetizando, o monumento em homenagem a Falucho foi inaugurado em Buenos Aires em 1897. Segundo a historiadora María de Lourdes Ghidoli, é possível que ao pintar as duas imagens de Falucho, Juan B. de Aguirre tinha como intenção que elas servissem como modelos para a elaboração do monumento. GHIDOLI, *Estereotipos en negro*. op. cit., p. 200.



Figuras12: Duas litografias representado o Heroísmo del negro Falucho executadas por Juan Blanco de Aguirre, em setembro de 1869. Ambas disponíveis no Complejo Museográfico Provincial Enrique Udaodo em Lujan.

Não se sabe a data de falecimento de Juan B. de Aguirre, alguns escritores dizem que ele faleceu em 1895. No entanto, em maio de 1902, o periódico *La Nación* publicou um retrato do General Levalle pintado por Juan B. de Aguirre. Entretanto, não sabemos a data em que o retrato foi produzido, o que acaba gerando incertezas da verdadeira data da morte do artista.²⁰⁰

Outro personagem envolvido na criação da Sociedade Fomento de la Educación foi Manuel G. Posadas.²⁰¹ Nascido em 18 de outubro de 1841, casou-se com Emília Smith,

²⁰⁰ Juan Galo Lavalle 1797-1841 foi um militar que participou nos conflitos que tiveram como consequência a independência da Argentina.

²⁰¹ Existem algumas dúvidas sobre seu segundo nome, visto que assinava nos jornais como Manuel T. Posadas (Tadeu) e ora como Manuel G. Posadas (Gervasio). Assim como outros pesquisadores optei em referenciar como Manuel G. Posadas. GHIDOLI, María de Lourdes. Posadas, "Manuel." *Oxford African American Studies Center*. 30

também afro-argentina, na paróquia de São Miguel em Buenos Aires, em 13 de maio de 1861. De acordo com o registro paroquial, ele teve pelo menos nove filhos com Emília Smith. Dentre eles são conhecidos os nomes de apenas alguns: Manuel Lúcio, Carlos Antonio, Marcelina Mercedes, Petrona, Antonio Luis, Juan Carlos e Luis María. Pelo menos dois dos filhos de Manuel G. Posadas tornaram-se músicos: Carlos Posadas destacou-se como compositor de tangos, enquanto Manuel L. Posadas dedicou-se à música clássica, viajando para a Bélgica em 1879, a fim de continuar seus estudos de violino no Conservatório Real de Bruxelas.²⁰²

Manuel G. Posadas também foi soldado e participou da Guerra da Tríplice Aliança, entre 1864 e 1870.²⁰³ Seguidor incondicional de Bartolomé Mitre, tornou-se redator chefe do *El Artesano*, periódico político destinado à “sociedade de cor” subsidiado por grupos Mitristas, em 1873.²⁰⁴ Posadas também escreveu artigos para o jornal *La Nación*, fundado por Mitre e, posteriormente, colaborou no *La Broma* e *La Juventud*.²⁰⁵ Manuel G. Posadas faleceu aos 56 anos de idade no dia 13 de março de 1897.

Casildo G. Thompson era filho de Casildo Thompson e Sabina Sosa. Nasceu em 1856, na cidade de Buenos Aires, tornando-se um músico bem conhecido em sua época. Casildo G. Thompson provavelmente recebeu as primeiras aulas de música de seu pai, que também era músico e militar. Na segunda metade da década de 1870, Thompson – o filho – frequentou a Escuela de Música y Declamación de la Provincia de Buenos Aires. Essa escola foi criada em 1874, e outros músicos afro-portenhos como Manuel L. Posadas filho de Manuel G. Posadas e Estanislao Grigera também a frequentaram. Foi nela que Casildo G. Thompson teve aulas de teoria musical, tornando-se um excelente aluno, o que lhe possibilitou vencer o primeiro prêmio em harmonia e composição. Casildo G. Thompson foi aluno do italiano Nicola Bassi, violonista e diretor de orquestra que se apresentou em Buenos Aires entre os anos 1873 e 1887.²⁰⁶

Sep.2016; <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em 15 Fevereiro de 2020.

²⁰² CIRIO, Norberto Pablo. Black Skin, White Music: Afroporteño Musicians and Composers in Europe in the Second Half of the Nineteenth Century. *Black Music Research Journal*, 35 (1): 23-40. Urbana Champaign: University of Illinois, 2015.

²⁰³ DORATIOTO Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo. Companhia das Letras, 2002.

²⁰⁴ Simpático às posições políticas de Bartolomé Mitre.

²⁰⁵ Seu texto mais famoso é sobre a poesia de Casildo G. Thompson “Canto al Africa”, publicado no *La Juventud*, em junho de 1878.

²⁰⁶ Em 1905 e 1907, Casildo G. Thompson participou dos concursos de música religiosa promovidos pela revista musical *Santa Cecilia* e pela Conferência Vicentina de los padres de la Iglesia de la Inmaculada Concepción,

No que diz respeito a suas atividades no jornalismo, Thompson foi presença de destaque na imprensa afro-portenha nas décadas de 1870 e 1880, tanto por meio de seus artigos, poemas e cartas, quanto por meio da publicidade de suas atividades como pianista e compositor, sobretudo de músicas religiosas.²⁰⁷ Como já foi dito, no final de 1877 e início de 1878, ele colaborou, ao lado de Froilán P. Bello, no jornal *El Unionista*, além de se envolver com outros projetos dentro da comunidade. Em 1880, participou da preparação do *Almanaque del Progreso para o ano de 1881*, organizado pelo afro-portenho Luiz Garzón, no qual Thompson escreveu as biografias de Coronel José María Morales, do poeta Horacio Mendizábal e do Sargento-Mor Felipe Mansilla, todas personalidades afro-portenhas.²⁰⁸ No *Almanaque* também foram publicados alguns poemas de sua autoria, incluindo “Tu rizo”, “La soñadora”, “Ensueño” e “A Coralia”. Casildo G. Thompson faleceu em Buenos Aires, em 1928. A causa de sua morte ainda é desconhecida.

Dessa maneira, o grupo inicial da Sociedad Fomento de la Educación estava formado. A Sociedade era mais um dos intentos dos “homens de cor” de Buenos Aires com o objetivo de ensinar às crianças afro-portenhas. No entanto, como veremos, divergências entre os envolvidos na criação da Sociedad Fomento de la Educación não demoraram a aparecer. Acontece que, a subsequente mudança da Sociedad Fomento de la Educación para uma associação que promoveria conferências literárias, a Sociedad Fomento de Bellas Artes, fez com que os redatores de *La Juventud* e *La Perla* travassem uma disputa com os iniciadores em particular com Aguirre, Thompson, Mendizábal e Bello. Por sua vez, esses intelectuais responderam os ataques aproveitando para demonstrar a importância de uma associação que traria reconhecimento social, respeitabilidade ao revelar novos “escritores de cor”.

nos quais ganhou dois primeiros prêmios e uma menção honrosa. ODERIGO, Néstor Ortiz. Rostro del bronce. *Músicos negros de ayer y de hoy*. Buenos Aires, Argentina: Compañía General Fabril Editora, 1964, p. 13.

²⁰⁷ Outras informações sobre Thompson são: Se envolveu como soldado na Revolução de 1874, iniciada por Bartolomé Mitre que denunciou sua derrota para Nicolás Avellaneda nas eleições presidenciais como fraude. Alguns anos depois, Casildo G. Thompson participou da Revolução de 1880, lançada por Carlos Tejedor contra o vencedor das eleições presidenciais, Julio A. Roca (militar e político argentino, ideólogo da chamada Conquista do Deserto, que acabou com a vida de grande parte da população indígena que vivia na região dos Pampas e Patagônia). O último envolvimento de Thompson foi na Revolução de 1890, que se levantou contra o presidente Miguel Juárez Celman, acusado de corrupção. Ele conquistou o posto de capitão por sua participação nas milícias. GHIDOLI, María de Lourdes. "Thompson, Casildo Gervasio". *Oxford African American Studies Center*. 30 Sep. 2016; <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em 15 Fevereiro de 2020.

²⁰⁸ CIRIO, Norberto Pablo. *En la lucha curtida del camino...* “Antología de literatura oral y escrita afroargentina.” Buenos Aires, Instituto Nacional Contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo. 2007.

Outro detalhe não menos importante é a presença dos diretores e redatores dos jornais dos “homens de cor” de Buenos Aires na reunião do dia 6 de fevereiro de 1878. Entre eles Gabino Ezeiza, Gabino M. Arrieta e Benjamim Ramos, representantes do *La Juventud*; Camilo Oliveira do *La Perla*; Dionisio Garcia do periódico *La Broma* e Nicasio F. de la Torre, do *El Aspirante*. Contudo, uma nota publicada no *La Juventud* indica que os jornalistas estavam presentes na condição de ouvintes.



Figura 13: Ata de instalação da Sociedad de Fomento de la Educacion. *La Juventud*, fevereiro de 1878.

A sessão de 6 de fevereiro de 1878 foi presidida por Juan B. de Aguirre, que, de forma franca e categórica, expôs o projeto elaborado por ele, Mendizábal e Thompson: fundar uma sociedade para educação com o objetivo de criar um colégio para “meninos de cor”. Logo em seguida, os dois últimos tomaram a palavra e houve uma votação entre os presentes que

deveriam aceitar ou não tal propósito.²⁰⁹ A ideia de criar um colégio fora aprovada por unanimidade, então, imediatamente, tornava-se necessário formar uma comissão provisória composta por um presidente e seu vice, um secretário e subsecretário e cinco vogais. A primeira tarefa da comissão provisória era elaborar um estatuto que deveria conter as bases fundamentais da sociedade. Finalizada a elaboração dos estatutos, uma segunda reunião deveria ser organizada para leitura e discussão do documento.²¹⁰

Os redatores do *La Juventud* acompanharam atentos os desdobramentos da criação da Sociedad Fomento de la Educación. O artigo “Estamos á la expectativa” lembrava do convite feito pelos iniciadores da Sociedad Fomento de la Educación e de como a invocação foi recebida com muito entusiasmo pelos responsáveis do periódico que, desde o começo, não hesitaram em apresentar-se ao encontro. No entanto, conforme afirma o artigo do *La Juventud*, a intenção do corpo editorial do jornal não era pronunciar-se durante a reunião:

Tal foi a nossa atitude na noite do dia 6 corrente, no primeiro encontro realizado, que tem por objeto a instalação de um Centro Popular que responde à fundação da primeira escola exclusiva para meninos de cor.²¹¹

Quase que um mês mais tarde, o *La Juventud* cobrava a elaboração do Estatuto da Sociedad Fomento de la Educación:

Nós perguntamos: Quando estará concluída a elaboração das bases fundamentais do Centro Popular, que responderá à fundação do primeiro colégio para crianças pobres de cor?
Está sensível pergunta tem como intuito contestar a Comissão Provisória composta por nove pessoas.²¹²

O objetivo aqui não é reconstruir os debates que eram travados entre os intelectuais negros a respeito da criação de uma escola para “meninos de cor”. Tal investigação já foi realizada por Lea Geler em seu livro *Andares Negros, Caminos Blancos...*, no qual a historiadora apresenta uma análise densa das controvérsias e tensões entre os intelectuais

²⁰⁹ “La reunión del miércoles”. *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 3.

²¹⁰ “La reunión del miércoles”. *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 3.

²¹¹ “Tal fue nuestra actitud en la noche del día seis del corriente, en la primera reunión celebrada, que tiene por objeto la instalacion de un Centro Popular que responda á la fundacion del primeiro colejo particular para los niños del color” “Estamos á la expectativa”. *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

²¹² “¿Preguntamos: para cuando se concluirán la redaccion de las bases fundamentales del Centro Popular que ha de responder á la fundacion del primeiro colégio para los niños pobres del color? A esta sencillísima pregunta, á de contestar la Comission provisoria compuesta de nueve personas”.

“Hechos Locales”. *La Juventud*, 10 de marzo de 1878. p. 4.

negros durante a elaboração do projeto. Haviam os que eram a favor da construção de uma escola exclusiva para “meninos de cor” e os que foram contrários.²¹³

Por outro lado, não são de menor relevância as pesquisas dos historiadores George Reid Andrews e Oscar Chamosa. Ambos têm evidenciado que, desde as décadas anteriores ao período em que essa pesquisa se circunscreve, os afro-portenhos esforçaram-se para criar escolas para os “meninos de cor”. Segundo Chamosa, em meados de 1850 a sociedade mutualista “La Fraternal” tinha por objetivo fomentar a educação das crianças afro-portenhas.²¹⁴ Essa associação foi ativa por mais de uma década, sendo que um dos seus idealizadores foi Casildo Thompson, pai de Casildo G. Thompson.²¹⁵

Na Argentina o acesso à escola estava garantido a todos os cidadãos, e muitos dos afro-portenhos estudaram nas escolas municipais.²¹⁶ No que se refere ao ensino superior, as duas únicas universidades existentes no país, a Universidade de Buenos Aires e a Universidade de Córdoba, essa última fundada no período colonial, ao passo que a primeira teve sua fundação nas primeiras décadas do século XIX, não restringiam o acesso de pessoas negras. Entretanto, Tomás B. Platero teria sido o primeiro homem negro a ingressar na Universidade de Buenos Aires somente na década de 1880, conforme informava o periódico *La Broma*, em novembro de 1882.²¹⁷

De acordo com o *La Perla*, a motivação para que um grupo de intelectuais afro-portenhos optasse por um projeto que oferecesse uma escola separada teria relação direta com as inúmeras queixas de crianças negras sobre o preconceito racial sofrido dentro das escolas municipais:

...Alguém vai nos dizer que existem escolas financiadas pelo governo, onde crianças negras podem receber educação diária, junto com as demais, sem distinção de cor. Ao que responderemos, essas escolas não aplicam a educação com perfeita igualdade, porque sempre houve aquela predileção entre a criança de cor e o branco, pelos professores da escola, fazendo humilhação de nossos filhos; É daí que vem a maior parte dessa incapacidade entre nossas massas.²¹⁸

²¹³ GELER, Lea. *Andares negros, caminos blancos*, op. cit., Capítulo 10: “Un colegio para niños de color”.

²¹⁴ CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones Africanas de Buenos Aires 1823-1880*. Introducción a la sociabilidad de una comunidad marginada. Tesis de licenciatura. Universidad Nacional de Luján. Departamento de Ciencias Sociales Buenos Aires septiembre 1995, p. 30.

²¹⁵ *Ibidem*, *Idem*, CHAMOSA, p. 30.

²¹⁶ ANDREWS, George Reid. *Los Afroargentinos de Buenos Aires*, op. cit., Capítulo 8: Organizaciones comunitarias.

²¹⁷ “Tomás B. Platero”. *La Broma*, 4 de noviembre de 1882. p. 1.

²¹⁸ “...alguien nos dirá que hay colegios costeados por el gobierno, donde los niños de color pueden recibir la educación cotidiana, a la par de los demás, sin distinción en color. A lo que contestaríamos que en dichos colegios no se les aplica la educación con perfecta igualdad, porque siempre ha existido esa predilección entre

Em 1882, de forma irônica o *La Broma* reforçava a denúncia sobre a violência sofrida pelos “meninos de cor” em seu cotidiano escolar: “... Bem, sim senhor; essa demonstração vai para uma escola imaginária que tem que ser criada ali no povoado das ilusões, onde crianças de cor não são maltratadas ou negadas educação pelo simples fato de terem pele morena”.²¹⁹

De acordo com Beatriz Loner, que analisou a experiência dos afrodescendentes no pós-abolição da cidade de Pelotas, no Brasil, as associações criadas pelos afro-pelotenses foi uma das respostas diretas ao forte preconceito e discriminação racial que os negros enfrentaram na cidade. Nessa circunstância, a autora afirma que, movidos pela criatividade e determinação, um razoável número de letrados negros fundaram sociedades educacionais, recreativas e de outras propriedades, demonstrando determinado refinamento educacional para formar e manter associações que apresentaram grande longevidade e estabilidade, muito superior àqueles de grupos brancos. Para Beatriz Loner, isso denota que é incorreto dizer que “os elementos de cor” na sociedade brasileira, na transição do Império para a República, seriam todos marginalizados e embrutecidos, além de despreparados para a competição com os recém-chegados imigrantes”.²²⁰

Para o caso de Buenos Aires, a opção por uma escola exclusiva para os “meninos de cor” estava também profundamente associada à discriminação que os alunos negros sofriam de seus colegas de classe e de seus professores. Não menos importante é que esse investimento na formação educacional da “sociedade de cor” estava totalmente relacionado a ideia de progresso que os intelectuais negros aspiravam para o grupo. Todavia, vale ressaltar que outras comunidades possuíam escolas exclusivas, a exemplos das escolas das comunidades italiana e espanhola em Buenos Aires.

2.3 As conferências literárias e científicas, a formação da Sociedad Fomento de Bellas Artes.

el niño de color y el blanco, por parte de los maestros de escuela, haciendo vejamen de nuestros niños; de ahí es donde viene en su mayor parte esa inhabilidad entre nuestras masas. “Algo que nos puede ser útil”, *La Perla*, 23 de abril de 1878. (2010, *apud* GELER p. 289).

²¹⁹ “...Pues, sí señor; esa manifestación va a una escuela imaginaria que se ha de crear allá en el pueblo de las ilusiones, donde los niños de color no sean maltratados ni se les niegue la educación por el solo hecho de tener la piel de oscuro color... “Bombos y bombas”. *La Broma*, 12 de mayo de 1882. p. 1.

²²⁰ LONER, Beatriz Ana. “Negros: organización e luta em Pelotas”. (1999, *apud* DOMINGUES, p. 224).

No início de março de 1878, pouco antes de fechar a edição do *La Juventud* que viria à luz no dia 03, a redação do periódico recebeu uma carta firmada por Juan B. de Aguirre, Froilán P. Bello e Ernesto Mendizábal. Conforme a informação estampada na seção do jornal intitulada “Hechos Locales”, que reproduziu parte da carta enviada pelos três rapazes, a correspondência tratava de mais um outro convite, pois lembremos que o primeiro referia-se a convocação para reunião do dia 06 de fevereiro, cujo, objetivo era fundar um “Centro Popular” para promover um colégio para “meninos de cor”, a Sociedad de la Educación. Entretanto, nessa ocasião o convite era para que todos comparecessem à primeira conferência literária que seria de livre acesso e teria lugar no dia 12 de março.²²¹

No mesmo número do periódico foi publicado o artigo “Vamos mal”, escrito por Ateirra pseudônimo utilizado pelo diretor do *La Juventud*, Gabino M. Arrieta que literalmente assinava de trás para frente. O texto versava sobre várias objeções que a carta escrita por Aguirre, Mendizábal e Bello causaram ao diretor do jornal, pois, para Gabino M. Arrieta um novo evento, cujo objetivo era celebrar conferências, distanciava-os do projeto inicial de promover a educação de “meninos de cor”:

Estamos mal, dissemos a nós mesmos quando recebemos a carta atenciosa que os señores Blanco Aguirre, Mendizábal e Bello se dignaram a enviarnos. Passaram-se 27 días desde que se realizou a primeira reunião preparatória com o propósito de constituir una Sociedad "Fomento de la Educación", que responde à fundação de um colégio para meninos de cor. Até agora, o pensamento formulado não teve sucesso, nem os iniciadores fizeram boas ideias terem sucesso. Então, por que uma nova; se a realização da primeira ainda é indecisa? A que esses planos respondem? [...] Temos à frente de todas as outras coisas interesse mais vitais que exigem urgentemente uma solução rápida. Certamente não é aconselhável voltar. Foi pensado para dar educação à criança pobre, que vive na miséria e no abandono. Cumpra o que prometeram; o bem dessas crianças, que não têm para si um mundo moral, nem um ideal artístico, nem materiais que inspiram ternura. Educar a criança de cor, para mantê-la afastada do vício e das preocupações e assim se perceberá a grande diferença que se traduz no mundo pela produção, que significa bem-estar, novas forças, progresso e relativa felicidade.²²²

²²¹ “Hecho Locales”. *La Juventud*, 3 de marzo de 1878. p. 3.

²²² “Vamos mal, nos hemos dicho al recibido de la atenta carta que se han dignado enviarnos los caballeros Blanco Aguirre, Mendizábal y Bello.

Han transcurrido veinte y siete días, desde que se celebró la primera reunion preparatoria con el noble objeto de instalar una Sociedad “Fomento de la Educacion” que responda á la fundacion de un colégio do educandos para los niños de color.

Hasta el presente el pensamiento formulado, no ha dado provalidad de éxito, ni los iniciadores han hecho triunfar las buenas ideas.

¿ Entonces á qué una nueva; si la realización de la primera es todavía indesisa?

¿ A qué responden esos planes?

[...] Tenemos por delante ante todo otras cosas de más vital interés que reclaman con urgencia la pronta solucion.

Ao que tudo indica, a ideia de promover conferências literárias e científicas cativava um grupo de intelectuais negros que viviam em Buenos Aires nas últimas três décadas do século XIX. As fontes consultadas evidenciam que existiu um número expressivo de escritores, literatos, poetas, músicos, pintores, “homens e mulheres de cor” que dificilmente dispunham de espaços físicos para apresentarem suas aptidões.²²³

Em relação à produção literária a imprensa negra não se furtava a publicar contos, novelas, poemas, resenhas de livros e outras produções dos intelectuais afro-portenhos, as quais dentro das tensões raciais geradas na sociedade argentina encontravam dificuldades para serem veiculadas na grande imprensa.²²⁴ Mas, para além dos jornais, não menos importante foi a criação de diversas instituições e espaços de sociabilidade que tinham por objetivo promover a divulgação da cena literária, artística e intelectual negra de Buenos Aires nas últimas décadas do século XIX, um exemplo foi o “Club Barcala”.

No decorrer do mês de agosto e final de dezembro do ano de 1882, por exemplo, o periódico *La Broma* fez uma forte campanha para criação de um clube político e literário batizado de “Club Barcala”. O nome fazia referência ao militar negro Lorenzo Barcala que lutou durante as guerras de independência e nas guerras civis na Argentina ao lado dos Unitários, tornando-se Coronel.²²⁵ Para os editores de *La Broma*, a iniciativa de fundar o

Desde luego no conviene retroceder.

Se habia ideado proporcionarle Educacion al niño pobre, que vive en medio de la miseria y el abandono.

Cúmplase lo prometido; el bien de esos niños, que no tiene para ellos, mundo moral, ni ideal artístico, ni tampoco materiales que les llegue á inspirar sentimientos de ternura.

Éduquese al niño de color, para alejarlo del vicio y de la preocupacion y entonces se notará la gran diferencia que en el mundo se traduce por produccion, que quiere decir bienestar, fuerza nueva, progreso y felicidad relativa” “Vamos mal”, *La Juventud*, 03 de marzo de 1878. p. 1.

²²³ ANDREWS, George Reid. *Los Afroargentinos de Buenos Aires*, op. cit., p. 205.

²²⁴ SOLOMIANSKI, Alejandro. *Identidades Secretas: la negritud argentina*. Rosário. Beatriz Viterbo Editora, 2003.

²²⁵ Domingo Faustino Sarmiento imortalizou o Coronel Lorenzo Barcala por meio de algumas menções feitas a ele em duas obras publicadas em 1845: *Facundo* e *El General Fray Félix Aldao*. Nessas referências, Barcala era apresentado como um escravo que foi resgatado dessa condição pela revolução da independência argentina, que lhe deu liberdade devido ao serviço prestado ao país. Desta forma, Barcala se tornou o mais destacado dos soldados negros e mulatos que compunham os exércitos nacionais e, principalmente, os da facção unitária durante as guerras civis. Em artigo publicado na Revista *Tiempo Historico*, Orlando G. Morales e Luis C. Caballero apresenta uma crítica da “literatura historiográfica” sobre o coronel afro-argentino Lorenzo Barcala. O corpus de análise inclui ensaios, biografias e algumas menções significativas da literatura nacional sobre o “cavaleiro negro” desde 1845. Os autores discutem e refutam as ideias de que Barcala era um escravo resgatado para servir a nação. Orlando e Caballero argumentam que a construção historiográfica de Barcala favoreceu a representação da Revolução de 1810 como redentora da escravidão e a tese do desaparecimento dos afro-argentinos devido às guerras de independência. Além disso, que a concepção de Barcala como defensor da plebe se explica pelo pensamento racial da época na América espanhola e por um imaginário de uma nação que

“Club Barcala” competia a todos membros da “sociedade de cor” e os redatores viam com muito entusiasmo a participação dos jovens que deveriam aderir a ideia. Dessa maneira, foram promovidos bailes, conferências e tertúlias para arrecadar dinheiro para a fundação do Clube que levaria o nome do “el caballero negro”, alcunha que Lorenzo Barcala passou a ser conhecido. De acordo com o editorial publicado no *La Broma* em agosto de 1882, a iniciativa de fundar o “Club Barcala” deveria ecoar em toda “sociedade de cor”.²²⁶ Por conseguinte, todos deveriam reverenciar e honrar o nome do Coronel Barcala, pois para os redatores do periódico, Barcala foi um “Homem da nossa raça, que atingiu um grau mais elevado na América, devido a sua ilustração, ao seu patriotismo e à sua coragem”.²²⁷

Perseguir a labuta de intelectuais negros para a fundação do “Club Barcala” ultrapassaria os objetivos dessa pesquisa, há também uma dificuldade que deve ser mencionada, pois no arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno o último exemplar disponível de *La Broma* data de 28 de dezembro de 1882²²⁸ e, para esse mês, o “Club Barcala” ainda não havia sido concretizado.²²⁹ Em vista disso, a leitura do periódico *La Broma* possibilita acompanhar apenas as primeiras discussões sobre a formação do clube. Contudo, sabe-se que *La Broma* circulou por muito mais tempo. Ainda que não estando disponíveis números do periódico após o ano de 1882 para consulta na Biblioteca Nacional, há indícios de que o periódico *La Broma* foi publicado até o ano 1885, sendo possível saber de sua circulação por meio das notícias divulgadas pelo periódico afro-montevideano *La Regeneración* durante os anos de 1884-1885.

postulava uma assimilação biológica e cultural dos negros argentinos. MORALES, Orlando G. CABALLERO, Luis César. Lorenzo Barcala: ¿Esclavo, “Hijo De La Revolución” y “Civilizador De Masas”? Una Discusión De Las Mitificaciones Historiográficas De Los Afroargentinos. *Revista Tiempo Histórico*, Santiago-Chile. Año 9, n.16, enero - junio 2018, p. 39-59.

²²⁶ “Club Barcala”. *La Broma*, 11 de agosto de 1882. p. 1.

²²⁷ Em original: “hombre de nuestra raza, que a mayor grado de elevacion ha alacanzado en America, debido a su ilustracion, su patriotismo y su valor” “Club Barcala”. *La Broma*, 11 de agosto de 1882. p. 1.

²²⁸ “Club Barcala”. *La Broma*, 11 de agosto de 1882. p. 1.

²²⁹ O que é possível saber é que entre algumas das atividades propostas pelos fundadores do “Club Barcala” estava a construção de uma biblioteca. “Tertulias sociales, no baile públicos”. *La Broma*, 28 de diciembre de 1882. p. 1.



Figura 14: Lorenzo Barcala. Fonte: AGN, Departamento de Documentos Fotográficos, Caja N° 378, Sobre N° 9, Inventario N° 350.053.

Como veremos adiante, o propósito central da Sociedad Fomento de Bellas Artes era promover conferências literárias e dessa maneira apresentar o talento dos jovens da “comunidade de cor” de Buenos Aires. Entretanto, é importante destacar que falamos de um grupo de intelectuais negros que tinham posicionamentos e expectativas divergentes. Neste ponto proponho uma chave de interpretação distinta daquela apresentada por Lea Geler, para quem a motivação dos conflitos entre os afro-portenhos estaria na decisão se eles deveriam ou não criar escolas segregadas.²³⁰ Minha hipótese é que as divergências entre os afro-portenhos derivaram-se da elaboração de dois projetos paralelos, a “Sociedad de la Educación” e a “Sociedad Fomento de Bellas Artes”, posto que em ambas encontramos as mesmas personagens envolvidas. No entanto, tudo indica que do ponto de vista dos implicados, ambos os projetos não se complementavam.

A mudança de direção do projeto inicial, que era a fundação de um colégio, para a criação de uma instituição que teria como finalidade promover conferências literárias e científicas, foi contestada, como vimos, por Gabino M. Arrieta que em essência se questionava sobre o porquê da criação de uma segunda instituição, sendo que na sua visão a

²³⁰ GELER, Lea. *Andares negros, caminos blancos*, op. cit., Capítulo 10: “Un colégio para niños de color”.

primeira ainda era incerta. Desse modo, veremos que a fundação da Sociedad de Fomento de Bellas Artes foi um ponto de divergência entre os editores e colaboradores dos jornais da imprensa negra de Buenos Aires.

Para Gabino M. Arrieta, a proposta inicial de fundar um colégio para “meninos de cor” era mais interessante, visto que educar as crianças afro-portenhas significava “mantê-las distante dos vícios, oferecendo a elas um mundo moral e material”. Na visão de Gabino M. Arrieta, a criação do colégio teria como objetivo fortalecer o tecido social da “comunidade de cor” de Buenos Aires. No artigo “Principio quieren las cosas”, Gabino M. Arrieta deixava claro a importância de promover a educação das crianças negras, na medida em que para o redator de *La Juventud*, a “educação era tanto necessária como o ar que eles respiravam”. Na visão do responsável pelo periódico *La Juventud*, o grande trabalho a ser realizado era o de educar aqueles meninos para que, “crianças hoje e homens amanhã, que eles cresçam com a plenitude de seu ser”.²³¹

Nesse mesmo número do periódico foi publicada uma carta de Ernesto Mendizábal, em resposta ao artigo “Vamos mal” de Gabino Arrieta que, assinando como Ateirra, criticava a ideia de promover conferências literárias sem antes executar o projeto que permitiria a construção do colégio. Ernesto Mendizábal lamentou a postura que o periódico *La Juventud* vinha tendo diante da ideia de promover as conferências:

Perdoe-me por entrar em detalhes sobre o assunto em discussão, pois é de meu interesse que a verdadeira constituição seja conhecida em profundidade. Um argumento é apresentado e apoiado pelos Jitans que ameaçam surgir, deduzindo daí uma conclusão errada. Dizem que ainda não sabe o que resultará, o destino da Sociedad Fomento de la Educación e acrescenta-se que é errado criar uma nova. Porém, devo dizer que não se trata agora de formar uma nova associação, e que, pelo contrário, tudo isso se reduz à reunião de todas as pessoas capazes da sociedade, para mostrar seus talentos, para revigorar suas ideias, isto é, por fim a válvula de escape, para que a inteligência brilhe e ilumine, saindo em forma de vapor. Não se trata de novas despesas ou novos desembolsos; se existiram, foram mínimos que já foram pagos. No que me diz respeito, não vejo o quão perigoso é, - Ela só descobre a quatro ventos, imensos benefícios que todos colheremos, semeando-os também todos os nós [...] [...] Por isso, penso que a ideia que tanto preocupa, antes de ser refutada, deve ser apoiada com entusiasmo, considerando nada mais que os bens que carrega.

“Sem mais delongas, eu os cumprimento com a devida consideração.
"S. S. e A. E.
E. Mendizábal

²³¹ “Principio quieren las cosas”. *La Juventud*, 10 de marzo de 1878. p. 1.

Buenos Aires, março de 1878.²³²

Do ponto de vista de Mendizábal, os redatores de *La Juventud* estavam equivocados sobre a ideia de que alguns intelectuais negros estavam elaborando uma nova Sociedade. Em resposta à redação do periódico, Ernesto Mendizábal argumentava que a convocação para as conferências, que estavam prestes a serem realizadas no dia 12 de março, tinha como intuito revelar os novos talentos literários da sociedade da qual ele fazia parte. Ao responder sobre os possíveis gastos e falta de garantias sobre a eficiência do novo projeto, Ernesto Mendizábal justificava-se afirmando que os custos seriam inexpressivos. Contudo, como vimos no capítulo anterior, Julio Cabot elaborou um diagnóstico diferente em dezembro daquele ano, quando comentou as despesas da Sociedad Fomento de Bellas Artes. Para ele, a instituição não passou de um presente de grego a ponto de trazer um saldo negativo para “comunidade de cor”. A associação literária presenteou a comunidade com algumas leituras e impressos, todavia, na avaliação de Julio Cabot, essas atividades não justificavam os altíssimos investimentos que os membros “sociedade de cor” destinaram a Sociedad Fomento de Bellas Artes.²³³

Também há de se supor que a possível troca de finalidade do projeto inicial está devidamente associada aos gastos que teriam os “iniciadores” para criação de um colégio de “meninos de cor”, talvez um valor mais elevado do que aquela suposta quantia investida como Julio Cabot denunciou meses depois da Bellas Artes encerrar suas tarefas. Neste ponto,

²³² “Ustedes perdonarán que entre á darles algunos detalles por lo que toca al asunto en discusion, pues me interezco muchísimo que se conozca á fondo su verdadera constitucion.

Se presenta un argumento y apoyado en el amenazan levantarse los Jitanes, deduciéndose de ahi una conclusion equivocada.

Se dice, que aún no si sabe lo que resultará, la suerte que le está destinada á la Sociedad Fomento de Educacion y se agrega que crear otra nueva es ir mal.

Debo de manifestar sin embargo, que no se trata ahora de formar una nueva asociacion, y que, por el contrario todo ello se reduce á la reunión de todas las personas capaces de la sociedad, con el objeto de lucir sus talentos, vigorizar sus ideas, es decir apherir por fin la válvula de escape, para que la inteligencia brille, e ilumine saliendo á forma de vapor.

No se trata de nuevos gastos, ni nuevas erogaciones; si ellos han existido han sido minimos que se han sufragado ya.

Por lo que á mi respecto no veo en esto lo peligroso, ni lo ma. – Solo descubre á los cuatro ventos, beneficios inmensos que todos recogeremos, al sembrarlos tambiem todos nuestros [...]

[...] Por eso, pienso que la idea que preocupa á tantos, ante que rebatida debe ser entusiastamente apoyada, no considerando otra cosa que los bienes que acarrea”.

“Sin mas saluda á Vds. con la consideracion debida.

“S. S. y A. E.

E. Mendizábal

Buenos Aires, Marzo 5 de 1878”.

Buenos Aires, 5 de marzo de 1878”. “Carta”. *La Juventud*, 10 de marzo de 1878. p. 1.

²³³ “La Sociedad Fomento de Bellas Artes”. *La Perla*, 5 de diciembre de 1878. p. 1.

podemos nos recordar da experiência de “La Fraternal”, que em certo momento teve como alguns de seus problemas a falta de subsídios dos membros da comunidade e a ausência de algum outro órgão governamental para manter a escola para crianças negras em funcionamento a qual, possivelmente por estas razões, encerrou as atividades. Outra hipótese é que um contexto no qual os talentos da “sociedade de cor” eram marginalizados, pode explicar a criação da Sociedad Fomento de Bellas Artes, assim como outras tentativas de criação de clubes literários, tendo em vista o número significativo de intelectuais negros em ação na Buenos Aires oitocentista. Portanto, para aqueles intelectuais negros, a criação de uma instituição na qual pudessem apresentar os seus talentos, era mais eficaz para a comunidade do que o projeto inicial e, conseqüentemente, acabava sendo uma forma de responder à sociedade argentina sobre a capacidade dos “homens e mulheres de cor” em cerrar fileiras numa Argentina que se modernizava, sendo a Sociedad de Fomento de Bellas Artes um espaço estratégico na busca pelo reconhecimento social e respeitabilidade para os “homens e mulheres de cor” da cidade. Essa parece ter sido a escolha, visto que o acesso às escolas era garantido por lei a todas as crianças que residiam no país, apesar das discriminações sofridas naqueles espaços.

2.4 Cambio de Notas.

Durante o mês de abril de 1878, exaltaram-se os debates sobre qual modelo de instituição traria maiores benefícios à “sociedade de cor” nas páginas dos periódicos, sobretudo no *La Juventud* e *La Perla*. O semanário *La Juventud*, publicou um artigo com o título “Constación á la Carta” que foi dividido em dois números pelo jornal. O artigo era uma resposta à correspondência que levava o título “Estúdio” assinada por Juan B. de Aguirre, Ernesto Mendizábal e Froilán P. Bello. Apesar de não ter encontrado o número do jornal em que a carta foi publicada, é possível saber sobre o que ela versava devido a alguns trechos reproduzidos no artigo que a contestava.

“Estúdio” era uma resposta ao artigo “Lo que se quiere es la educación” publicado no *La Juventud* por Gabino M. Arrieta, a 20 de março.²³⁴ Em síntese, ele versava sobre a importância dos iniciadores manterem o primeiro projeto – um “Centro Popular” que deveria criar o colégio para “meninos de cor”, pois, para Arrieta o problema era que assim que a primeira ideia foi lançada à luz, agitou-se a comunidade afro-portenha, posto que todos os

²³⁴ “Lo que se quiere es la educación”. *La Juventud*, 20 de marzo de 1878. p. 1.

seus membros aguardavam a conclusão daquela instituição que iria ao encontro das necessidades de seus filhos. No entanto, após toda expectativa gerada pelo primeiro projeto, os iniciadores revogaram a proposta inicial formulando uma outra que na visão do redator do *La Juventud* era um perigo imenso que acabaria construindo uma “Torre de Babel”, que seguramente acabaria afetando os meios que levariam a comunidade a prosperidade.²³⁵

O artigo “Estudio”, era a defesa de alguns afro-portenhos em arquitetar uma instituição com objetivo de “*lucir talentos*”. Eles defendiam que as conferências literárias e científicas eram um grande recurso aos “homens de cor” engajados em adquirir instrução. Na visão desse grupo de intelectuais negros, os críticos do projeto temiam a propagação das luzes, enquanto que os adeptos das conferências acreditavam que elas poderiam “civilizar” a sociedade. Desse modo, no entendimento de uma parcela dos intelectuais negros, as conferências significavam o progresso da “sociedade de cor” de Buenos Aires. Portanto para Thompson, Bello, Mendizábal e Aguirre, os que se contrapunham a realização da Sociedad Fomento de Bellas Artes “seriam os que cobiçavam apenas a escuridão”.²³⁶

A contestação à promoção de conferências literárias e, conseqüentemente, a criação de um espaço com o objetivo de mostrar talentos, fez com que *La Juventud* registrasse em dois editoriais sua opinião sobre o novo intento. De acordo com a redação do jornal, as conferências não passavam de reuniões de meia dúzia de pessoas conhecidas. Escritores que, do ponto de vista da redação do periódico, eram indivíduos que se achavam superiores aos demais membros da comunidade. A crítica do *La Juventud* se tornava ainda mais contundente uma vez que, para os redatores do periódico, as conferências nada mais eram do que a exposição e leitura de uma ou outra composição de autoria própria, e que os demais textos corriam o risco de serem reproduções, não sendo textos autorais.²³⁷ Outra questão não menos importante para os editores de *La Juventud*, era a adesão do público. Na avaliação do jornal, as conferências já estavam condenadas ao fracasso uma vez que, a maioria das pessoas que compunham a “sociedade de cor”, passava a maior parte de seu tempo trabalhando e por esse motivo não teriam tempo para produzir textos que poderiam ser lidos e muito menos tinham interesse em comparecer nas conferências, sobretudo depois de um dia inteiro na labuta.²³⁸

²³⁵ “Lo que se quiere es la educación”. *La Juventud*, 20 de marzo de 1878. p. 1.

²³⁶ “Lo que se quiere es la educación”. *La Juventud*, 20 de marzo de 1878. p. 1.

²³⁷ “Lo que se quiere es la educación”. *La Juventud*, 20 de marzo de 1878. p. 1.

²³⁸ “Lo que se quiere es la educación”. *La Juventud*, 20 de marzo de 1878. p. 1.

O periódico *La Perla*, se juntou ao *La Juventud* para engrossar a crítica aos iniciadores – Aguirre, Mendizábal e Bello. No artigo escrito pela redação do *La Perla* “Se quedaron solos” reproduzido em *La Juventud*, os responsáveis pelo primeiro periódico escreviam sobre a falta de apoio que os iniciadores teriam com o segundo projeto:

Agora, preguntamos aos iniciadores da Sociedad Fomento de la Educacion o que eles fazem? o que eles pensam? Supomos que não tenham o apoio de nenhum homem sensato e que estejam sós: triste papel, e mais fiasco! Eles acreditaram seguir a farsa, contando com todos os cidadãos que atenderam a primeira convocação, entendendo que um imperativo dever que lhes é imposto é prestar sua assistência, para o bem de uma comunidade que em dias tão oportunos precisa da união moral e intelectual de nossas massas. Aqueles que viram surgir a luminosa estrela da esperança em um dia, a viram depois eclipsar-se tímida em lançar sua luz sobre as ruínas que a reivindicam. [...] preguntamos por que se separaram aqueles que antes vinham em massa, dispostos a tornar prática a ação de uma instituição tão exigida na marcha de nossa vida social.²³⁹

Mais uma vez a crítica tem como ponto principal condenar o desvio do projeto inicialmente traçado, ou seja, da criação de um colégio, para um espaço no qual os artistas e intelectuais negros apresentariam os talentos à comunidade. O jornal continua:

[...] não seguimos as correntes do destino ao lado dos iniciadores, porque no início eles nos prometeram um trabalho sério e prático, e em vez de seguir suas ideias fixas e objetivos firmes, mudam de tática, se cobrem do ridículo, porque eles se desviam de seus propósitos. [...] É por isso que, em vez de ampliar seus horizontes aplicando a razão com sinceridade e perseverança ao estudo dos fatos, fazendo com amor, a verdade, a aspiração suprema das sociedades, eles negaram seus propósitos, e, é por isso que foram deixados sozinhos.²⁴⁰

²³⁹ Em original: “Ahora preguntamos á los titulados iniciadores de la Sociedad Fomento de Educacion que fazem? que es lo que piensan?”

Supuesto que no cuentan con el apoyo de ningún hombre sensato, y que se encuentran solos: triste rol fiasco y más que fiasco! creerán seguir la farsa, contando com todos aquellos ciudadanos que acudieron al primer llamado, comprendiendo que un deber imperioso les imponia prestar su concurso, en bien de una comunidad que en dias tan oportuno necesita de la unión moral, e intelectual de nuestras masas.

Aquellos que vieron en un día aparecer la estrella luminosa de la esperanza, viéronla mas tarde eclipsarse como si timiese lanzar su luz sobre las ruinas que la reclamaban.

[...] nosotros preguntamos porque se separan aquellos que en dia acudieron en masa, dispuestos á hacer práctica la accion de una institucion tan reclamada en la marcha de nuestra vida social? “Golpe tras golpe”. *La Juventud*, 30 de abril de 1878. p. 2.

²⁴⁰ Em original: “[...] no hemos seguido las corrientes del destino al lado de los iniciadores, porque nos prometieron al principio un trabajo serio y pratico, y en vez de seguir sus ideas fijas y sus propósitos firmes, cambian de tactica, se cubren de ridículo, porque se desvian de sus propósitos.

[...] Es por eso, que en vez de ensanchar sus horizontes aplicando la razon con sinceridad y peserverancia al estudio de los hechos, haciendo del amor, de la verdad, la aspiracion suprema de las sociedades, renegaron sus propósitos, y, es por eso que quedaron solos.” “Se quedaron solos”. *La Juventud*, 30 de abril de 1878. p. 2.

O desvio de propósito fez com que os iniciadores perdessem o apoio da “sociedade de cor”. Ao menos essa era a observação feita pelo periódico *La Perla*. No entanto, as conferências já estavam ocorrendo desde o dia 12 de março, e, como veremos, tudo indica que as reuniões ganharam força nos meses posteriores. Ainda assim, é difícil mapeá-las certificando-se do que acontecia naquelas noites de pregações.

Uma nota na seção “Hecho Locales” do periódico *La Juventud*, emitiu uma breve opinião sobre a situação das conferências. Com o título “Malos sintomas” o jornal exprimia seu ponto de vista sobre as conferências. Para os redatores do periódico, as reuniões eram um fiasco e um dos indícios do insucesso das conferências eram as buscas por parcerias dos iniciadores com outras associações da “sociedade de cor”. Desta maneira, *La Juventud* condenava os esforços dos iniciadores em buscarem auxílios em outras entidades. Era uma crítica direta à cooperação entre a Sociedad Fomento de Bellas Artes e a sociedade de socorros mútuos La Protectora, uma das associações que gozou de maior êxito entre os afro-argentinos, tendo seu funcionamento até as primeiras décadas do século XX.²⁴¹ A cooperação entre as duas associações fez com que os editores do *La Juventud* protestassem. Para os redatores do periódico, a busca pela parceria com a La Protectora significava uma estratégia dos iniciadores para animarem a instituição de Bellas Artes, uma vez que para os responsáveis do periódico essa passava por circunstâncias desfavoráveis.

Sucedeu-se que essa parceria fez com que as conferências fossem realizadas no “Bazar da Caridad”, um evento promovido regularmente pela associação de socorros mútuos La Protectora, que gozava de certo prestígio entre a “comunidade de cor”. Fato que levou *La Juventud* a emitir o seguinte comentário:

Lamentamos o Bazar e não podemos compreender como a honorável comissão permitiu tal desprezo. A sociedade proletária, cansada de gasmañorias, fica muito indignada ao saber que as conferências vão se realizar no próprio Bazar da Caridad, que nunca deveria ter respondido a tal coisa.

Todas aquelas pessoas de sentimentos nobres que voluntariamente doam objetos valiosos se arrependerão; para um Centro como aquele que deve ser separado de todos os tipos de círculos e cliques que apenas tendem a absorver sua seiva. Por enquanto, aguardamos que os fatos sejam reproduzidos.²⁴²

²⁴¹ CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones africanas de Buenos Aires*. op. cit., p. 38.

²⁴² “Los sentimos por el Bazar y no acertamos á comprender, como es que la honorable comision ha permitido un desacato semejante.

La sociedad proletaria que harto cansada está de gasmañorias, se encuentran altamente indignada al saber que las conferencias van á tener lugar en el mismo Bazar de Caridad, que jamás debió responder á una cosa tal.

A apuração feita por *La Juventud*, sobre a realização das conferências juntamente com o Bazar da “Caridad” da La Protectora, remete-nos a alguns questionamentos. Até que ponto as conferências realizadas pela Sociedad de Fomento de Bellas Artes eram um fracasso? A possível parceria entre a Sociedad Fomento de Bellas Artes e o Bazar da Caridad realizado pela La Protectora não evidencia o sucesso das conferências? Decidiram os redatores dos jornais *La Perla* e, sobretudo, *La Juventud*, iniciar uma campanha contra as conferências noticiando informações inexatas sobre elas visto que, o êxito das conferências comprometeria ainda mais a concretização do projeto inicial, a criação do colégio para “meninos de cor”?

Talvez o primeiro e único número disponível do periódico afro-portenho *La Luz*, editado por Juan L. Finghlay que por um período atuou como colaborador do *La Broma*, nos oferece alguma pista sobre o sucesso obtido pelas conferências literárias e científicas. No dia 3 de maio de 1878, *La Luz* publicou um informe sobre a Sociedad Estimulo de Bellas Artes²⁴³ e a conferência que ocorreria no “Bazar de Caridad”, por sua vez, realizado pela sociedade La Protectora. Na ocasião, o periódico aproveitava para disponibilizar o programa daquela noite, listando os trabalhos que seriam lidos conforme demonstrado abaixo:

Sociedade Estimulo de Bellas Artes

A sociedade com este nome dará uma conferência literária no próximo sábado no Bazar de Caridad "La Protectora".

Os trabalhos apresentados até à data para leitura nessa noite são:

- Gervasio Mendez, prosa de Juan B. Aguirre.
- O berço da criança (poesia) de Casildo G. Thompson.
- Caridade social, prosa dedicada ao Sr. Saar de Ernesto Mendizábal.
- A Mulher [*inelegível*] (poesia) Francisco Rondeaun.
- Reflexões sociais, prosa Froilán P. Bello.
- As Conferências, Santiago Elejalde, prosa.
- Um sonho. Mateo Elejalde.

Ya se arrepitrán todas aquellas personas de nobles sentimientos que tan voluntariozamente donaran valiosos objetos; para un Centro como ese que debe estar desligado de toda a clase de círculos y camarillas que solo tieden á absorvele su savia. Por lo pronto esperamos á que los hechos se reproduzean.

²⁴³ Ver nota 148. “Varias noticias”. *La Luz*, 03 de maio de 1878. p. 3.

A senhorita Rosario Iglesias²⁴⁴, preparou um belo trabalho intitulado "Esperanza e Caridad". Temos a certeza de que os Srs. Angel P. Rodriguez, Dionisio Garcia, Manuel E. Posadas e Aristide Oliveira leram algumas declarações.

Na próxima edição daremos detalhes dessa festa.²⁴⁵

A criação da Sociedad Fomento de la Educacion e, conseqüentemente, da Sociedad Fomento de Bellas Artes, fez com que um grupo de intelectuais negros travassem nas páginas dos periódicos uma disputa sobre qual associação deveria trazer benefícios efetivos para “sociedade de cor”. O triunfo da segunda instituição em detrimento da primeira evidencia que para os iniciadores não havia interesse em proporcionar à comunidade os dois projetos, não de maneira paralela. A opção pela Sociedad Fomento de Bellas Artes indica o esforço dos intelectuais negros em apresentar a sociedade argentina um novo “homem de cor”. Ao se associarem em instituições literárias e exporem seus textos por meio das conferências, do ponto de vista dos intelectuais negros, tais ações os ajudavam a distanciar dos estereótipos geralmente associados a “comunidade de cor” naqueles anos. Muitas vezes classificados como “atrasados e párias da sociedade”,²⁴⁶ restava para os intelectuais negros projetar uma imagem de austeridade e hombridade que negasse os estereótipos relacionados a “sociedade de cor”.²⁴⁷

Nessa perspectiva, a ressignificação do “homem de cor” elaborada por intelectuais negros, entre outros elementos, era muitas vezes composta da ideia de que a África, lugar de

²⁴⁴ Poetisa e escritora, única mulher integrante da Sociedad Fomento de Bellas Artes. Consultar Lea Geler. GELER, Lea. “Nuestro sexo está de pie”: Voces afrofemeninas en la Buenos Aires de 1876-78. *Revista Claroscuro*, n. 6 (2007) p. 121.

²⁴⁵ “La Sociedad Estimulo de Bellas Artes.

La sociedad de este nombre dará el sabado proximo una conferencia literaria en e local do el Bazar de Caridad "La Protectora".

Los trabajos presentado hasta la fecha para leer en esa noche son:

- Gervasio Mendez, prosa por Juan B. Aguirre.
- La cuna del niño (poesia) por Casildo G. Thompson.
- Caridad social, prosa dedicada al señor Saar por Ernesto Mendizábal.
- La Mujer (inelegível) (poesia) Francisco Rondeau.
- Reflexiones sociales, prosa Froilán P. Bello.
- Las Conferencias, Santiago Elejalde, prosa.
- Un sueño. Mateo Elejalde.

La señorita Rosario Iglesias, tiene preparado un bello trabajo titulado "Esperanza e Caridad".

Se nos assegura que los señores Angel P. Rodriguez, Dionisio Garcia, Manuel E. Posadas y Aristide Oliveira leeran alguna elucubraciones.

En el proximo número daremos detalles de esta fiesta. “Varias noticias” *La Luz*, 03 de maio de 1878. p. 3.

²⁴⁶ “Negros y blancos”. *El Unionista*, 09 diciembre de 1877. p. 1- 2.

²⁴⁷ “La Instrucion”. *La Juventud*, 30 de abril de 1876. p. 1.

onde seus avós provinham deveria ser reposicionada como um lugar que tem história. Nesse contexto, “Canto al Africa” poesia de Casildo G. Thompson, declamada em uma das conferências da Bellas Artes, reforçava a mobilização de intelectuais negros que elaboravam mecanismos para combater as desigualdades sociais e raciais que “homens e mulheres de cor” experimentavam cotidianamente na Argentina das últimas décadas do século XIX.

2.5 “Canto al Africa” – as leituras da poesia de Casildo G. Thompson.

Não localizei sequer uma nota sobre a conferência literária e científica realizada no dia 1 de abril de 1878 nos jornais *La Perla* e *La Juventud*. Creio que esse silêncio não deixava de ser uma crítica dos jornais a Sociedad Fomento de Bellas Artes e às conferências por ela promovidas. Outra questão que dificulta obter informações das reuniões organizadas pela Bellas Artes, é que o semanário *La Broma*, que para meados do ano de 1878 foi um entusiasta das conferências e muitas vezes teceu comentários sobre o que se passava nas reuniões organizadas pela instituição, no decurso de abril até o mês de junho estava fora de circulação, só voltando a reaparecer em julho daquele ano, tal ausência do periódico dificulta ainda mais obter informações da Bellas Artes.

A recepção ao poema “Canto al Africa” de Casildo G. Thompson começou a aparecer na imprensa dos “homens de cor” dois meses após sua leitura na conferência no início de abril. Contudo, há um razoável número de escritores que teceram comentários sobre a poesia, alguns foram breves em suas observações, outros fizeram análises mais minuciosas. Assim, por exemplo, Manuel G. Posadas teve seu exame crítico sobre a poesia de Thompson publicado no editorial de *La Juventud*, em 10 de junho de 1878, enquanto que Jorje Miguel Ford publicou seus comentários em seu livro *Beneméritos de mi Estirpe: Esbozos sociales*, publicado dezenove anos mais tarde, em fins de janeiro de 1899. Ao que sabemos, esses são os comentários críticos feitos no momento em que Casildo G. Thompson ainda estava vivo, todavia podem ter havido outros.

É relevante dizer que o “Canto al Africa” de 1878 parece ter sofrido modificações quando comparada com a versão publicado por Jorje M. Ford no seu livro em 1899. No entanto, para analisar o que foi produzido sobre a poesia de Thompson, essa pesquisa se utiliza da versão que foi publicada no *Almanaque del Progreso con ilustraciones para 1881*, editado por Luis Garzon, do qual eu fiz uma adaptação para língua portuguesa. Existe uma reprodução da poesia no livro, *En la lucha curtida del camino... Antología de literatura oral y escrita afroargentina* de autoria de Norberto Pablo Cirio.

“*Canto al Africa*”

Sob um céu claro de cor límpida, com nuvens brancas – tecido de querubins-, céu de milhões de estrelas que brilham em uma noite de encantamento com amante teimoso acariciando a terra com seus beijos.

Sob um sol de cores flamejantes que ilumina o espaço em raios dourados: com um ar de aromas e um tesouro em rubis e pérolas de suas flores: existe uma terra virgem que foi o berço, pela dor ou pela fortuna, de uma raça que é martirizada por sua história: raça digna de glória porque ela é nobre e presunçosa como o leão que mora na selva, e isso na hora amarga arrastá-la para o abismo da infâmia, Ah! sem apertar a mão fratricida, de um bárbaro Caim, cruel, desumano ...

Você sabe como é chamado aquela terra divina e abençoada, aquela joia que Deus legou ao mundo, aquela virgem vergonhosa ofendida O quão humilhada ela se destaca? Chama-se ÁFRICA, sim, bela África!
É o berço do negro: essa é a pátria do eterno exilado que está de luto por ela e longe de suas casas levanta uma estranha voz sonora na pátria cantando a canção das tristezas. Do negro é o berço; do pária universal. O sol escaldante que beijou sua testa ativa na infância.

Ele também o viu sair com um luto triste, com uma planta ensanguentada, arrastando o laço, olhando para o céu, testemunha de sua afronta e do selo vil que um executor feroz colocou em seu pescoço.

Essa terra, a imagem sedutora de um paraíso perdido de delícias, no luto ela se cobriu, desde

o amanhecer ao pôr do sol de muitos séculos.

Seus belos bancos que ontem povoavam barcos leves; suas margens sorridentes e floridas, suas florestas e selvas, doloridas eles observaram seu rosto ... Você sabe o que acontece e por que triste a bela virgem africana Sua elegância está nua e não mostra o sorriso de uma sultana? Porque tocou uma hora, maldita hora! de vergonha e vergonha em que se grita quem disse escravidão! é ouvido no ar, e do vale tranquilo ao mar bravo, do alto cume ao prado baixo uma besta sedenta que se chamou de homem branco, que rasgou o útero da África virgem com ganância brutal, fúria sangrenta.

Contando daquele dia de lágrimas e luto, os raios não brilharam no céu do sol da justiça. O baú do baobal que era a cabana de cem gerações, casa que deu a Natureza generosa e eles respeitavam tigres e leões da selva africana, ele caiu ao golpe do machado do carrasco; e porque neste ponto entre desgraças! o menino e a donzela saíram com lábios coloridos e olhos de fogo, de olhar brilhante e voz de oração, e o grito universal foi ouvido no ar que cruzou a nuvem e atingiu o céu exigindo misericórdia para aquele solo; o céu estava surdo; nem mesmo o choro da criança inocente que em cada peito humano encontra um eco o coração do homem branco encontrou misericórdia. A oração sincera que os lábios maternos balbuciam ele ouviu frio, insensível, o assassino: aquela besta humana queria a criança fraca nos braços abençoados de sua mãe os golpes de seu chicote sofrerá.

Ah! déspota e cruel; ele é o senhor que concede vida e da morte, que não conhece nenhuma lei, fraca ou forte, nem aquele Deus justo que vê a iniquidade e é um juiz severo. Foi assim que o negro o viu chegar para o lintel secular de sua residência, santuário eterno de felicidade silenciosa por ninguém profanado. e ao olhar para ele ameaçadoramente com ferro na mão direita, faz uma reverência suplicante fingindo acalmar sua raiva sinistra. Então levante sua voz com um doce apelo enquanto grito de fogo atravessa seu rosto que pode até comover as feras: "Pare", diz o negro, "esta é a casa onde a memória de uma esposa está aninhada que perfumava minha vida com amor e era a luz dos meus olhos que extinguirá seu brilho em minha agonia. Pare por misericórdia: aqui eles nasceram dois pedaços da minha alma que me inundou em abençoada calma; duas estrelas, duas pérolas, meus dois filhos, talismãs preciosos que dão nervos à minha força já deprimida e em seu fluxo de amor eles sopram em vida. " mas o branco desumano sorrindo com desprezo, a pé avança: "Pare – o negro implora- que sua planta respeite o humilde templo da minha felicidade". E o branco inexorável, chicoteando o rosto valente do negro, ele diz com desdém intolerável: "Separe de lado o negro, separe de lado o escravo...!"

Ah! Maldito, Maldito mil vezes seja branco sem fé, sua memória cruel seja a calvície eterna para sua história que desonra os filhos de seus filhos; e continuar suas testas a mancha da infâmia que você fez que o negro usa para sempre as feridas da alma que você abriu. Maldito seja sim, até te joguei a terra de seu

seio, porque você era o aborto dela e era a sua vida sinal de guerra crua e frenética.

Mais, não, pare com a raiva, sua missão o poeta não cumpre de ódio na região, e de sua lira apenas o acorde é doce e sonoro; se a oliva simboliza paz e o amor é o numen você vai beber inspiração divina, aquela voz de sereia peregrina, traga seres estranhos no mundo para a região da luz o ódio cessa e da fraternidade começa o amanhecer.

Existem nuvens de oriflame no céu: um amanhecer esplendoroso aparece entre véus de nácar e rosa anunciando um novo dia brilhante. Uma harmonia é sentida no espaço cujo eco celestial eleva a alma em êxtase divino; tão doce é o seu boato, tão peregrino. A selva estremece, o mar suspira; e naquelas ondas de cristal e neve vejo céu azul como uma mulher coquete em um espelho liso. Das flores das pradarias virgens ao soluço da aura trêmula de aroma embriagante ondas de luz surgem ... Você sabe o que acontece? Você sabe por que a Natureza mudou o tesouro descobre onde se aninha? Porque o sol que África espera chegando; o sol que o oprimido e o escravo a voz de um profeta previu, o sol da Redenção: a hora tocou no quadrante do destino: já em nome do amor eles apertam as mãos escravos e tiranos e livre e oprimido; pela IGUALDADE de JUSTIÇA irmã ele os quer em um abraço confuso.

Durante o século XX, alguns intelectuais uruguaios e argentinos também produziram alguns comentários sobre Casildo G. Thompson e sua poesia o “Canto al Africa”. Entre eles, os mais destacados são Marcos de Estrada em seu texto *Argentinos de origen africano*, e Ildefonso Pereda Valdés na *Antología de la poesía negra americana*.²⁴⁸ Em seu livro *Los afroargentinos de Buenos Aires*, o historiador norte-americano George Reid Andrews, fez o seguinte comentário:

Thompson foi o único autor que demonstrou alguma sensibilidade às questões raciais. Seu "Canto al Africa", uma evocação das crueldades do comércio de escravos, emprega uma notável reversão dos estereótipos raciais tradicionais Porteño. Aqui o homem branco é o selvagem, "uma fera sedenta" que destrói famílias negras e vive em sua constante ganância pelo lucro...²⁴⁹

Nessa pesquisa tenho me esforçado para demonstrar que houveram outros afro-portenhos que também se preocuparam com as discriminações que lhes afligiam, conseqüentemente esses intelectuais negros desenvolveram inúmeras ações individuais e coletivas para combater tantas injustiças.

No livro, “*El discurso afroargentino: otra dimensión de la diáspora negra*” Marvin A. Lewis, afro-americano, professor emérito da Universidade de Missouri especialista em literatura latino-americana, dedicou o segundo capítulo de seu estudo à análise da poesia de Casildo G. Thompson. Para Lewis, em sua forma a poesia de Thompson, não escapa das influências da cultura dominante argentina. No entanto, o autor ressalta que, em sua essência o “Canto al Africa” inclui uma exaltação dos valores culturais e morais dos negros. Lendo na chave da perspectiva da *negritud*,²⁵⁰ Lewis afirma que o “Canto al Africa” é um componente importante da constante luta dos

²⁴⁸ Não foi possível acessar esses textos, ambos estão disponíveis na Biblioteca Nacional Mariano Moreno em Buenos Aires. No momento a biblioteca encontra-se fechada sem previsão para reabertura. LEWIS, Marvin A. *El Discurso Afroargentino: otra dimensión de la diáspora negra*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2010

²⁴⁹ “Thompson era el único autor que exhibía cierta sensibilidad por los temas raciales. Su “Canto al Africa”, una evocación de las crueldades del tráfico de esclavo, emplea una notable inversión de los tradicionales estereótipos raciales porteño. Aquí el hombre blanco es el salvaje, “una fiera sedienta” que destruye familias negras vive en su constante avidez de lucro... ANDREWS, George Reid. *Los Afroargentinos de Buenos Aires*. op. cit., p. 204.

²⁵⁰ Movimento literário de grande significado político e ideológico com forte inspiração francófona. *Negritud* apareceu pela primeira vez de forma clara e concreta com a publicação em Paris em 1934 da Revista “L' Étudiant Noir”. Seus principais fundadores, todos estudantes em Paris, foram Aimé Césaire (da Martinica), Léon Gontran Damas (Guiana Francesa), Guy Tirolien (Guadalupe) e Léopold Sédar Senghor (Senegal). Além disso, deve-se lembrar que a paternidade do termo costuma ser atribuída a Césaire.

negros da diáspora pela dignidade e autodeterminação, nas palavras do autor, a poesia de Thompson, “é uma condenação aberta do colonialismo e do racismo”.²⁵¹



CASILDO. J THOMPSON

Figura 15: Casildo G. Thompson.

Em *Identidades Secretas: la negritud argentina*, Alejandro Solomianski fez breves comentários sobre o “Canto al Africa”. Para o autor, que se surpreende com o poder combativo da poesia de Thompson, “a poética desse intelectual negro possui uma sinceridade vista com menor frequência entre os demais escritores afro- argentinos”.²⁵² Para Alejandro Solomianski, Thompson propunha em seu escrito a resistência de pessoas negras em um mundo em que a igualdade se revela tão necessária e, no entanto, difícil de se alcançar”.²⁵³

Os textos acima formam boa parte da recepção à poesia de Thompson. No entanto, minha análise se deterá no artigo de Manuel G. Posadas, “Las poesias del joven

²⁵¹ LEWIS, Marvin A.. *El Discurso Afroargentino: otra dimensión de la diaspora negra*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2010, p. 88.

²⁵² SOLOMIANSKI, Alejandro. *Identidade Secretas*. op. cit., p. 216-217.

²⁵³ *Idem, ibidem*, p. 217.

Thompson”, uma resenha crítica sobre o “Canto al África” publicada conforme mencionado, no editorial do *La Juventud*, em 10 de junho de 1878.

A resenha crítica escrita por Posadas não foi a primeira interação entre os dois intelectuais. Em dezembro de 1877, colaborando com o periódico *El Unionista*, Casildo G. Thompson escreveu um artigo, cujo título era “La hora de Redencion”,²⁵⁴ que foi contraditado meses depois por um outro artigo com a epígrafe similar, “La hora del trabajo”, de autoria de Manuel G. Posadas.²⁵⁵ Para ser sucinto, o debate foi gerado através de opiniões diferentes sobre o progresso da “sociedade de cor” diante das circunstâncias vivenciadas em Buenos Aires. Para Casildo G. Thompson os anos de cativo em que viveram seus antepassados ainda assombrava sua geração, que se mantinha na obscuridade. A estratégia empregada pelo poeta para reverter os efeitos daquele passado cruel e vergonhoso era a instrução da “sociedade de cor”, sobretudo dos homens, uma vez que agora eles viviam em um período republicano devendo conservar seus direitos.²⁵⁶

Manuel G. Posadas pensava de modo diferente. Para ele, o passado escravocrata não era a verdadeira causa do sofrimento que experimentava a “sociedade de cor” de Buenos Aires. Na opinião de Posadas, dentro de um sistema republicano no qual há igualdade entre todos os cidadãos, o infortúnio vivido pela “comunidade de cor” estava diretamente relacionado à falta de ocupação. A estratégia que deveria ser adotada para que a “sociedade de cor” viesse a se desenvolver seria por meio do trabalho.

Os diálogos entre esses dois intelectuais negros são marcados pela discordância de ideias. Thompson e Posadas tinham pontos de vistas distintos em relação a “sociedade de cor”. As diferenças entre esses dois intelectuais negros e seus respectivos artigos serão analisadas no capítulo seguinte.²⁵⁷ Por ora, se voltarmos para os primeiros parágrafos deste capítulo, veremos que Manuel G. Posadas estava presente na reunião do dia 06 de fevereiro na qual foi apresentada o projeto de se fundar a Sociedad Fomento de la Educacion. Ao lado de Thompson, Bello, Mendizábal e outros

²⁵⁴ “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

²⁵⁵ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

²⁵⁶ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

²⁵⁷ Tensão parecida houve entre W.E.B Du Bois e Booker T. Washington sobre qual caminho a comunidade negra estadunidense deveria trilhar para obter uma emancipação completa. Ver: DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. São Paulo: Lacerda, 1999. WASHINGTON, Booker. T. The educational outlook in the south. In: *Negro social and political thought*. New York: Basic Books, 1966. GLEDHILL, Sabrina. *Travessias no Atlântico Negro: Reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino*. EDUFBA, 2020.

iniciadores, o nome de Posadas aparece como um dos integrantes da primeira comissão formada por intelectuais negros para elaboração da associação. Entretanto, no dia 03 de março uma nota publicada no *La Juventud* informava sobre a renúncia de Manuel G. Posadas da comissão diretiva da Sociedad.

O virtuoso cidadão Sr. Manuel T. Posadas [grafado com a letra T], que fazia parte da Comissão Diretiva que foi provisoriamente nomeado para efeitos de constituição de uma sociedade de “Fomento de Educación” apresentou a sua renúncia em caráter indeclinável do cargo que ocupou como primeiro vocal.²⁵⁸

É possível que tenham ocorrido divergências internas, todavia, não podemos comprovar a veracidade, se caso ocorridas no interior do grupo inicial da formação da Sociedad e se este teria sido motivo real da renúncia de Manuel G. Posadas. Isto posto, Posadas justificava sua saída da comissão diretiva com o seguinte comunicado enviado aos diretores do *La Juventud*:

Buenos Aires, 15 de fevereiro de 1878. Ao Presidente da Sociedad Fomento de la Educación, Juan B. de Aguirre.

Senhor Presidente:

É com pesar que comunico o Sr. e a Honorável Assembleia, que, uma vez que me é materialmente impossível assistir regularmente às reuniões da Comissão Diretiva de que faço parte, sou obrigado a renunciar formalmente a função que desempenho. Peço, portanto, ao Presidente que expresse os meus agradecimentos aos meus colegas.

Deus lhe guarde.

Manuel T. Posadas.²⁵⁹

²⁵⁸ “El virtuoso ciudadano señor don Manuel T. Posadas, que formaba parte de la Comisión Directiva que provisionalmente fué nombrada á efecto de fundar una sociedad de “Fomento de Educación” a presentado sua renuncia en el caracter de indeclinable del puesto que ocupaba como primer vocal”. “Ideas que se encuentran”. *La Juventud*, 03 de marzo de 1878. p. 1.

²⁵⁹ “Buenos Aires, febrero 15 de 1878.

Al señor Presidente de la Sociedad Fomento de Educación don Juan B. de Aguirre.

Senor Presidente:

Tengo el pesar de comunicar á vd., para que se sirva ponerlo en conocimiento de la Honorable Asamblea, que siéndome materialmente imposible el poder asistir con regularidad a las reuniones de la Comisión Directiva de que formo parte, me veo obligado á hacer formal renuncia del cargo en ella desempeño.

Ruego pues al señor Presidente les signifique á mis colegas mis agradecimientos.

Dios guarde á ud.

Manuel T. Posadas. “Ideas que se encuentran”. *La Juventud*, 03 de marzo de 1878. p. 1.

Voltemos para a análise da poesia de Thompson feita por Posadas. A crítica escrita por Manuel G. Posadas, tem como próêmio breves comentários sobre o valor estético. Na avaliação do crítico, o “Canto al Africa”:

... é apenas a primeira parte de um poema magnífico, quanto ao enredo, é uma composição cheia de novidade e interesse. Vale destacar o escrupuloso que o poeta tem observado em termos de rima e o uso prudente que tem feito das imagens que representam a verdade filosófica da composição. Há alguém entre nós que descreva a bela terra africana com mais simplicidade e elegância como o autor de o Canto al África?²⁶⁰

Os elogios que Posadas direciona a Casildo G. Thompson manifestavam-se em quase todo seu artigo. A conduta de Posadas diante de Thompson é bem diferente daquela adotada anteriormente em seu artigo, “La hora del trabajo”. Dessa vez, Posadas tece inúmeras loas ao poeta. Thompson é visto como um “jovem inteligente e talentoso...”, que tinha conseguido demonstrar ser um “verdadeiro poeta, cheio de inspiração e vida”. De modo que, até aquele ouvido menos avezado a poesias, percebe a fluidez de seus versos e dá conta da verdadeira joia literária que era o “Canto al Africa”.²⁶¹

Ao tratar do conteúdo da poesia de Thompson, o diagnóstico de Manuel G. Posadas era de que o “Canto al África” era uma reflexão melancólica do poeta”, “que trazia as lembranças das iniquidades que foram cometidas com os infelizes habitantes das selvas da África”. Para Posadas, os versos de Casildo G. Thompson traziam à tona recordações dos sofrimentos e humilhações que seus descendentes sofreram com a chegada do europeu na África. No entendimento de Posadas, essas memórias tristes e dolorosas eram sentidas pelos descendentes de africanos. Referindo-se a si mesmo, Posadas diz: “sinto muito pela terra de meus antepassados, terra amaldiçoada”.²⁶²

A pergunta retórica feita por Posadas, “se haveria alguém na “sociedade de cor” de Buenos Aires que descreveu a bela terra africana com mais simplicidade e elegância

²⁶⁰ “[...] és sino lá primeira parte de un magnifico poema, en cuanto al argumento, es una composicion llena de novedad é interes.

És digno de notarse, la escrupulosidad que el poeta ha observado en cuanto a lá rima y el prudente uso que ha hecho de las imágenes que son las que representan la verdad filosofica de la composicion.

¿Ha alguien entre nosotros que haya descrito con mas sencillez y elegancia la hermosa tierra africana como el autor del canto al Africa”. “Las poesias del joven Thompson”. *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

²⁶¹ “Las poesias del joven Thompson”. *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

²⁶² “Las poesias del joven Thompson”. *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

como fez Casildo G. Thompson, está relacionada com a primeira estrofe da poesia o “Canto al Africa”.

Sob um céu claro
de cor límpida, com nuvens brancas
-como os dos querubins-,
céu de milhões de estrelas
que brilham em uma noite de encantamento
com amante teimoso
acariciando a terra com seus beijos.
Sob um sol de cores flamejantes
que ilumina o espaço em raios de ouro:
com um ar de aromas e um tesouro
em rubis e pérolas de suas flores:
existe uma terra virgem que foi o berço,
pela dor ou pela fortuna,
de uma raça que é martirizada por sua história:
corrida digna de glória
porque ela é nobre e arrogante
como o leão que mora na selva,
e isso na hora amarga
arrastá-la para o abismo da infâmia,
Ah! sem apertar a mão frenética,
de um bárbaro Caim, cruel, desumano...
Você sabe como é chamada
aquela terra divina e abençoada,
aquela joia que Deus legou ao mundo,
aquela virgem vergonhosa ofendida
A quão humilhada ela se destaca?

Chama-se ÁFRICA, sim, bela África!

O “Canto al Africa” apresenta a África como berço dos negros, uma terra virgem, divina e abençoada, que passou a ser ofendida com a chegada dos europeus. A descrição feita por Thompson revela uma visão idealizada, na qual a África é apresentada como uma terra mítica, tranquila e harmônica, contendo aspectos de um paraíso. Versos como: “sobre céu claro, nuvens brancas”, “o sol de raios flamejantes ilumina o espaço com brilhos dourados”, “as noites são estreladas e cheias de encanto” dão a dimensão da África imaginada por Thompson.²⁶³ No entanto, com a chegada dos europeus esta África paradisíaca desaparece.

É o berço do negro: essa é a pátria
do eterno fora da lei que está de luto por ela
e longe de suas casas
levanta uma estranha voz sonora na pátria

²⁶³ THOMPSON, Casildo G. “Canto al Africa”. Publicado no *Almanaque del Progreso con ilustraciones para 1881*. 1880, p. 71-76.

cantando a canção das tristezas.
 Do negro é o berço;
 do pária universal. O sol escaldante
 que beijou sua testa alva na infância
 Ele também o viu sair com um luto triste,
 com uma planta ensanguentada,
 arrastando o laço, olhando para o céu,
 testemunha de sua afronta e do selo vil
 que um executor feroz colocou em seu pescoço.

A África de Casildo G. Thompson também é retratada como o ventre de uma civilização negra. Por meio de uma visão positiva, a África era a terra eleita para o “bem-estar” de seu povo que, uma vez escravizados no Novo Mundo, passaram a ser tratados como párias. O europeu ofuscou o brilho da África descrita por Thompson como “uma virgem violada”. A imagem da violência sexual, ilustra como a paz e a tranquilidade no continente africano foram interrompidas e a “terra eleita” foi reduzida a uma fonte de mão de obra barata para os exploradores.²⁶⁴

Foi assim que o negro o viu chegar
 para o lintel secular de sua residência,
 santuário eterno de felicidade silenciosa
 por ninguém profanado.
 e ao olhar para ele ameaçadoramente
 com ferro na mão direita,
 faz uma reverência suplicante
 fingindo acalmar sua raiva sinistra.
 Então levante sua voz com um doce apelo
 enquanto grito de fogo atravessa seu rosto
 que pode até mover as feras:
 "Pare", diz o negro, "esta é a cabana
 onde a memória de uma esposa está aninhada
 que perfumava minha vida com amor
 e era a luz dos meus olhos
 que extinguirá seu brilho em minha agonia.
 Pare por misericórdia: aqui eles nasceram
 dois pedaços da minha alma
 que me inundou em abençoada calma;
 duas estrelas, duas pérolas, meus dois filhos,
 talismãs preciosos
 que dão nervos à minha força já deprimida
 e em seu fluxo de amor eles sopram vida em mim."
 mas o branco desumano
 sorrindo com desprezo, o pé avança:
 "Pare-o negro implora- que sua planta
 respeite o humilde templo da minha felicidade."
 E o alvo inexorável,
 chicoteando o rosto valente do negro,
 ele diz com desdém intolerável:
 "Separe o negro eu vi, separe o escravo! ..."

²⁶⁴ LEWIS, *El discurso afroargentino Identidades Secretas*. op. cit., p. 92.

Ah! maldito, maldito mil vezes
 seja branco sem fé, sua memória cruel
 seja a calvície eterna para sua história
 que desonra os filhos de seus filhos;
 e continuar suas testas
 a mancha da infâmia que você fez
 que o negro usa para sempre
 as feridas da alma que você abriu.
 Maldito seja sim, até te joguei
 a terra de seu seio,
 porque você era o aborto dela e era a sua vida
 sinal de guerra crua e frenética.

Thompson denunciava o comportamento desumano e lancinante do europeu na África. Implorando, o negro tenta frear as atrocidades cometidas pelo branco quando esses invadiram o continente. Suplicando, o negro diz: “pare”, “pare por misericórdia”. No entanto, a sua suplica é ignorada, e o homem branco avança em direção a sua morada ordenando: “separe o negro, separe o escravo”.²⁶⁵



Figura 16: Retrato de Manuel G. Posadas por Ventura Lynch (Garzón 1880: 78).

²⁶⁵ THOMPSON, Casildo G. “Canto al Africa”. Publicado no *Almanaque del Progreso con ilustraciones para 1881*. 1880, p. 71-76.

Em sua totalidade, o “Canto al Africa” tem um tom enfurecido. Apesar disso, Casildo G. Thompson propõe que o homem africano, o negro, escravizado e oprimido, tenha indulgência ao homem europeu, o branco, livre e tirano:

Você sabe o que acontece?
 Você sabe por que a Natura mudou
 o tesouro descobre onde se aninha?
 Porque o sol que a África espera está chegando;
 o sol que o oprimido e o escravo
 a voz de um profeta previu,
 o sol da Redenção: a hora tocou
 no quadrante do destino:
 já em nome do amor eles apertam as mãos
 escravos e tiranos
 e livre e oprimido;
 pela IGUALDADE de JUSTIÇA irmã
 ele os quer em um abraço confuso.²⁶⁶

Portanto, para Casildo G. Thompson, a possibilidade de um novo cenário para África e seus descendentes deveria acontecer mediante a superação dos conflitos entre “os negros e os brancos”, “o africano e o europeu”. É justamente nesta última estrofe que Manuel G. Posadas discorda de Thompson. Para o crítico, a dialética na qual a poesia exhibe o antagonismo entre o negro e o branco, o último representado como “uma besta feroz, o inumano” em contraste com o negro descendente de uma “raça martirizada e digna de glória”, entra em choque com a proposta conciliatória. Do ponto de vista de Manuel G. Posadas, Thompson seria mais feliz se sua poesia terminasse da seguinte forma:

A forma como o poeta Thompson termina seu Canto al Africa, não nos parece nada irrelevante porque o vemos misturado entre os quatro personagens que aparecem na composição. O desfecho teria sido mais feliz se terminasse com o suicídio do negro produzido pelo desespero de não poder impedir o branco de entrar em sua cabana, ou a morte deste por ele causada. No entanto, esta circunstância em nada afeta seu verdadeiro mérito literário.²⁶⁷

²⁶⁶ “Las poesias del joven Thompson” *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

²⁶⁷ “La manera como el poeta Thompson termina su Canto al Africa, no nos parece de todo propia inconducente por que le vemos mezclado entre o cuatro personajes que figuran en la composicion. El desenlace hubiese sido mas feliz, si terminasse con el suicidio del negro producido por la desesperacion de no poder impedir la entrada el blanco á sua choza, ó la muerte de este producida por aquel.

Sin, embargo, esta circunstancia en nada afeta su verdadero merito literario. “Las poesias del joven Thompson” *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

Lido durante uma das conferências da Sociedad Fomento de Bellas Artes, sociedade que tinha como finalidade representar a modernidade dos afro-argentinos de Buenos Aires, o “Canto al África” de Casildo G. Thompson revela muitos dos impasses vividos pela “comunidade de cor” de Buenos Aires e não só dos que viviam na cidade.²⁶⁸ Ao articular uma visão sobre a África, Thompson opera uma estratégia que foi diagnosticada como comum entre os intelectuais negros da diáspora no século XIX e princípio do XX, a invenção de uma África mítica.²⁶⁹ Descendente de africano, por meio de seu “Canto al Africa” Thompson retorna ao continente ancestral. Não obstante, sua poesia foi elaborada a partir da experiência da marginalidade que sofriam os afro-portenhos no Pós-Abolição argentino. Da mesma maneira, sua identidade racial lhe proporcionava um lugar de pertencimento estreitamente ligado à África.

Se seguirmos os preceitos de Kwame Anthony Appiah, na África de Thompson, a “raça” também é o “conceito norteador”, ou seja, o fato dele também ser negro reafirmava a ideia de uma história comum com todos os negros do mundo. História que tem a África como eixo central convertida em terra natal de todos negros.²⁷⁰ No entanto, o filósofo ganês nos chama atenção para o fato de que a África imaginada entre os intelectuais da diáspora está diretamente relacionada com a história de discriminação que os descendentes de africanos sofriam para além do continente.

Deste modo, no último capítulo dessa pesquisa investigo como os representantes da imprensa negra de Buenos Aires articularam as ideias de “raça” e forjaram uma “identidade negra” se solidarizando com outros africanos e seus descendentes nos países vizinhos, sobretudo, Uruguai e Brasil. Para tanto, analiso o folheto escrito pelo maestro e intelectual afro-portenho Zenón Rolón. Escrito em Florença, esse folheto circulou em Buenos Aires e, possivelmente, em Montevideú, inserindo-se na rede de circulação e trocas entre intelectuais negros da diáspora descrita por Paul Gilroy. Essa circulação não se caracteriza somente pelo fluxo de pessoas, ela

²⁶⁸ “Las poesias del joven Thompson” *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

²⁶⁹ Há um certo consenso, historicamente compreensível de que, o processo de construção da razão africana na modernidade constituída por discursos africanistas e os efeitos de seus desdobramentos – tiveram por marco as obras de Edward Wilmot Blyden (1832-1912). Intelectual e ativista, assim como outros caribenhos, africanos e afro-estadunidenses, Blyden sofreu influência do pensamento racista da Europa e dos Estados Unidos. Porém, se desviou do biologismo e construiu uma concepção histórica original da categoria “raça”. MUDIMBE, V.Y. *A invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Editora Vozes. São Paulo. 2019.

²⁷⁰ APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

também se dá por meio da circulação de impressos e, por conseguinte, de ideias.²⁷¹ Outra preocupação para esse último capítulo é saber em que medida os afro-portenhos estavam implicados naquilo que James Clifford denominou como “culturas viajantes”,²⁷² prática muito comum entre as elites europeias e latino-americanas.²⁷³

²⁷¹ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

²⁷² CLIFFORD, James. Culturas viajantes In: ARANTES, Antonio A. (org.) *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

²⁷³ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e Relatos*: Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. São Paulo: Intermeios, 2018.

Capítulo 3

Movimento e agitação: Zenón Rolón e os debates sobre “raça”, emancipação e pós-emancipação na Argentina.

Em um texto publicado em 2008, Alejandro Frigerio argumenta que a imagem de uma Argentina branca e europeia também cristalizou-se no espaço acadêmico do século XX, condicionando sua produção intelectual.²⁷⁴ Contudo, Frigerio salienta que, já no início do século XXI, é notável o crescimento significativo de estudos que examinam a presença de pessoas negras no país. Concentrados em períodos distintos, a maior parte desses estudos procura visibilizar a presença dos afrodescendentes na Argentina e rebater a narrativa dominante de que os argentinos vieram somente dos barcos da Europa. Essa pesquisa se aproxima destas abordagens, uma vez que reitero que a narrativa do desaparecimento dos africanos e seus descendentes naquele país está imbricada com o processo de construção do Estado-nação argentino, no qual a ideia de branquidade e europeidade, a despeito da recente revisão historiográfica, ainda orienta o imaginário nacional.²⁷⁵

* * *

Quando eu concebi investigar algumas trajetórias dos “homens de cor” de Buenos Aires motivava-me um propósito já bem conhecido na historiografia brasileira, sobretudo aquela que vem se debruçando sobre o Pós-Abolição como problema histórico no Brasil.²⁷⁶ De certo modo, o que me importunava era saber se seria possível

²⁷⁴ FRIGERIO, Alejandro. (2008), “De la desaparición de los negros a la reaparición de los afrodescendientes: comprendiendo la política de las identidades negras, las clasificaciones raciales y de su estudio en la Argentina”, en Gladys Lechini (comp.), *Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina. Herencia, presencia y visión del otro*, Buenos Aires, Clacso, pp. 117-144.

²⁷⁵ GUZMÁN, Florencia. GELER, Lea. FRIGERIO, Alejandro. *Cartografías afrolatinoamericanas: Perspectivas situadas desde la Argentina*. Buenos Aires. Editorial Biblos. 2016.

²⁷⁶ Até as décadas de sessenta e setenta os estudos sobre as experiências de pessoas livres e libertas pós-abolição da escravidão no Brasil, tinham como foco a analisar a situação da inserção social dos libertos no país. Esses estudos enfatizavam a exclusão social e o racismo, refutando a ideia da existência de uma suposta democracia racial. Naquele contexto, segundo o estudo de Florestan Fernandes, os negros viam-se subjugados pelos grupos sociais dominantes e, além disso, padeciam sob condições degradantes de integração na sociedade moderna, estigmatizados pela herança da escravidão. Fernandes e outros pesquisadores que se debruçavam sobre a questão dos negros na primeira República, refletiram sobre o estado de anomia social em que essas pessoas viviam, à margem dos valores burgueses, incapazes de

identificar por meio de trajetórias individuais uma rede de intelectuais negros compromissados com progresso de sua gente. Devo dizer, uma parcela de sujeitos engajados em melhorar sua própria sorte e a do grupo do qual faziam parte. Diante disso, de maneira sucinta, dado que o objetivo principal não era o de interpelar de forma exaustiva as trajetórias desses “homens de cor”, mas o de apresentar alguns personagens que estavam constantemente envolvidos nos debates sobre “raça” e civilização na Argentina, apresentei nos capítulos anteriores alguns traços das experiências históricas de Froilán P. Bello, Casildo G. Thompson, Santiago Elejalde, Manuel G. Posadas e outros intelectuais negros. Esta biografia de perfil do grupo foi construída principalmente a partir da análise da imprensa negra de Buenos Aires. Deste modo, observar as articulações individuais e coletivas destes intelectuais negros nos auxiliou a compreender as experiências dos afro-portenhos diante do processo de apagamento em que estavam inseridos na última metade do século XIX na Argentina.²⁷⁷

Por conseguinte, para esse capítulo final estabeleci os seguintes objetivos: o primeiro, procurar compreender os possíveis impactos da viagem à Europa na vida de Zenón Rolón e, com efeito, sua mudança de percepção sobre a “sociedade de cor”. Para isso, examino a trajetória de Rolón e a repercussão de seu folheto *Dos palabras à mi hermanos de castas*. O segundo objetivo é apontar por meio dos jornais analisados, breves passagens que evidenciam os laços tecidos entre “pessoas de cor” da região platina, observando como elas teceram redes de sociabilidade e elaboraram projetos de cidadania que excederam os limites impostos pelo Estado-nação.

constituir famílias, vítimas de uma exploração, que retirava dos mesmos as condições de disciplina, de racionalidade e de empenho no trabalho. O alcoolismo, a promiscuidade sexual, a vagabundagem e a criminalidade definiriam os principais traços da luta pela sobrevivência desses indivíduos, descartados do mercado ante a concorrência da mão de obra imigrante. Quarenta anos depois, em 2004, Ana Maria Rios e Hebe Mattos publicaram um balanço historiográfico sobre o pós-abolição, no qual os libertos, mais do que espectadores inermes, aparecem como agentes de sua própria história. Malgrado alvos de diversos tipos de sujeições e violências, essas pessoas formavam grupos e relações, assinalados pela heterogeneidade, elaboravam estratégias, acionam recursos variados – não obstante escassos – e se avultavam no cotidiano, ao defenderem seus direitos de homens e mulheres livres. Nesse sentido, os negros emergiram como protagonistas do longo e multifacetado processo de se fazer cidadãos e de construção da cidadania. MATTOS, Hebe Maria & RIOS, Ana Maria. “O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas”. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro: PPGH-UFRJ- Sete Letras, vol. 5, n. 8, jan. jun. 2004.

²⁷⁷ As pesquisas das historiadoras Ana Flavia Magalhães Pinto e Lívia Maria Tiede foram muito importantes para a construção da reflexão sobre os intelectuais negros na região do Rio da Prata. PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade*. Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. TIEDE, Lívia Maria. *Sob Suspeita*: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Departamento de História: Campinas, 2006.

3.1 Entre o novo e o velho mundo, Zenón Rolón e a mobilidade negra na Europa.

Estando o senhor Rolón a chegar da Europa, seus amigos preparam-se para lhe fazer uma recepção no cais na hora de seu desembarque.

Também sabemos que algumas daquelas pessoas preguiçosas que não têm mais nada a fazer a não ser insultar a Deus e ao mundo inteiro, se preparam para revoltar-se contra ele; mas alguém em união com a Polícia vai pregar uma peça nos desordeiros.

Veremos então. Estamos esperando e em caso de conflito, temos segurança e confiança na habilidade e expertise desse alguém.²⁷⁸

Extraída de uma notícia, publicada no jornal *La Juventud*, a epígrafe acima indica que, ao chegar à cidade portenha depois de uma longa estadia na Europa, Zenón Rolón encontrou à sua espera dois grupos distintos de afro-portenhos ao desembarcar do navio. Enquanto um grupo prometia protestar contra a sua chegada, o outro, formado por fervorosos admiradores esperava para recepcionar de forma solene o maestro e compositor. Não sabemos se, de fato, ocorreram os tumultos e as desordens no desembarque de Zenón Rolón. Contudo, o que não deixa dúvidas é que, boa ou ruim, Zenón Rolón possuía uma reputação no seio da “sociedade de cor”. Para o bem ou mal, ou, para celebrá-lo ou detrá-lo, um aglomerado de pessoas aguardava inquietamente a sua chegada. Porém, antes de analisar os motivos pelo qual o periódico *La Juventud* demonstrou apreensão acerca do desembarque do maestro, convém conhecer um pouco mais a personagem que retornava a sua terra natal. Nesse sentido, levaremos em conta o contexto de modernização do país, e o quanto as viagens, prática mais comum entre homens brancos da elite argentina, foi importante para a conversão de Rolón em um “sujeito moderno”, num período em que a dicotomia entre “civilização e barbárie” era possante no país.²⁷⁹

²⁷⁸ Encontrándose próximo a llegar de Europa el caballero Rolón, sus amigos se preparan para hacerle un recibimiento en el Muelle al tiempo de su desembarque.

Sabemos también que algunos vagos de esos que no tienen otra cosa que hacer si no insultar á Dios y á todo mundo, se preparan á su vez para hacerle una asonada; pero alguien en unión de la Policía les vá a jugar una mala pasada á los desordenados.

Veremos, pues. Nosotros estamos a la expectativa y en caso de un conflicto, tenemos seguridad y confianza en la habilidad y pericia de ese alguien. Noticias varias. *La Juventud*, 10 de diciembre de 1878. p. 2.

²⁷⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: ou civilização e barbarie*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

Conforme aponta Stella Maris Scatena Franco, as viagens para Europa e Estados Unidos, foram uma prática habitual entre homens e mulheres da América Latina no decorrer do século XIX. Esses lugares eram entendidos como “mundo civilizado”, sobretudo pela “elite” latino-americana, uma vez que era essa camada social que mais atravessava o oceano com propósito de sentir-se parte desse mundo “culto, organizado e racional”.²⁸⁰ No imaginário dessa “elite”, a experiência internacional, sobretudo na Europa “civilizada” era entendida como indispensável para sua promoção e reafirmação social.²⁸¹ Stella Franco afirma que tal ação contribuía para que os indivíduos se sentissem “modificados, alterando seu *status* de figuras rústicas e com ideias pouco sofisticadas, em sujeitos pensantes e articulados”.²⁸² Embora o maestro Zenón Rolón não fizesse parte dessa “elite”, sua vivência no exterior e, conseqüentemente, a circulação de seu folheto produzido na Itália podem ser lidos no contexto em que o deslocamento para o velho mundo era indispensável para aqueles que buscavam “civilização e progresso”.

Entre as personagens estudadas nesta pesquisa, Zenón Rolón não foi o único afro-portenho que teve uma experiência na Europa.²⁸³ Manuel L. Posadas, filho de Manuel G. Posadas viajou para Bruxelas, Bélgica em maio de 1879. Estando na Europa, Manuel L. Posadas estudou no Conservatoire Royal de Bruxelas, onde foi aluno do violonista e compositor belga Eugène Ysaÿe. Posadas atuou como violinista no Théâtre Royal des Galeries de Bruxelas, e retornou a Buenos Aires em 1882. Durante sua estadia na Bélgica trocou correspondências com os editores do periódico *La Broma*. As cartas endereçadas ao semanário tornam-se um instigante relato de viagem, no qual entre outros eventos, ele descreve a sensação desagradável que sentiu ao desembarcar no Rio de Janeiro diante da terrível situação em que viviam os negros escravizados:

Grande foi o meu desejo, desde que cheguei a Bruxelas, de escrever uma extensa correspondência para o seu ilustre semanário, mas, até

²⁸⁰ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e Relatos: Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018

²⁸¹ Stella Franco afirma que, a percepção de que os europeus não necessariamente entendiam os latino-americanos integrados ao seu mundo, provavelmente jogou um papel importante nas avaliações dos viajantes. Nesse sentido, Stella nos alerta que: “É preciso, então, ficar atento não apenas a um olhar valorativo, mas também a possíveis críticas e questionamentos das formas de funcionamento nas regiões frequentadas por esses atores”. FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e Relatos: Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 160.

²⁸² FRANCO, 2018, p. 161.

²⁸³ Juan Blanco de Aguirre viajou para Itália em 1870. Ver o capítulo 2 dessa pesquisa.

agora, não me foi possível fazê-lo, devido às minhas excessivas atenções ...

Mas, se devo dizer em honra da verdade, das quatro cidades dos portos citados, o Rio de Janeiro é o mais insuportável pela sua desordem.

Suas ruas sujas, estreitas e completamente sem ar, apertam constantemente os pulmões, comprimidos por um calor envolvente e sufocante.

Aquele imenso número de homens que nasceram livres por natureza e que foram reduzidos à escravidão pela ambição pecuniária, está aos olhos de um jovem filho de um povo onde tal atrocidade não se vê, mais insuportável...

Porém, há também, um certo o quê, do republicanismo naquele país, que nossos jovens inteligentes deveriam estudar na medida em que se relacionam com os homens de cor.²⁸⁴

No entanto, retomando ao nosso personagem, Zenón Rolón seguramente distinguia-se da maioria dos intelectuais negros de Buenos Aires. Maestro e compositor, Rolón teve uma carreira notável no final do século XIX, em razão de sua profusa produção musical.²⁸⁵ Com efeito, Rolón também era destaque nos jornais da grande imprensa, tanto na Argentina como no exterior. Em síntese, Rolón foi uma espécie de ícone de sua geração. Nascido em 23 de junho de 1856 em Buenos Aires,²⁸⁶ ele iniciou seus estudos musicais aos treze anos de idade, com o professor de piano Alfredo Quiroga, em 1868. Também “homem de cor”, Quiroga ocupou o cargo de organista nas igrejas de Nossa Senhora de la Merced, San José de Flores e San Ignacio,

²⁸⁴ Gran ha sido mis deseo desde que llegue á Bruxelas, de escribir una estensa correspondencia para su ilustrado semanario, pero, no me ha sido posible hasta ahora el hacerlo, en razon de mis demasiadas atenciones...

Pero, si debo decir en honor á verdad, que de los quatro ciudades de los portos mencionados, es la de Rio de Janeiro las mais insuportable por su desaseo.

Sus calles sucias, estrechas, y faltas completamente de aire, ajitan constantemente los pulmones, comprimidos por un calor abrazador y sofocante.

Aquella inmensa cantidad de hombres que han nascido libres por la naturaleza e que la ambicion pocunaria loa ha reducido á la esclavitud, és a los ojos de un jóven hijo de un pueblo donde no se ve tal atrocidad, mas insoportable, que tener aguantar la respiracion para no asfociarse em medio de una atmosfera pestilante e insana.

Sin embargo, hay asi mismo, un certo no qué, de republicanismo en áquel país, que nuestros jóvens intelijentes deben estudiar en la parte que se relacionan con las personas de color. Correspondencia. *La Broma*, 14 de febrero de 1880. p. 1- 2.

²⁸⁵ A produção de Zenón Rolón discorre sobre uma ampla gama de gêneros musicais, incluindo óperas, zarzuelas, música sacra, hinos e marchas.

²⁸⁶ GHIDOLI, María de Lourdes. "Rolón, Zenón." *Oxford African American Studies Center*. 30, Sep.2016;.Disponívelem: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

na capital argentina.²⁸⁷ Não se sabe o nome dos pais de Rolón,²⁸⁸ sendo que se tem informações apenas sobre sua irmã mais velha, Ventura.²⁸⁹

Em 1873, ano em que obteve uma bolsa de estudos do governo argentino, Rolón partiu para Florença, a fim de estudar com Teodulo Mabellini, compositor e regente toscano. Enquanto viveu na cidade italiana, Zenón Rolón compôs e publicou duas polcas para piano, *El Progreso* e *La Porteña*. Ao se mudar para Milão, Rolón tornou-se amigo do músico brasileiro Antônio Carlos Gomes.²⁹⁰ Mas, embora vivesse na Europa, Rolón manteve vínculos com seu país natal. Em 1878, ele enviou ao bispo de Buenos Aires, Don Federico Aneiros, uma ária sacra para ser executada na Catedral de Buenos Aires. Segundo alguns pesquisadores, Zenón Rolón permaneceu em Florença por seis anos, retornando a Buenos Aires, em 1879.²⁹¹

De acordo com o jornal *La Juventud*, em 1878 Rolón casou-se pela primeira vez com Francisca, de quem sabemos apenas que vivia em Buenos Aires, enquanto o rapaz estudava na Itália. Todavia, parece que o casamento com Francisca durou pouco, visto que ele contraiu novo matrimônio, em 1885. Desta vez, a consorte era María Quiroga, a irmã mais nova de seu primeiro professor de piano.²⁹² Conforme o Censo argentino de 1895, dez anos após o casamento, Zenón Rolón e Maria Quiroga tinham três filhos, entre os quais sabemos que Dafne e Cloe haviam nascido na segunda metade da década de 1880.²⁹³

Ao retornar a Buenos Aires, Rolón continuou seus estudos com o compositor e tenor italiano Basilio Basili, instrutor vocal da Escola de Música e Recitação da Província de Buenos Aires. Criada em 1874, a instituição era frequentada por músicos afro-portenhos como Casildo G. Thompson e Estanislao Grigera. Em setembro de 1879, logo após o retorno de Rolón ao país, o violinista italiano e diretor de orquestra Emilio Rajneri, também residente em Buenos Aires, conduziu uma das peças de Zenón Rolón

²⁸⁷ O relacionamento deles começou quando Rolón frequentou o coro infantil da Igreja de San Ignacio. GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁸⁸ Durante uma conversa pessoal com Norberto Pablo Círio, este acredita que Rolón era filho adotivo de alguma família abastada.

²⁸⁹ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁹⁰ Antonio de Carlos Gomes (1836-1896) foi um importante compositor brasileiro de ópera cuja ópera Guarani estreou no Teatro Colón de Buenos Aires em 1873. O encontro entre Zenón Rolón e Carlos Gomes foi noticiado no *La Broma*. “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

²⁹¹ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁹² GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁹³ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

no Jardim Florida. Localizado na elegante Rua Florida, em Buenos Aires, o jardim homônimo foi o mesmo espaço que teria proibido o acesso de “pessoas de cor”, conforme havia denunciado Froilán P. Bello no jornal *La Broma*.²⁹⁴

A imprensa da época teceu dezenas de comentários positivos sobre Rolón, cobrindo com destaque suas atividades em Buenos Aires. Em 1880, por exemplo, quando os restos mortais do general José de San Martín, herói nacional da Argentina, foram repatriados, executou-se na cerimônia a *Marcha Fúnebre de San Martín* composta por Rolón. Em junho do mesmo ano, o músico e compositor atuou como porta-voz de uma das tropas que defendiam Buenos Aires durante a revolução iniciada por Carlos Tejedor, contra o presidente eleito Julio A. Roca.²⁹⁵

Em 1881, Rolón abriu uma litografia em sociedade com Ezequiel Oca, ainda que não possamos confirmar, especialistas apontam que Ezequiel Oca, também era um “homem de cor”, e litógrafo de profissão.²⁹⁶ No ano seguinte, Rolón participou da Exposição Continental Sul-Americana, realizada em Buenos Aires, e ganhou o prêmio por sua marcha *La Argentina*.²⁹⁷ Ainda em 1882, Rolón esteve presente nos Concertos Nacionais ao lado de outros compositores de destaque. Trata-se de uma série de concertos que, desde 1874, aconteciam no antigo Teatro Colón com o objetivo de divulgar os principais compositores argentinos.²⁹⁸ Em setembro de 1884, Rolón regeu uma orquestra de 24 músicos que executaram sua *Oda Sinfonia* diante do panteão da Sociedade Mutual “La Argentina”, no Cemitério da Recoleta.²⁹⁹

Em dezembro de 1887, a ópera *Il castello incantato* estreou na celebração da inauguração da sede social da Colônia Italiana de Buenos Aires. Esta obra foi rerepresentada em várias ocasiões e traduzida para o espanhol, sendo apresentada no Clube Social, fundado por Zenón Rolón. Juan Blanco de Aguirre, que compareceu a um dos eventos, escreveu um artigo no qual se centrou nas atuações dos jovens atores, todos pertencentes à “sociedade de cor”. Ele igualmente elogiou o talento do

²⁹⁴ “Indigno Proceder.” *La Broma*, 17 de enero de 1880. p. 1.

²⁹⁵ SABATO, Hilda. *Buenos Aires en armas. La revolución de 1880*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

²⁹⁶ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁹⁷ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁹⁸ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

²⁹⁹ Conforme a historiadora María de Lourdes Ghidoli, Casildo G. Thompson publicou uma crítica exaustiva na revista dirigida por Froilán P. Bello, *El Eco Artístico*. GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

compositor e sua capacidade de guiá-los em suas interpretações.³⁰⁰ Em 1887, Rolón foi nomeado professor de música pelo Conselho Nacional de Educação. Entre seus alunos mais destacados encontravam-se Enrique García Velloso, famoso dramaturgo argentino; Prudencio R. Denís, também “homem de cor”, Justin Clérice, que completou seus estudos no Conservatório de Paris e continuou sua carreira musical na França; e Antonio Restano, o primeiro músico argentino a estrear suas óperas na Europa.³⁰¹

Em 1891, Rolón compôs *Hino para a Comunhão* e *Al sol de Julio*. Em 30 de novembro de 1895, a zarzuela *Chin Yonk* estreou no Teatro de la Comedia. A peça de teatro foi escrita por dois alunos de Rolón, Enrique García Velloso e Mauricio Nirenstein.³⁰² Em maio de 1897, durante a inauguração do monumento ao soldado Antonio Ruiz, Rolón compôs a marcha *A Falucho*, na ocasião interpretada por uma banda de música da polícia de Buenos Aires.³⁰³ Já em maio de 1900, especialmente para a inauguração do monumento do escultor francês Auguste Rodin dedicado ao presidente Domingo Faustino Sarmiento, Rolón compôs seu *Himno a Sarmiento*.³⁰⁴ O compositor e maestro faleceu dois anos depois, a 13 de maio de 1902, em Morón, cidade da província de Buenos Aires. Zenón Rolón foi então sepultado no Cemitério da Recoleta.³⁰⁵

³⁰⁰ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

³⁰¹ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

³⁰² GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

³⁰³ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

³⁰⁴ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.

³⁰⁵ GHIDOLI, María de Lourdes op. cit., 2017.



Figura:17 Gesualdo, Vicente. 1961.
Historia de la música en la Argentina.



Figura:18 Dagnino Hnos., 1899 (Col.
.AGN)

Como pudemos observar, nas últimas décadas do século XIX, a imprensa de grande circulação em Buenos Aires reconhecia Zenón Rolón como um grande maestro e compositor. Contudo, boa parte das notícias publicadas nessa imprensa cobriram as atividades do músico quando esse já carregava consigo sua experiência no velho mundo, o que evidencia que os anos de formação na Europa foram fundamentais para que Rolón conseguisse respeito e ascensão social em Buenos Aires. Os espaços frequentados pelo maestro, restritos a maioria das pessoas do grupo do qual ele provinha, é uma indicação da mobilidade que Zenón Rolón desfrutou, prerrogativa vetada a muitos descendentes de africanos na Argentina. Talvez seja por isso que ao cobrir as atividades de Rolón a grande imprensa mantinha-se em silêncio sobre a origem étnica do músico.³⁰⁶ Zenón Rolón estava inserido em um contexto em que a

³⁰⁶ CIRIO, Norberto Pablo. Black Skin, White Music: Afroporteño Musicians and Composers in Europe in the Second Half of the Nineteenth Century. *Black Music Research Journal* 35 (1): 23-40. Urbana-

supremacia racial branca vivia seu auge expresso, por exemplo, no imperialismo europeu na África e Ásia, bem como na subalternização das pessoas não brancas nas Américas no período pós-abolição. De certa forma, neste ponto crucial, o maestro e compositor encarnava a contradição de um país que, ao silenciar sobre as origens africanas de seus cidadãos proeminentes, começava a se imaginar como branco.³⁰⁷

Ainda que não seja objeto de análise dessa pesquisa, as fotografias legadas de Rolón são documentos manifestos deste processo. Na primeira delas (Figura 17), na qual vemos Rolón com a cabeça descoberta, podemos observar que seu fenótipo afro-argentino é evidente. No entanto, a imagem que perdurou do artista é a visivelmente branqueada do lado direito (Figura 18). De acordo com Norberto Pablo Cirio, um dos poucos retratos de um “homem de cor” na Argentina no final do século XIX, Zenón Rolón foi imortalizado pelas lentes do fotógrafo como um cavalheiro moderno, elegante e distante de qualquer vestígio de aparência que possa ser considerado desalinhado e grosseiro, atributos que muitas vezes foram associados aos que integravam a “sociedade de cor”.

Como bem salientou Stella Franco, ainda que com toda as contradições vividas pelos viajantes latino-americanos em suas visitas a Europa e outros lugares entendidos como modelos de “civilização”, as viagens do século XIX representavam uma sofisticação na aquisição de valores ocidentais. Logo, ao regressarem ao seu país natal, os viajantes aderiram às modas e expressões dos europeus, que eram vistos como “superiores”. Tal visão condicionava as maneiras como os recém retornados deveriam se comportar. Todavia, Paul Gilroy nos oferece pontos importantes para compreendermos as razões de deslocamentos de pessoas negras no século XIX. Para o sociólogo inglês, as culturas políticas do Atlântico Negro eram caracterizadas pelas necessidades das pessoas negras alcançarem “uma cidadania significativa nas sociedades pós-emancipação”.³⁰⁸ Gilroy sugere que, a ampliação da cidadania foi um dos reais motivos pelos quais algumas personalidades negras optavam pela vida no exterior, ainda que muitos viajavam para fugir de um cenário de segregação, como era

Champaign: University of Illinois, 2015.

³⁰⁷ CIRIO, Norberto Pablo. Black Skin, White Music: Afroporteño Musicians and Composers in Europe in the Second Half of the Nineteenth Century. *Black Music Research Journal* 35 (1): 23-40. Urbana-Champaign: University of Illinois, 2015.

³⁰⁸ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.

o caso de muitos afro-estadunidenses, houveram aqueles negros que entendiam que as viagens eram oportunidades para que eles se sentissem mais capacitados para enfrentar as novas restrições que recaíam sobre os negros no final do século XIX e início do XX.

Diante desse contexto, em que muitos afrodescendentes optavam por passar um período no exterior, sendo que as viagens ao velho continente significavam aquisição de novos códigos e disciplinas. Essas viagens, seguidas de um aperfeiçoamento na Europa, poderiam significar mobilidade e ampliação no seu espaço de inserção, quando estes regressavam aos seus “lares”. Essa parece ter sido a estratégia de Zenón Rolón, ao se aperfeiçoar na Itália, o talentoso maestro desfrutou de uma carreira musical próspera e reconhecida, adquiriu respeito, mobilidade social e transitou em diferentes grupos sociais.

3.2 *Dos palabras a mis hermanos de casta: o folheto de Rolón.*

É sensato que tenhamos de atacar o que poucos ou pouquíssimos de nossos irmãos fizeram, mas é necessário fazê-lo [...].

Em poucas palavras vamos declarar o que vemos e sentimos sobre o presente grego que o cavalheiro Rolón nos envia de Florença.

Não esperávamos do jovem que consideremos uma inteligência útil, para o nosso país e para a sociedade, um insulto tão descuidadamente lançado aos homens da nossa raça.

Parece que o autor de "Dos Palabras à mis hermanos de Casta" quis dar-nos bons conselhos, mas a sua inteligência não o ajudou, assim, provando que tem feito pouco proveito de seus estudos e há cinco anos segue com tão pouco interesse.

Acreditamos quando recebemos o folheto, pelo título que tinha, que seria uma brincadeira dirigida a um amigo.

Mas erramos, olhamos as dezesseis páginas de que é feito o folheto em questão e, do prólogo ao último parágrafo, não encontramos nada de completamente útil.³⁰⁹

Entre outubro de 1877 a setembro de 1878, um alvoroço tomou as páginas da imprensa afro-portenha. O motivo de tamanha agitação foi a publicação na Itália de

³⁰⁹ Sensible nos es tener que atacar lo que pocos o muy pocos de nuestros hermanos han leído, pero es necesario hacerlo [...] En pocas palabras vamos a declarar lo que vemos y sentimos, cerca del presente griego que desde Florencia nos envía el caballero Rolón. No esperamos del jóven que considerábamos una inteligencia útil, para nuestra Patria y para la sociedad, un insulto tan descuidadamente lanzado hacia los hombres de nuestra raza. Parece que el autor de las "Dos palabras á mis hermanos de casta" ha querido darnos un buen consejo, pero su inteligencia no le ha ayudado, probandonos así que muy poco provecho le ha hecho estudios que en cinco años ha seguido con tan poco interés. Creímos al recibir el folleto, por el título que traía, que sería alguna broma dirigida a algún amigo. Pero nos hemos equivocado, hemos ojeado las diez y seis páginas de que se compone el folleto en cuestión, y desde el prólogo hasta el último párrafo no encontramos nada completamente útil. "El Folleto de Rolón". *La Broma*, 01 de noviembre de 1877. p. 1.

Dos palabras à mis hermanos de casta, folheto escrito pelo maestro e compositor Zenón Rolón.³¹⁰ Escrito em Florença, o folheto de Rolón poderia ser adquirido em Buenos Aires na Librería del Colegio a um preço bastante acessível de 5 pesos argentinos.³¹¹ Com um teor crítico e tons severos de julgamento, o folheto de Rolón, em certo sentido, intimava a “sociedade de cor” de Buenos Aires e de outros pontos do mundo para ingressarem nas fileiras do progresso. Por meio de seu folheto, Zenón Rolón procurava mostrar aos seus colegas as possibilidades existentes para que “homens e mulheres de cor” se afastassem do atraso, miséria e indiferença em que viviam.³¹²

Ao discutir a situação da “sociedade de cor”, Rolón a caracteriza como uma comunidade dissoluta e depravada e que tal realidade experimentada pelo grupo abafava o grito de liberdade que outrora foi ressoado com a proibição do tráfico de escravos e com o fim do cativo na Argentina.³¹³ Do ponto de vista do músico, o vício e a ignorância acorrentava seus iguais, fazendo com que os afro-portenhos vivessem em completa degradação, sem condições de cultivar o amor próprio e, em consequência, o amor mútuo. Ao se apoderar dessa imagem de “degeneração da raça”, Rolón desaprovava sua comunidade, censurando a indiferença que se perpetuava no interior do grupo. O atraso e a pouca organização da “sociedade de cor”, eram pontos centrais no argumento de Rolón. Na opinião do músico, que não era nada moderada, os “homens de cor” de Buenos Aires pouco faziam para retirar a comunidade do atraso.³¹⁴

Em suas palavras:

A revolução sul-americana resultou na expulsão dos ibéricos, nossos opressores: santa foi a revolução que tanto glorifica a todos os sul-americanos e é também uma das maiores páginas da história, porque não trouxe apenas a liberdade e o progresso de um continente inteiro, mas também a vingança desta parte da humanidade, que foi pisoteada injustamente [...] Meio século se passou e ainda vemos nossos irmãos oprimidos. Hoje esta cruzada não interessa a Inglaterra nem a outros. E sim, a nós mesmos [...] Qual é o estado atual de nossa raça e qual é o seu progresso? Eu a estimaria e gostaria de vê-los com todo o luxo possível, sabendo também que vocês são educados, que conhecessem seus deveres e seus direitos, e que não pertencessem à servidão [...].

Aliás, vocês vão me perguntar se esses são os conselhos, e se essa é a defesa que faço em favor de nossa causa, mostrando-lhes nossos defeitos; [...] ninguém melhor do que eu pode dizer para vocês a verdade, porque o amor de irmão e compatriota nos une.

³¹⁰ Foi reproduzido em *La Juventud* com título: *Dos palabras à mis hermanos de raza*.

³¹¹ “Varias noticias”. *La Broma*, 25 de octubre de 1877. p. 3.

³¹² ROLÓN, Zenón. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. p. 6.

³¹³ ROLÓN, Zenón. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. p. 6.

³¹⁴ ROLÓN, Zenón. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. p. 6.

Pois bem: finalmente chegou o dia em que deves quebrar este encanto da brutalidade em que estamos imersos, e lembrar que somos homens; e como tal operar. Qual é a associação de ajuda mútua que temos? Qual é o Clube Industrial? Nenhum - enquanto na Europa, você encontrará muitos, bem organizados [...]. Por quê vocês não querem acreditar que a união faz a força? Não sabes que o princípio da associação é interessante, uma garantia para as famílias? [...] Pois bem, dê um exemplo disso e começamos a agir novamente; ainda mais, que hoje temos os olhos dos civis voltados para nós, e que o primeiro passo que daremos em direção à nossa casta será saudado com aplausos. [...] Unimos então, este teu sincero irmão lhes implora novamente, que te amas e que está interessado na nossa sorte; e uma vez que nós tenhamos apertado a mão um com outro, e jurado fidelidade por nossa ressurreição, então nossa instituição será baseada em fundações sólidas e a construção de nossa grande ideia surgirá o monumento eterno de glória.³¹⁵

Como foi demonstrado no capítulo anterior, o apelo para associar-se era prática comum entre os afro-portenhos, sobretudo aqueles que encabeçavam os periódicos direcionados a “sociedade de cor”. Em 10 de outubro de 1878, o periódico *La Juventud* publicou em seu editorial um texto anônimo em que apontava as vantagens que um indivíduo desfrutava quando incorporava-se a alguma instituição. Em síntese, de acordo com o texto publicado no jornal, o sujeito que pertencia a alguma instituição alcançava sua emancipação.³¹⁶ Nesse sentido, o artigo do *La Juventud* fazia um apelo para que os afro-portenhos se organizassem e criassem centros populares, cujo objetivo

³¹⁵ La revolución sudamericana resultó en la expulsión de los iberos, nuestros opresores: santa fue la revolución que tanto glorifica a todos los sudamericanos y es también una de las páginas más grandes de la historia, porque no solo trajo libertad y progreso a todo un continente. pero también la venganza de esta parte de la humanidad, que fue pisoteada injustamente ... Ha pasado medio siglo y todavía vemos a nuestros hermanos oprimidos. Hoy esta cruzada no interesa a Inglaterra ni a otros. Y sí, a nosotros mismos [...] ¿Cuál es el estado actual de nuestra raza y cuál es su progreso? Te agradecería y me gustaría verte con todo el lujo posible, sabiendo también que eres educado, que conoces tus deberes y tus derechos, y que no perteneces a la servidumbre [...] De hecho, lo harás preguntame si estos son los consejos, y si esta es la defensa que hago por nuestra causa, mostrándoles nuestras faltas; Pero ningún miedo viene a asustar mi espíritu, ni siquiera el anatema con el que [sic] podrías contrariarme, porque ninguna esperanza, ningún interés me ata a ti, porque nadie mejor que yo puede decirte la verdad, porque el amor de hermano y paisano nos une. Pues bien: por fin ha llegado el día en que debéis romper este hechizo de brutalización en el que estáis inmersos [sic], y recordar que sois hombres; y como tal operar. ¿Qué es la asociación de ayuda mutua que tenemos? ¿Qué es el Club Industrial? Ninguno: mientras esté en Europa, ¿encontrará muchos artesanos bien organizados? ¿Por qué no quiere creer que la fuerza está en la unión? ¿No sabéis que el principio de asociación es garantía para las familias y los intereses? El mismo sistema de gobierno que nos gobierna [sic]. ¿no?, una gran sociedad bajo la dirección de un jefe, ¿quién es el presidente? [...] Bueno, da un ejemplo de esto y empieza a actuar una vez; más aún, que hoy tenemos los ojos de los civiles vueltos hacia nosotros, y que el primer paso que demos hacia nuestra casta será recibido con aplausos. [...] Únete entonces, te vuelve a suplicar este sincero hermano tuyo, que te ama y que se interesa por tu destino; y una vez que hayas presionado [sic] la mano con hermano y hermano, y hayas jurado lealtad a nuestra resurrección, entonces tu institución se basará en cimientos sólidos y la construcción de tu gran idea se levantará monumento eterno de gloria. ROLÓN, Zenón. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. p. 6- 7- 8.

³¹⁶ “Asociarse para triunfar”. *La Juventud*, 10 de octubre de 1878. p. 1.

seria afastar a “juventude de cor” da inércia e do individualismo.³¹⁷ Ainda em 1878, Casildo G. Thompson publicou no jornal *La Perla* um artigo em que defendia os benefícios de se associar. De acordo com Thompson, a criação de um centro popular era útil para que a “sociedade de cor” adquirisse moral e ilustração. Além do mais, segundo Thompson, o associacionismo “nivelava e neutralizava as diferenças, ao mesmo tempo em que disciplinava” o grupo.³¹⁸

Conforme Cristian Castro, em sua pesquisa de história comparada na qual analisou a imprensa negra das cidades de São Paulo e Chicago entre 1900 e 1940, por meio dos jornais que os afrodescendentes planejavam e projetavam instituições com intuito de elevar o grupo. Para o autor, organizações, tais como clubes, grêmios e outras instituições formadas por negros vivendo em contextos urbanos, sinaliza a existência de uma versão própria de modernidade entre os trabalhadores negros, a qual Castro denomina como afro-modernidade.³¹⁹

Tendo como finalidade a elevação da “sociedade de cor”, por meio de seu folheto Zenón Rolón incentivava todos a envolver-se na vida associativa. Apesar de que em Buenos Aires homens e mulheres negros já experienciavam a prática do associacionismo, dado as dezenas de instituições criadas por afro-portenhos desde a década de 1850, Rolón criticava o grupo devido a ausência de uma instituição expressiva. Na avaliação do músico, a fundação de uma instituição respeitável era essencial para que a “comunidade de cor” obtivesse educação, compreendida como o único caminho emancipatório para eliminar a servidão, a qual, segundo Zenón Rolón, os “homens de cor” estavam acostumados. Valendo-se de sua experiência na Europa, Rolón pregava os benefícios do progresso, recorrendo aos modelos de instituições modernas, a exemplo de clubes e agremiações de trabalhadores italianos. Para Rolón, aprender ofícios e filiar-se a grêmios proporcionava um avanço moral à “sociedade de cor”.

³¹⁷ *La Juventud*, 10 de octubre de 1878. p. 1.

³¹⁸ *La Perla* del 6 de octubre de 1878. p. 1.

³¹⁹ CASTRO, Cristián: «Exploraciones para una historia transnacional de la afromodernidad en América. Chicago y Sao Paolo, 1900-1940», en *Hib. Revista de Historia Iberoamericana*, vol. 3, núm. 1, 2010, 33-49.

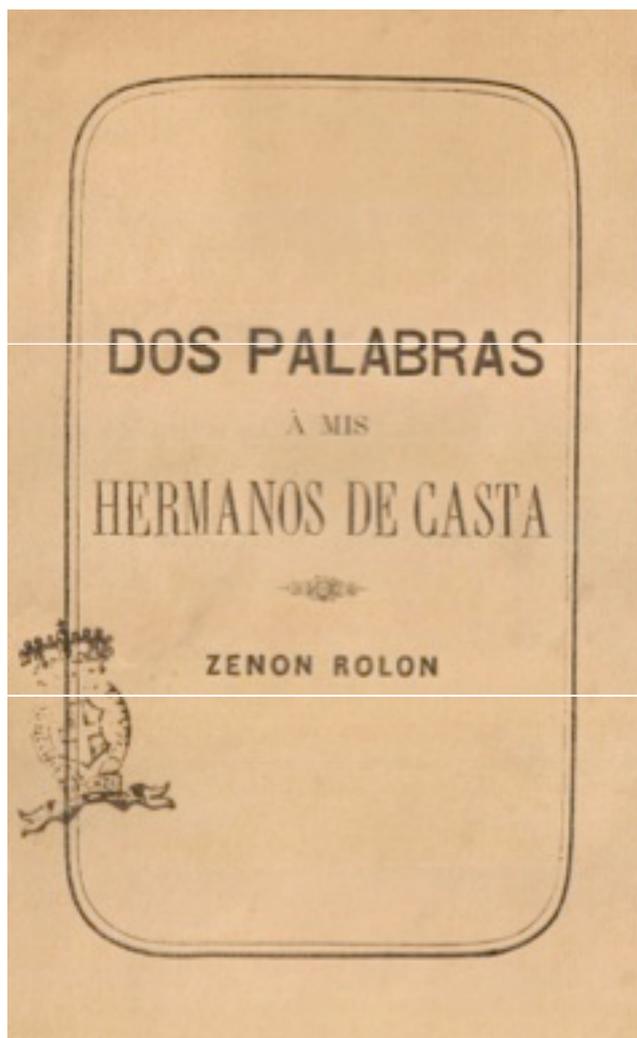


Figura:19 Capa do folheto *Dos palabras à mis hermanos de casta*, publicado por Rolón em junho de 1877 em Florença

Em 1877, tão logo os primeiros exemplares do folheto de Zenón Rolón começaram a circular em Buenos Aires, as críticas começaram a aparecer nas colunas do periódico *La Broma*. Nos meses seguintes, *La Perla* e *El Unionista* aliaram-se ao *La Broma* e também se tornaram detratores do folheto. Em contrapartida, *La Juventud* parece ter sido o único semanário da imprensa afro-portenha que saiu em defesa do folheto, reproduzindo o texto de Rolón em dois números do semanário, publicados a 30 junho e 10 de julho de 1878.³²⁰

É importante recapitular que, demonstrando um tom de surpresa, o periódico *La Broma* revelou que não esperava que alguém tão destacado entre os membros da

³²⁰ “El Folleto de Zenón Rolón” *La Juventud*, 30 de junio de 1878. p.1- 2. “El Folleto de Zenón Rolón”. *La Juventud*, 10 de julio de 1878. p. 1- 2.

comunidade afro-portenha como Zenón Rolón pudesse ter uma concepção tão incorreta sobre “sociedade de cor”. Publicada no editorial do jornal no dia 1 de novembro de 1877, esta observação indica que Rolón e seu folheto deveriam ser imediatamente contestados. A resposta mostraria ao músico então residente na Europa, o quanto ele estava desatento e afastado do grupo. Razão pela qual Rolón não encontrava-se capacitado para julgar os avanços que a “sociedade de cor” tinha alcançado em Buenos Aires. Diante da necessidade de mostrar para Rolón os avanços conquistados pela “coletividade de cor”, no mesmo número do periódico os leitores foram comunicados que o jovem Casildo G. Thompson preparava-se para responder o polêmico *Dos palabras à mis hermanos de casta*.³²¹ Dali em diante, a arena estava edificada e as páginas dos jornais serviam como um espaço no qual os embates aconteciam.

Já em novembro de 1877, tendo posição contrária às ideias de Rolón, *La Broma* noticiava que havia alguns simpatizantes do folheto. Mesmo não mencionando, tudo indica que os simpatizantes eram os representantes do periódico *La Juventud*. Contudo, a posição do *La Broma* fazia com que em suas páginas transbordassem as críticas ao folheto. A notícia de que havia aparecido um defensor do folheto de Rolón, indica que aqueles que se viram dispostos a defender suas ideias, não tinham em vista um diálogo com os detratores do folheto. Pelo contrário, *La Broma* supõe aos seus leitores que era inviável tratar de forma verbal com o simpatizante do folheto, visto que esse último estava enfurecido e não oferecia oportunidades para uma interação com os redatores do periódico.³²² Talvez seja pela falta de diálogos entre os antagonistas, que *La Broma* preferiu mudar sua maneira de fazer crítica ao folheto, passava-se então para outra de cunho mais satírico. Contudo, essa alteração não impossibilitava que a discussão subisse de tom, e no dia 30 de novembro alguém que assinava com o pseudônimo de “El Nato” publicou o seguinte poema:

“Amigo, Don Zenón
Disfarce-se. a falta
se ao endereçar esta carta
encontrou um erro

Como Terminei o seu folheto
que público em Florença
Trato-me como uma besta

³²¹ “Noticias por quitaes”. *La Broma*, 01 de noviembre de 1877. p. 3.

³²² “Pitanza el inocente”. *La Broma*, 15 de noviembre de 1877. p. 3.

louvo-o pelo seu talento

Sem dúvida você esquece
o país que lhe deu para ser
poder cometer
um ataque tão grande!

Não entendo geografia
e ao meu modo de entender
algum animal deve ser
que antes do dilúvio havia

[...] Don Zenón não se preocupe tanto
em querer me dar Escola
pode dar ao seu espírito
menos ao seu amigo"³²³

Em 1878, as discórdias em torno do folheto de Rolón se acentuaram, uma vez que o conteúdo professoral do texto do maestro desagradava os redatores de *La Broma*, e os intelectuais negros não estavam dispostos a receberem ensinamentos de um “expatriado” e “atrevido” que se achava no direito de dar lições a “sociedade de cor” sobre a maneira correta de como seus integrantes deveriam se preparar para o futuro.³²⁴ Com ironia, o artigo sublinhou que por viver longe, Zenón Rolón não tinha conhecimento das coisas que ocorriam no país e muito menos do que sucedia no interior do grupo étnico do qual ele também “fazia parte”.³²⁵ Por conseguinte, o artigo reitera que de Florença, Zenón Rolón não devia se preocupar em escrever ensaios literários e sim voltar a se dedicar às suas aulas de piano e violino, “o que ele sabia fazer perfeitamente bem”.³²⁶

Foi nessa atmosfera que Rolón passou a ser referenciado pelos os redatores de *La Broma* como o *Florentino*. A alcunha utilizada pelos redatores deixava claro que, para além de um estrangeiro, ele poderia ser considerado um renegado, ou seja, “alguém que deixou para trás o orgulho e a glória argentina”.³²⁷

³²³ “Amigaso don Zenón / Disimule ud. la falta / si al dirigirle esta carta / encontrase algun error // Comohe bisto su folleto / que en Florencia á publicao / como a bestias me a tratao / yo le alabo su talento // Sin duda ud. á olvidaos / la pátria que le dio ser / para poder cometer / tan grandisimo atentado // Nocomprendo gegrofia / y a mi modo de entender / algun animal debe ser / que antes del dilubio abia // [...] // No se afane don Zenón tanto / en quererme dar Escuela / puede dársela á su agüela / menos á su amigo” *La Broma*, 30 de noviembre de 1877. p. 3.

³²⁴ “El folleto de D. Zenón”. *La Broma*, 31 de enero de 1878. p. 1.

³²⁵ “El folleto de D. Zenón”. *La Broma*, 31 de enero de 1878. p. 1.

³²⁶ “El folleto de D. Zenón”. *La Broma*, 31 de enero de 1878. p. 1.

³²⁷ “El folleto de D. Zenón”. *La Broma*, 31 de enero de 1878. p. 1.

Aos leitores do *La Broma*, o folheto *Dos palabras...* era apresentado como um insulto à "sociedade de cor". Todavia, vale ressaltar que o caráter disciplinador do folheto de Rolón levava em muitos aspectos um teor semelhante àqueles apresentados nos editoriais dos periódicos da imprensa afro-portenha. Em outras palavras, os textos de primeira página dos jornais afro-portenhos também eram carregados de uma linguagem pedagógica, buscando orientar e muitas vezes advertir os leitores e leitoras. Toda essa contenção tinha como objetivo transmitir os benefícios do progresso para a "sociedade de cor".³²⁸ Do ponto de vista dos redatores e colaboradores de *La Broma* e de outros periódicos que atacaram o folheto, parece que o incômodo foi provocado em função de Rolón, ao expor suas opiniões, generalizar as suas críticas, enquadrando os próprios intelectuais negros como "párias da sociedade":

Ele [Zenón Rolón] mente, porque ele não sabe o que diz, [perdoamos]; estamos indignados com o absurdo do folheto florentino [...] sem nos lançarmos a tratar de questões que o míope nos ocupa, mas não sabe discernir.
Sem dúvida, seu telescópio perdeu de vista os lagos verdes e floridos da América do Sul.
Os três irmãos Mendizábal, jovens que brilham nas colunas dos jornais mais importantes. Eles merecem tal insulto?
Como você [Zenón Rolón] é estúpido. Temos vergonha do crime de Abel.
O que você tem a dizer do senhor Mendizábal, pai, tronco desta família, que com o tempo tem que voltar ao trabalho no Legislativo e no Congresso argentino.
E o que me diz do coronel Morales, uma figura importante em nossas lutas atuais?³²⁹

O folheto de Rolón não moderava as críticas e alvejava toda "comunidade de cor". Por conseguinte, as investidas contra o folheto vinham de lugares distintos. No início de fevereiro de 1878, *La Broma* informava aos seus leitores de que o folheto de Rolón também havia causado indignação em Montevideu, conforme manifestado pelo "amigo da vizinha ilha", uma referência ao periódico afro-montevideano *La Regeneración*. Por intermédio de seus editores, eles propunham que alguém entrasse

³²⁸ GELER, Lea. ¿"Otros" argentinos? Afrodescendientes porteños y la construcción de la nación argentina entre 1873 y 1882. Barcelona, Publicacions i Ediciones de la Universitat de Barcelona. 2008, p.95: <http://www.tdx.cat/TDX-0915108-114404/>

³²⁹ Miente, porque no sabe loq'dice, (perdonemos); nos indignamos ante los disparates del folleto florentino.sin se lanzára á tratar cuestiones que el meope que nos ocupa no ha alcanzado á divisar. Sin duda su telescopio ha perdido de vista los puntos verdes y floridos de la América del Sud Los tres hermanos Mendizábal, jovens que se lucen en las columnas de los diarios mas importantes. Merecen vuestro calificativo? Que tontos eres _ Tenemos verguenza por el crime de de Abel. Qué es dice señor Mendizábal, padre, tronco de esa familia, que con el tiempo ha de retornar en la Legislatura y en el Congreso Argentino Qué decis coronel Morales, figura importante de nuestras luchas presentes? *La Broma*, 31 de enero de 1878. p. 1.

em contato por telefone com o “*florentino*” para felicitá-lo pelo “brilhante ensaio literário, hidráulico e antediluviano”.³³⁰ Ainda que de forma zombeteira, do outro lado da margem do Prata, permanecia a acusação de que a visão ofuscada de Rolón fez com que ele projetasse uma visão equivocada sobre a “sociedade de cor”.³³¹ No entendimento do músico, os “homens e mulheres de cor” não só haviam perdido a dignidade, como também passaram a levar uma vida “preguiçosa, dissoluta e depravada”.³³²

As colunas de *La Broma* ficaram pequenas para a torrente de contestações ao folheto de Zenón Rolón.³³³ Na segunda parte do artigo “Sobre el mismo tema”, publicado no *La Broma* em 8 de fevereiro de 1878 alguns pontos do folheto foram refutados de forma direta, partindo do argumento de Zenón Rolón segundo o qual, caso seus antepassados olhassem para situação atual da “sociedade de cor” esses últimos seriam acusados e com razão pelos seus antecedentes, de que os afro-portenhos estavam vivendo uma vida vil e preguiçosa, merecendo ser denunciados pela indiferença às dores e sofrimentos de seus avós. Nesse sentido, para Rolón, os afro-portenhos deveriam focar no progresso e “não permanecerem nessa vida miserável”.³³⁴ Desta forma e sem desvios, o artigo de *La Broma* contestava o ponto de vista de Zenón Rolón:

Se nossos avós se levantassem de seus túmulos e escutassem as palavras daquele neto ingrato, eles se envergonhariam de ter contribuído com seu sangue para a emancipação de três Repúblicas, escalando os picos nevados dos Andes sob o comando do Grande Capitão San Martín, glórias de nossas glórias.³³⁵

Zenón Rolón era um intelectual negro muito admirado pela comunidade afro-portenha. Contudo, seu folheto causou espanto a “sociedade de cor”, sobretudo aos rapazes que estavam à frente dos periódicos. A indagação dos “homens de cor” com uma figura tão representativa ao grupo e seu “presente de grego” enviado da Itália, evidencia os impactos causados pelas premissas de Zenón Rolón e o quanto seu modo de compreender a vida de seus pares exigiu dos redatores e colaboradores dos jornais

³³⁰ El folleto de D. Zenón. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 4.

³³¹ El folleto de D. Zenón. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 4.

³³² ROLÓN, Zenón. Dos palabras à mis hermanos de casta. p. 7.

³³³ El folleto de D. Zenón. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 1- 2.

³³⁴ ROLÓN, Zenón. Dos palabras à mis hermanos de casta. p. 7.

³³⁵ Si nuestros abuelos se levantaran de sus tumba y escueharan palabras de ese nieto ingrato se avergonzarian de haber contribuido con su sangre á la emancipacion de tres Republicas, trepando las nevadas crestas de los Andes al mando del Grand Capitan San Martín, glorias de nuestras glorias. “Sobre el mismo tema”. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 1.

um esforço para refletir sobre, bem como explicar, a “verdadeira” situação do grupo na Argentina. Além do mais, para rebater as ideias de Rolón os intelectuais negros se esforçaram por demonstrar o progresso que o grupo experimentava. Talvez seja por isso que, a fim de contestar o panfleto de Rolón, a família Mendizábal e outros personagens de destaque entre os afro-portenhos eram citados como referências dos avanços que a “sociedade de cor” experimentava.³³⁶

O duro golpe dado por Rolón precisava ser revidado de forma categórica. Nesse sentido, o artigo “Sobre el mismo tema” apresentava exemplos do caminho do progresso que estava sendo percorrido pelos “homens e mulheres de cor” de Buenos Aires.³³⁷ Além disso, uma lista de instituições servia para exibir a Zenón Rolón os avanços alcançados pelo grupo. As sociedades musicais, literárias e de ajuda mútua eram enaltecidas, evidenciando os avanços no interior da “sociedade de cor”.³³⁸ O nome de Edelvira Rodriguez³³⁹, autora de “Himno a Colon” também passou a ser exaltado pelos periodistas. A poetisa passou então a ser incluída nas listas de personagens que ascenderam entre os afro-portenhos.³⁴⁰ E não menos importante era indicar ao músico que a profusão de periódicos da “sociedade de cor”, expressão de sua inserção na cultura impressa argentina, igualmente atestava a prosperidade da comunidade. Portanto, os afro-portenhos se percebiam bem acomodados na carruagem do progresso.³⁴¹

3.3 A intelectualidade negra e os debates sobre regeneração da “raça”.

No capítulo anterior citei o debate travado entre Casildo G. Thompson e Manuel G. Posadas e o antagonismo entre esses dois intelectuais. Lembremos que em seu artigo “La hora de Redencion”, publicado a 9 de dezembro de 1877 no periódico *El Unionista*, Thompson justificava que apesar das distâncias dos tempos de cativo, a deplorável situação da “sociedade de cor” era consequência desse sistema, que mesmo não vigorando na Argentina, ainda atravancava o progresso de homens e mulheres negras de Buenos Aires, isso em virtude de uma parcela de afro-portenhos, filhos e netos de

³³⁶ “El folleto de D. Zenón”. *La Broma*, 31 de enero de 1878. p. 1.

³³⁷ “Sobre el mismo tema”. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 1.

³³⁸ “Sobre el mismo tema”. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 1.

³³⁹ Não encontrei informações sobre Edelvira Rodriguez.

³⁴⁰ “Sobre el mismo tema”. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 1.

³⁴¹ “Sobre el mismo tema”. *La Broma*, 08 de febrero de 1878. p. 1.

ex-escravizados, reproduziam hábitos de seus progenitores. Herança que dificultava a completa integração do grupo na Argentina republicana que emergia no século XIX. Contudo, Thompson afirmava que, nos últimos anos, era possível perceber o progresso da “sociedade de cor”.³⁴² Por outra perspectiva, Manuel G. Posadas, em “La hora del Trabajo”,³⁴³ creditava o lento avanço do grupo a falta de ocupação, sobretudo dos homens, improdutivos na maior parte do tempo.³⁴⁴ O debate travado entre Thompson e Posadas teve como eixo central o folheto de Rolón, *Dos palabras à mis hermanos de casta*, e vale reconstruímos a contenta.

Vimos que, em ato contínuo ao recebimento do folheto de Rolón, *La Broma* informava que Casildo G. Thompson pensava em redigir um folheto crítico para contestar *Dos palabras à mis hermanos de casta*.³⁴⁵ A refutação deve ser lida por meio do artigo de Thompson, “La hora de Redencion”, publicado em dezembro de 1877, no *El Unionista*, semanário em que o escritor era colaborador. O trecho a seguir é um indicador de que o artigo de Thompson dialogava diretamente com o folheto de Rolón:

Não faz muito tempo, lemos, em um pasquim de calúnia desprezível, escrito por um homem pobre, a quem devemos olhar com pena e não com ira, que o homem de cor em nosso país não possuía a dignidade de consciência (!) Que ele era um ser depravado, dissoluto, em suma, uma úlcera social.³⁴⁶

Como sabemos em 1877 e 1878, enquanto seu folheto circulava causando espasmos nos ânimos da intelectualidade negra da região Platina, Rolón ainda se encontrava em Florença e por lá ficaria por mais dois anos, retornando a Buenos Aires somente na primavera de 1879. Contudo, a resposta de Thompson foi publicada no calor do debate causado pelo folheto *Dos palabras...*, da mesma forma que a tréplica escrita por Posadas.

Na avaliação de Casildo G. Thompson, Zenón Rolón errava ao direcionar seu folheto a uma “sociedade de cor” que já não era aquela de meio século atrás. A atual “sociedade de cor” era diferente, contrapunha o autor. De acordo com Thompson, os

³⁴² “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

³⁴³ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁴⁴ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁴⁵ “Noticias por quitales”. *La Broma*, 01 de noviembre de 1877. p. 3.

³⁴⁶ No ha mucho leíamos, en un pasquin en un libelo despreciable, escrito por un pobre, á quien debemos mirar con lastimas antes que con ira el hombre del color en nuestro pais no poseia la dignidade de la consciencia (!) que era un ser depravado, disoluto, em suma una úlcera social. “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

“homens de cor” de Buenos Aires já se destacavam pela inteligência e trabalho, “pois viver é pensar e trabalhar”.³⁴⁷ Nesse prisma, Thompson recomendava a Rolón que observasse o quadro em perspectiva histórica. Assim ele logo perceberia o seu descompasso frente a realidade da “coletividade de cor”.³⁴⁸ A falta de liberdade, o obscurantismo, a ignorância eram elementos que fizeram parte da vida de seus antepassados, não mais sendo encontrados no presente da comunidade.³⁴⁹ Thompson aproveitava para frisar que os afro-portenhos viviam em uma condição totalmente diferente, uma vez que os “irmãos de raça” romperam com o passado de atraso e escravidão. As “dolorosas feridas que há tantos tempos dilaceraram seus corações” estavam sendo curadas.³⁵⁰ De acordo com Thompson, a situação presente da “sociedade de cor” era totalmente diferente daquela descrita por Rolón em seu folheto. Para Thompson, Rolón deveria se preocupar com os indígenas do Sul, esses sim os verdadeiros “selvagens do Pampa”.³⁵¹

Ao lado de outros intelectuais negros, Thompson se colocava a frente da “sociedade de cor” formando um quadro de sentinelas do progresso,³⁵² com a missão de guiar os homens e as mulheres negras de Buenos Aires.³⁵³ Por exemplo, a propagação da educação e da instrução há muito já era uma bandeira importante hasteada pelas lideranças afro-portenhas. Além disso, a percepção de que deveriam se “associar para triunfar” também se fazia presente entre os projetos da “sociedade de cor”. No entanto, se levarmos em consideração as convicções de alguns afro-portenhos sobre o folheto de Rolón, parece que o músico não tinha ciência e consciência dos esforços incessantes realizados por um razoável número de intelectuais negros que se empenhavam para que a “sociedade de cor” progredisse. Porém, em certa medida talvez

³⁴⁷ “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

³⁴⁸ “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

³⁴⁹ “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

³⁵⁰ “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

³⁵¹ Ao referenciar os indígenas do Sul como os selvagens, Thompson posicionava os afro-portenhos no caminho do progresso. Distanciando-se daqueles que dentro da sua concepção representavam a barbárie em todas as suas instâncias. Lea Geler aponta que é preciso levar em conta que muitos homens afro-portenhos eram militares e haviam lutado em sucessivas guerras contra os indígenas para conquistas de territórios. Sobre a Campanha do Deserto consultar os trabalhos de Gabriel Passetti. PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

³⁵² GELER, Lea (2008). “Guardianes del progreso. Los periódicos afroporteños entre 1873 y 1882”. *Anuario de Estudios Americanos*, nº 65. Sevilla, España, pp. 19226. URL: <http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/102/107>.

³⁵³ “La hora de Redencion”, *El Unionista*, 09 de diciembre de 1877. p. 2.

fosse acertada a crítica de que Rolón estivesse um pouco apartado para notar as mudanças experimentadas no interior do grupo, ou os esforços de seus representantes em guiar a “sociedade de cor” na direção do progresso.

Não obstante, embora seus esforços fossem contínuos, os afro-portenhos, especialmente aqueles que estavam à frente dos jornais e das instituições criadas pelo grupo, vivenciaram inúmeros contratempos. Vale lembrar os desafios e a instabilidade encontrados quando alguns intelectuais negros propunham a toda “sociedade de cor” participar da instalação de algum centro literário, construção de uma biblioteca, entre outras iniciativas. Os debates travados nas páginas dos jornais evidenciam que as tais organizações tinham menos adeptos quando comparadas, por exemplo, com as agremiações carnavalescas. Por esse motivo, em certos aspectos Rolón não pesava a mão em suas críticas à sociedade afro-portenha. Veja o que o músico escreveu sobre a importância de se criar uma associação de caráter educativo:

O objetivo dessa sociedade, que poderia ser chamada de Ressurreição; Seria instruir seus filhos, levando-os às escolas públicas ou formando uma própria. Quando nossos filhos tiverem obtido a instrução necessária a cada cidadão, pensamos em colocá-los em um lugar onde eles possam aprender uma arte de manufatura, e quando tivermos reunido um determinado número de jovens capazes de exercer o cargo de professor em seu ofício; formamos oficinas nas quais eles serão colocados, e o interesse que eles obtiverem será para o benefício da associação e dos mesmos jovens trabalhadores. Se outros aspiram à carreira de Ciências e Letras, a sociedade deve pensar na manutenção anual de vários jovens daqueles que darão provas satisfatórias nos seus estudos e aptidões, bem como nas Artes Plásticas.³⁵⁴

Muito do que estava no folheto ecoava aos afro-portenhos de forma provocativa. Todavia, em essência, o folheto de Rolón tocava em problemas apontados por inúmeros intelectuais negros, que, por meio dos editoriais dos periódicos nos quais escreviam, empregavam o mesmo didatismo, tentando influenciar “homens e mulheres de cor” a participarem do impulso do progresso experimentado em todo país.

Manuel G. Posadas, colaborador do semanário *La Juventud*, de forma

³⁵⁴ El objeto de vuestra sociedad, que se podría llamar de la Resurreccion; seria instruir vuestros hijos conduciéndolos [*sic*] á las escuelas públicas ó formando una por vosotros mismos. Cuando vuestro hijo habrá logrado á aquella instruccion necesaria á todo ciudadano, pensareis á colocarlo en un lugar donde pueda aprender un arte manufacturera [*sic*], y cuando habreis reunido un dado número de jóvenes aptos á desempeñar el puesto de maestro en su oficio; formad talleres en los que seran colocados, y el interes que obtendreis será á beneficio de la asociacion y de aquellos mismos jóvenes obreros. Si otros aspirasen á la carrera de las Ciencias y de las Letras, la sociedad debe pensar al mantenimiento anual de varios jóvenes de aquellos que daran pruebas satisfactorias en sus estudios y capacidad, como también para las Bellas-Artes. ROLÓN, Zenón. Dos palabras á mis hermanos de casta. p. 14.

contundente rebateu Thompson. Tendo como referência o artigo “La hora de Redención”, Posadas considerou inadmissível a percepção do colaborador do *El Unionista*. Na compreensão de Posadas, a afirmação de que a hora de redenção se aproximava, só podia ser dita por alguém com falta de estudo. Para Posadas, o entendimento de Thompson reforçava a ideia de que homens e mulheres tinham saído do cativeiro no dia anterior, o que ele não concordava.³⁵⁵ Posadas argumentava de maneira diferente de Thompson. Em seu ponto de vista, os afro-portenhos, assim como todo o povo argentino, eram livres e tinham o dever de respeitar as instituições do país.³⁵⁶ Eles não deviam esquecer que viviam sob uma constituição republicana, em uma sociedade regida por leis que protegiam a todos. Assim, Posadas indagava: “aos homens de cor o que lhes falta aspirar”?³⁵⁷

Ao analisar a situação dos afro-portenhos de um ponto de vista prático, Posadas elaborou seu escrito na intenção de demonstrar a seus pares que a estrada para o progresso encontrava-se “no patriotismo, na luta incessante com muito ardor, semelhante aquela travada entre antigos gladiadores romanos”.³⁵⁸ Mas faltava a “sociedade de cor” travar consigo mesma a sua última batalha. Aquela contenda que, do ponto de vista de Posadas, os afastaria do atraso causado por suas próprias negligências.³⁵⁹

Na interpretação de Posadas, os afro-portenhos eram “antissocialistas”³⁶⁰ por excelência. Para ele tal comportamento deveria ser erradicado, visto que no interior da “coletividade de cor” permanecia a desunião e, conseqüentemente, o grupo se fragmentava.³⁶¹ Posadas fazia alusão a alguns obstáculos que impossibilitavam a unidade. A fundação de três ou quatro semanários e de outras tantas sociedades de socorros mútuos eram alguns dos impedimentos para o progresso da “sociedade de cor”.³⁶² Ou seja, diferentemente de outros intelectuais negros, para Posadas a proliferação de jornais e instituições não significava avanço. Pelo contrário, esses elementos dispersos eram inconvenientes ao futuro progresso do grupo.

³⁵⁵ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁵⁶ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁵⁷ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁵⁸ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁵⁹ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁶⁰ Posadas utiliza o termo no sentido de indicar que a “sociedade de cor” era desunida.

³⁶¹ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁶² “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

Em suma, “La Hora de Trabajo” foi uma convocatória para que os afro-portenhos se reunissem em um só ponto, eliminando os elementos fracionários para alcançar a grande conquista.³⁶³ Posadas continua:

Uma sociedade de socorro bem fundada e melhor administrada é mais do que suficiente para satisfazer nossas necessidades.
Um jornal sério, de responsabilidade, que nos represente devidamente perante a opinião sensata do país, é o que precisamos.³⁶⁴

Assim como Rolón, Posadas também argumentava pela fundação de uma única sociedade que, sendo bem administrada, satisfaria as necessidades da “sociedade de cor”.³⁶⁵ A maioria dos que se alinharam às ideias de Zenón Rolón estavam de alguma forma ligados ao periódico *La Juventud*, como era o caso de Posadas. Portanto, *La Juventud* teve uma posição diferente de *La Broma* e outros jornais. Tanto que a comissão diretiva do semanário decidiu publicar o folheto do “inteligente cavalheiro” D. Zenón Rolón” na edição de 30 de junho de 1878.³⁶⁶ A justificativa para a publicação de *Dos palabras...*, era atribuída à série de verdades, “ainda que amargas, contidas no folheto”.³⁶⁷ Para *La Juventud*, havia chegado a hora de falar de forma honesta com a “sociedade de cor” e as lições de Rolón poderiam ser empregadas com bálsamo a suas dores cotidianas.³⁶⁸ No entanto, *La Juventud* advertia “os tolos, mimados e retrógrados” que o folheto de Rolón “os faria derramar mais do que uma lágrima”.³⁶⁹

3.4 *La Juventud* e o antagonismo entre Thompson e Rolón.

O editorial anterior que leva esse título [Zenón Rolón], produziu grandes sentimentos de alegria, tanto no sexo masculino quanto no feminino; e como prova disso, na segunda-feira de manhã na livraria Casavalle dez números foram vendidos e na confeitaria localizada na rua Artes y Charcas, quinze números foram vendidos até as cinco horas da tarde do dia indicado.
É a primeira vez que nos pontos indicados para a venda do

³⁶³ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁶⁴ Una sociedad de socorros bien fundada y mejor dirigida nos basta y sobra para satisfacer nuestras necesidades. Un periodico serio, de responsabilidad, que debidamente nos represente ante la opinion sensata del país, es lo que necesitamos. “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁶⁵ “La hora del trabajo”, *La Juventud*, 10 de febrero de 1878. p. 1.

³⁶⁶ “EL folleto”. *La Juventud*, 30 de junho de 1878. p. 4.

³⁶⁷ “EL folleto”. *La Juventud*, 30 de junho de 1878. p. 4.

³⁶⁸ “EL folleto”. *La Juventud*, 30 de junho de 1878. p. 4.

³⁶⁹ “EL folleto”. *La Juventud*, 30 de junho de 1878. p. 4.

periódico, têm uma saída surpreendente: já hoje a maioria se inclina para o irmão ausente e deprecia com orgulho quem aqui reside [...] O triunfo está além de qualquer dúvida.³⁷⁰

Em fins de junho de 1878, Gabino M. Arrieta, editor responsável do jornal *La Juventud*, viu impulsionadas as vendas da publicação. Conforme o seu diagnóstico, ao amanhecer de segunda-feira os leitores saíam de suas ocupações e se dirigiam aos pontos de vendas do *La Juventud* a procura do periódico. A explicação para toda essa ansiedade era que o *La Juventud* reproduzia pela primeira vez o folheto de Rolón, dessa vez com o título: “Dos palabras à mis hermanos de raza”. O informe feito por *La Juventud* toca em um ponto interessante, uma vez que, de acordo com o jornal, a “sociedade de cor” se inclinava para as ideias do irmão ausente, Zenón Rolón. Ao passo que “desprezava aquele que em Buenos Aires vivia”, supostamente nosso já conhecido Casildo G. Thompson.³⁷¹

No que concerne à alteração do título do folheto, Lea Geler ofereceu uma análise interessante dessa mudança de conceito de “casta por raça”.³⁷² Para autora:

o desenvolvimento do conceito de "raça" se deu com o surgimento de um mundo dividido entre colonizados e colonizadores no momento em que as tradições de pensamento sobre o outro transformavam-se em ideias “raciais”, múltiplas e mutáveis ao longo da história, sempre tendendo a estabelecer bases ideológicas válidas para determinar a legitimidade de uma ordem de dominação cada vez mais sólida.³⁷³

³⁷⁰ El editorial anterior que llevaba ese título, produjo grandes sensaciones de alegría, tanto en su sexo masculino como femenino; y en prueba de lo mismo, en Lunes de mañana en la librería de Casavalle se habían vendido diez número y en la confitería sita en la calle de Artes y Charcas, fueran vendidos quince números hasta las cinco de la tarde de día indicado. Es esta la primera vez que en los puntos indicados para la venta de periódico, hayan tenido una salida asombrosa: ya hoy la mayoría se inclina por el hermano ausente y deprecia con orgullo al que residindo acá, [...]. El triunfo, es fuera de toda duda. “Zenón Rolón”. *La Juventud*, 30 de junho de 1878. p. 4.

³⁷¹ “Zenón Rolón”. *La Juventud*, 30 de junio de 1878. p. 4.

³⁷² Em 2011, Norberto Pablo Cirio localizou em Florença duas cópias do folheto de Rolón, no qual o professor Gustavo Goldman enviou-me uma cópia. Até então o folheto de Rolón só era conhecido por sua reprodução em duas partes, no *La Juventud* (nos números 20, 30 de junho de 1878) em que, por razões desconhecidas, há algumas mudanças no texto, como as alteração da palavra casta por “raça”, incluída no título. Sempre houveram dúvidas entre os pesquisadores sobre qual era título original, dando origem a várias interpretações. Consultar: CIRIO, Norberto Pablo. *Black Skin, White Music: Afroporteño Musicians and Composers in Europe in the Second Half of the Nineteenth Century. Black Music Research Journal*, 35 (1): 23-40. Urbana Champaign: University of Illinois, 2015.

³⁷³ GELER, Lea. *Andares negros caminos blancos: afroporteños, estado y nación argentina a fines del siglo xix*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010.

Apropriando-se da visão de David Goldberg, Lea Geler enfatiza que o conceito de "raça" é uma das invenções centrais da modernidade do século XVI em diante que definiu as paisagens das relações sociais. Conforme enfatiza a autora:

embora a palavra "raça" estivesse presente ao longo da história desde muito antes da colonização, esse conceito era utilizado em um sentido teleológico e não no "científico" que se desenvolveria posteriormente, como forma de justificação desta nova ordem social baseado na escravidão.³⁷⁴

Em linhas gerais, os desenvolvimentos históricos das diferentes concepções de "raças" do mundo são complexos e têm variado ao longo do tempo, e nos lugares a partir dos quais eles são pensados. De acordo com Lea Geler, na América espanhola, a conquista inicial resultou na formação de uma rígida organização social que se chamou "regime de castas", no qual, porém, não havia divisão estrito em grupos consanguíneos. Havia alguma mobilidade social vertical e o sistema não desfrutava de uma sanção religiosa explícita. A sociedade de castas na América Latina era de tipo *sui generis*, mas foi criada pela transferência para o Novo Mundo da sociedade corporativa, hierárquica, baseada na Castilla do final da Idade Média, e imposta a uma situação colonial multirracial. Além do mais, segundo Geler, essa realidade colonial era caracterizada pela dicotomia de conquistadores e conquistados, senhores e servos ou escravos, e em segundo lugar, pelo cruzamento entre esses grupos opostos. Portanto, era inevitável que a estratificação e o status social estavam intimamente relacionados à divisão em grupos étnicos. Para a autora, a localização dos grupos étnicos existentes dentro da estrutura social hierárquica deu origem ao que foi engenhosamente chamado de "pigmentocracia". Mas esse sistema complexo pigmentocrático emergiu lenta e gradualmente.³⁷⁵

³⁷⁴ *Idem, ibidem*, p.187.

³⁷⁵ GELER, Lea. *Andares negros caminos blancos: afroporteños, estado y nación argentina a fines del siglo xix*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010.



Figura 20: Reprodução do folheto “Dos palabras à mis hermanos de casta”.
La Juventud, 30 de junho de 1878.

Em “Apuntes para la história”, artigo escrito por Gabino M. Arrieta e publicado no jornal *La Juventud* na edição de 20 de junho de 1878, o editor fez a seguinte ponderação: “Ao lado do retrato político-social de Zenón Rolón, não podemos colocar o de Casildo G. Thompson; não se completam”.³⁷⁶ Indicando que não havia possibilidade de Thompson e Rolón compartilharem o mesmo espaço de ação dentro da “sociedade de cor”, Gabino M. Arrieta evidencia mais uma vez as dissidências existentes entre os intelectuais negros.³⁷⁷ Contudo, Arrieta que era abertamente adepto das ideias de Rolón, esboçou em seu texto as diferenças entre aquele que vivia longe de sua pátria, ou seja Zenón Rolón, e aquele que residia em Buenos Aires, Casildo G. Thompson.³⁷⁸

Encontrando-se no estrangeiro, Rolón era visto por Arrieta como um grande homem que deveria ser reverenciado por lutar em defesa de seus “irmãos de cor”, Rolón era um homem digno, distinto, que oferecia soluções sociais e políticas para seus semelhantes.³⁷⁹ No artigo, Arrieta aproveita para reforçar que Rolón tinha um espírito de ordem, de modo que se colocava à altura de grandes homens que buscaram seu o triunfo pessoal e também coletivo. Rolón batalhava pelo direito de igualdade, “buscando por uma revolução moral em toda sua complementariedade”.³⁸⁰ De acordo com Gabino M. Arrieta, Zenón Rolón, era admirado pela sua simpatia, vivia distante

³⁷⁶ “Apuntes para la história”. *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁷⁷ “Apuntes para la história”. *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁷⁸ “Apuntes para la história”. *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁷⁹ “Apuntes para la história”. *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸⁰ “Apuntes para la história”. *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

dos partidos e não subordinava suas convicções.³⁸¹

Ao tecer loas ao músico que vivia no exterior, Arrieta aproveitava para atacar Casildo G. Thompson que também era músico e vivia em Buenos Aires. Para o editor responsável do *La Juventud*, não existiam pontos de contatos entre Rolón e Thompson, uma vez que Thompson vivia no seio da mãe pátria e sua vida política era marcada pelo comprometimento com os caudilhos.³⁸² Ao se expressar sobre o papel de Thompson diante da imprensa, Arrieta não economizou críticas. Enfatizava que Thompson "nada fez para ensinar clemência e fraternidade aos seus irmãos, ensinava a si mesmo, dirigindo todos os atos para a satisfação de seu ego".³⁸³ Arrieta continuava, dizendo que "Thompson, é um aspirante à glória individual, atuando na imprensa "não pensou por uma hora em esclarecer as massas sobre seus verdadeiros direitos e obrigações, a fim de torná-los capazes de exercer a cidadania, infundir-lhes a dignidade de homens livres".³⁸⁴ Por fim, para Gabino M. Arrieta, Casildo G. Thompson era um sujeito que se considerava o centro de todo interesse da "coletividade de cor". Portanto, o narcisismo é o que o definia sua personalidade.³⁸⁵

Casildo G. Thompson fora completamente reprovado pelo *La Juventud* e seus colaboradores. Nem seu poema "Canto al Africa" escapou às críticas do periódico:

Os poemas ou canções de Casildo G. Thompson garantem os direitos inerentes ao cidadão? - Nossa comunidade pode se transformar em uma grande fábrica de felicidade social? Eles terão grande virtude, como o trabalho da civilização; unificar, reunir todos os átomos dispersos que experimentam dor, de que forma perpetuar a grande unidade que dia a dia se torna mais necessária?³⁸⁶

Vimos no capítulo anterior que o "Canto al Africa" de Casildo G. Thompson teve grande repercussão entre os afro-portenhos e foi recebido de forma positiva no interior do grupo. Lembramos, neste sentido, a crítica feita por Manuel G. Posadas sobre a forma e conteúdo da poesia de Thompson.³⁸⁷ Distintivamente de Thompson,

³⁸¹ "Apuntes para la história". *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸² "Apuntes para la história". *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸³ "Apuntes para la história". *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸⁴ "Apuntes para la história". *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸⁵ "Apuntes para la história". *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸⁶ Los poemas ó cantos de Casildo G. Thompson, han de garantimos los derechos inherentes del ciudadano?—Podrá transformar la nuestra comunidad en una grande fabrica de felicidad social? Tendran ellos la gran virtud, á semejanza de la obra de la civilizacion; para unificar, reunir todos atomos dispersos que esperimentan dolor , para de cuyo modo perpetuar la gran unidad que dia á dia se hace mas necesaria? "Apuntes para la história". *La Juventud*, 20 de junio de 1878. p. 1.

³⁸⁷ "Las poesias del joven Thompson" *La Juventud*, 10 de junio de 1878. p. 1- 2.

Zenón Rolón, no prefácio de seu folheto, afirma que não tinha como intenção oferecer à “sociedade de cor” um texto erudito.³⁸⁸ Longe disso, seu desejo era de que, por meio de algumas páginas, ele conseguisse apresentar e discutir os entraves ao progresso moral e social dos “homens de cor” de Buenos Aires. Todavia, Rolón não se furtava em apresentar soluções ao grupo, e por meio de cartas trocadas com representantes do *La Juventud*, explicou-se sobre as direções que a “sociedade de cor” deveria seguir.

3.5 A Correspondência.

Em 1879 o clima era mais calmo se comparado com o momento de publicação e chegada do folheto de Zenón Rolón a Buenos Aires. Apesar disso, o retorno do músico e compositor era esperado tanto por seus simpatizantes, como também por seus acusadores. Preocupado com a situação atual de seus pares, mas, também alarmado devido a repercussão de seu folheto, Zenón Rolón se comunicava por cartas com o editor do *La Juventud*, Gabino Marcelo Arrieta. A troca de correspondências realizada entre fins de 1878 e o início de 1879, veio a público seis meses depois quando Benjamin Ramos, diretor de *La Juventud*, enviou à comissão diretiva do *La Broma* trechos das cartas que foram publicadas no periódico.

De maneira jovial, Rolón respondeu a carta de Arrieta que possuía incontáveis elogios ao músico. Logo em seguida, a emoção de Rolón foi substituída por um temor, que em suas palavras, só aumentava conforme se aproximava o dia de seu retorno ao país.³⁸⁹ Graças a Benjamin Ramos que conseguia lhe enviar alguns números do periódico, Rolón estava entre os leitores do *La Juventud*. Porém, ao se corresponder com os editores do periódico, o maestro não minimizava suas críticas à “sociedade de cor”. Inclusive, nas cartas ele aproveitou para tocar em alguns pontos que estavam ausentes em seu folheto, entre eles o papel da imprensa e das mulheres diante da comunidade.³⁹⁰

Ao ter contato com os redatores do *La Juventud*, Rolón obteve informações sobre a agitação que seu folheto tinha causado, sobretudo entre os afro-portenhos. Rolón aproveitava o contato com a direção do *La Juventud* para reforçar sua crítica a

³⁸⁸ Essa afirmação é feita pelo próprio Zenón Rolón. Ver: ROLÓN, Zenón. Dos palabras à mis hermanos de casta. p. 3.

³⁸⁹ “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

³⁹⁰ “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

algumas práticas e costumes que, em seu entender, atrapalhavam o progresso da “sociedade de cor”.³⁹¹ Convicto de suas reflexões, o músico pregava uma melhora no interior do grupo. Em suas palavras: “Quando penso no que somos e no que poderíamos ser, gostaria que fosse possível em um dia, em uma hora, [...] poder colocar nossa raça em primeiro lugar do progresso”.³⁹² Ao relacionar “raça” e “progresso”, Rolón operava de forma parecida com W.E.B Du Bois, quando esse residiu por um tempo na Alemanha. Segundo Paul Gilroy, a estadia na Europa fez com que o intelectual afro-americano transformasse seu entendimento de “raça” e o lugar desse conceito no mundo moderno.³⁹³ Embora essa pesquisa não tenha a pretensão de descortinar os efeitos e as transformações que os tempos no velho continente causaram no entendimento de Zenón Rolón sobre “raça”, frases como “colocar nossa raça em primeiro lugar do progresso”, evidenciam os possíveis impactos que a permanência na Itália poderia ter provocado no maestro.

A ideia de “raça” e “progresso” também era compartilhada pelos periódicos da “sociedade de cor” e desenvolvida diante de um sentimento transnacional. Com certa frequência os jornais faziam menções a outras comunidades negras existentes fora da Argentina, sobretudo as do Uruguai. Ainda que não sendo muitas, é possível notar um sentimento diaspórico entre os afro-portenhos com africanos e seus descendentes que viviam no Brasil. Esse vínculo estabelecido de forma indireta tinha como questão a articulação do progresso da “raça”.³⁹⁴ Foi nesse sentido que *La Juventud* fez o seguinte comentário sobre a situação de africanos e seus descendentes que viviam no Brasil:

O vizinho império é o país sul-americano, onde a raça africana e seus descendentes foi mais disseminada. Como, então, podemos permanecer surdos e indiferente ao ouvir o grito lamentoso de nossos irmãos, muitos dos quais ainda gemem sob o açoite do senhor, sujeitos às mais rigorosas privações, ainda que com o escândalo do resto da humanidade?³⁹⁵

³⁹¹ “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

³⁹² cuando pienzo lo que somos y lo que podriamos ser, quisera que fuese posibles en un día, en una hora retroceder á los tantos años transcurros ociosos, para poder colocar nuestra raza en el primer puesto del progreso. “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

³⁹³ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.

³⁹⁴ Le Geler cita outros elementos que caracterizavam esses vínculos. Por exemplo, para autora é necesario levar em consideração as guerras em que o Brasil lutou como aliado da Argentina. GELER, Lea. op. cit., p. 208.

³⁹⁵ El vecino imperio es el país Sudamericano, en donde más se encuentra diseminada la raza Africana y su descendencia. ¿Cómo pues, permanecer sordos e indiferentes al escuchar el clamor lastimero de

No caso de Zenón Rolón e seu folheto, ao elaborar uma identidade sul-americana, o maestro tinha o seguinte entendimento sobre a situação do negro no Brasil: “No início de minha dissertação eu disse a vocês que mesmo depois de meio século da grande revolução, oprimimos nossos irmãos no Brasil e que se eles estão naquele estado, a culpa é nossa”.³⁹⁶ Rolón continua:

Sim, a nossa culpa é, porque se fôssemos mais unidos e laboriosos, haveria meios de resgatar os nossos irmãos e com os direitos de um homem cosmopolita e civil, mandando súplicas a esses cidadãos brasileiros, de ânimo gentil e livre de opinião., influenciar [sic] junto a esse governo para que este restituia [sic] aquela dívida que foi apropriada impunemente; isto é, [sic] a liberdade daquela parte de nossa casta.³⁹⁷

Voltando a correspondência entre Rolón e Arrieta, outro ponto a ser considerado, é que Rolón reforçava o coro daqueles que acreditavam que a proliferação de jornais no interior da “sociedade de cor” não contribui tanto para o avanço do grupo. Ele acreditava que o fato de terem mais de um periódico circulando entre os afro-portenhos, dificultava a união da “sociedade de cor”.³⁹⁸ Foi a partir desse ponto que Rolón confessou a Arrieta seu entendimento do que deveria ser um jornal correto para o grupo. Este deveria “ser reformulado, dando prova da responsabilidade de seus redatores”, explicava o autor sobre a missão que *La Juventud* deveria desempenhar.³⁹⁹

Desse modo, a reforma consistia em fazer com que o periódico adquirisse uma respeitabilidade maior em razão de sua grandeza. Para tanto, os redatores do *La Juventud* não deveriam mais permitir espaço para assuntos irrelevantes. Por exemplo, os conteúdos humorísticos, “aquelas velhas normas que há em todos os jornais

nuestros hermanos, muchos de los cuales gimen aún bajo el látigo del amo, sujetos a las más rigurosas privaciones, si bien con escándalo del resto de la humanidad? El Brasil. *La Juventud*. 7 de enero de 1879. p. 1.

³⁹⁶ ROLÓN, Zenón. Dos palabras a mis hermanos de casta. p. 13.

³⁹⁷ Sí, nuestra es la culpa, porqué si fuésemos más unidos é industriosos, se habria habido el medio de rescatar á nuestros hermanos y con los derechos de hombre cosmopolita y civil, enviar súplicas á aquellos ciudadanos brasileiros, que gentiles de ánimo y libres de opinion, influiesen [sic] cerca ese gobierno á fin que él restituie se [sic] aquella deuda que impunemente se ha apropiado; es decir [sic] la libertad de esa parte de nuestra casta. p. 13.

³⁹⁸ “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

³⁹⁹ “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

fundados entre nós”, frisava Rolón.⁴⁰⁰ Caso os redatores de *La Juventud* insistissem com a permanência de uma coluna mais jocosa, essa teria que ser apenas ilustrativa, no sentido de trazer orientações à “sociedade de cor”.⁴⁰¹ Zenón Rolón lamentava os casos reais de amor publicados nas seções específicas dos jornais. Em seu entendimento, aquelas histórias recheadas de romances não traziam nenhum benefício aos leitores dos periódicos, pois não faziam outra coisa além de “empanar os preciosos corações da mocidade”.⁴⁰² Para Rolón, as histórias reais de amor não eram interessantes, e ele explicava os motivos à Arrieta:

Eu, querido Arrieta, sou de opinião que, quando se ama, o amor deve viver escondido nas entranhas do ser porque é a essência divina da vida; porque o amor sublima o homem e o coloca em contato com seu Criador e, portanto, não deve ser um passatempo para os outros, muito menos, um objeto para preencher colunas de um diário.⁴⁰³

De acordo com Zenón Rolón, o periódico deveria passar por mudanças significativas. As colunas deveriam abrir espaço aos grandes escritores, como as de José Mármol.⁴⁰⁴ Um dos objetivos do jornal seria educar as mulheres, publicando textos, fictícios ou não, com intuito de transmitir a elas os valores morais e consequentemente potencializando sua missão.⁴⁰⁵ Aos jovens da “sociedade de cor”, o periódico deveria promover interesse falando sobre as ciências, as artes “e as ações práticas da vida social e industrial”.⁴⁰⁶ Trazer as descrições das vidas de homens ilustres colaborava para que aqueles jovens imitassem a vida das grandes personalidades.⁴⁰⁷ De acordo com Rolón, essa seria a missão do *La Juventud*, tornando-se um verdadeiro semanário instrutivo, uma propaganda benéfica ao grupo e prontamente vingaria seus opositores.⁴⁰⁸

O folheto de Rolón despertou reações positivas e negativas no interior da

⁴⁰⁰ “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰¹ “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰² “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰³ Yo, querido Arrieta, soy del parecer que cuando se ama, el amor debe vivir escondido en las entrañas del ser porque es, la esencia divina de la vida; porque el amor sublima a hombre y lo pone en contacto con su Creador y por consiguiente, no debe ser pasatiempo para otros, mucho menos, objeto para llenar columnas en un diario. “El señor Rolón”. *La Broma*, 20 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰⁴ José Pedro Crisólogo Mármol (1817-1871}. Poeta, periodista e político argentino. “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰⁵ “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰⁶ “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰⁷ “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

⁴⁰⁸ “El señor Rolón”. *La Broma*, 27 de julio de 1879. p. 1- 2.

“sociedade de cor” a qual não era homogênea, de modo semelhante a outros grupos no país. Por esse motivo, o folheto promoveu a discussão sobre qual seria a explicação para a situação dos negros na Argentina. Ao passo em que um grupo discordava de Rolón se defendendo dos ataques do maestro, outros intelectuais negros concordavam com o folheto responsabilizando as condutas de homens e mulheres negros nas últimas décadas do século XIX, como o real motivo da sua presente situação. Contudo, Zenón Rolón e seu folheto devem ser compreendidos dentro do “dilema argentino”, isto é, diante da dicotomia entre “civilização e barbárie” que ganhava força na segunda metade do século XIX. Recorrendo às explicações de Maristela Svampa, Stella Franco interpreta que os viajantes latino-americanos estabeleceram diálogos com mundo letrado europeu. Ainda que de maneira seletiva esses viajantes apropriaram-se e reproduziram as ideias daqueles que eles entendiam como “evoluídos”.⁴⁰⁹ Por conseguinte, a experiência no exterior, vista como uma maneira de adquirir valores “civilizados”, foi internamente projetada pelos latino-americanos em detrimento daqueles que não tiveram a oportunidade de se “refinar” na Europa. Nessa lógica, é possível pensar que ao se reinventar como um novo “homem de cor”, Rolón entendia a si próprio como mais “civilizado” quando comparado com os homens e mulheres que integravam a “sociedade de cor” de Buenos Aires. Essa parece ter sido a circunstância sobre os embates na imprensa afro-portenha em relação a Zenón Rolón e seu folheto.

Para concluir, é interessante observar que, em 03 de setembro de 1879, ao empregar o pseudônimo de Romeo, nosso já conhecido Froilán P. Bello utilizou-se das páginas do periódico *La Broma* para desejar boas vindas a Zenón Rolón que tinha acabado de retornar da sua longa estadia na Europa:

Nosso ilustre amigo, o jovem Zenón Rolón, está entre nós, depois de uma longa jornada para fazer alguns estudos de arte musical no velho continente.

Saudamos o amigo com toda a sinceridade de nossa alma.

Fomos os primeiros a criticar as ideias expostas no seu folheto intitulado “A mis hermanos de casta” e, felizmente, temos que ser os primeiros a saudá-lo individualmente, pois acalentamos a crença de que refutamos dentro dos limites desse decoro e prudência, que exigem de a não ofensa ao indivíduo, nem desconsiderar os próprios sentimentos de cada um.

⁴⁰⁹ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e Relatos: Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018.

Rolón expôs suas idéias professando princípios, em nosso conceito, errados, usamos nossa fraqueza natural e a manifestamos como amigos.

Isso nos parece o mais prudente.

No entanto, tivemos o prazer de conversar longas horas com o jovem amigo e constatamos que as suas idéias foram ligeiramente modificadas, que não são tão impraticáveis nem tão retrógradas como as apresentadas no seu folheto.

Nada podemos dizer sobre suas obras, ainda não tivemos o prazer de admirá-las.

Faremos nosso julgamento, imparcialmente, quando elas nos forem apresentadas.

Entretanto, caro amigo, os nossos mais sinceros e desinteressados parabéns.⁴¹⁰

Não sabemos se houveram alterações entre os dois grupos que aguardavam a chegada de Zenón Rolón no porto de Buenos Aires. Todavia, ainda que em tom amigável utilizando o pseudônimo de Romeo, Froilán P. Bello não deixa de mencionar em seu artigo os inconvenientes que o folheto do recém retornado tinha causado no seio da “sociedade de cor”. No artigo, Froilán Bello menciona que após horas de conversas com Zenón Rolón, esse reexaminou seus conceitos a respeito do grupo. Embora não possamos afirmar se foi por se sentir intimidado ou finalmente convencido do progresso da “sociedade de cor”, fato é, que segundo Froilán, o maestro reviu seu posicionamento. O que não nos deixa dúvida é que de volta a Buenos Aires, a imprensa negra não mencionou o folheto. Assim, os jornais seguiram cobrindo as atividades do músico que, como vimos, começava a desfrutar de uma carreira de sucesso na Argentina.

⁴¹⁰ Nuestro distinguido amigo el joven Zenón Rolón, se encuentra entre nosotros, después de un largo viaje hecho en fin de hacer algunos estudios del arte musical en viejo continente.

Saludamos al amigo con toda la sinceridad de nuestra alma.

Hemos sido los primeros en criticar atrancado las ideas expuestas en su folleto titulado “A mis hermanos de casta”, y felizmente, nos toca ser los primeros en saludarlo individualmente, porque abrigamos la creencia de que refutar dentro de los límites que el decoro y prudencia lo exigen nos es ofender al individuo, ni desconocer los sentimientos propios de cada uno.

Rolón ha expuesto sus ideas professando principios, en nuestro concepto, equívocos, usamos de nuestra natural fraqueza y se lo manifestamos como amigos.

Esto, nos parece lo más prudente.

Sin embargo, hemos tenido el placer de hablar largas horas con el joven amigo y vemos que sus ideas se han modificado un tanto, que no son tan impracticables ni tan retrógradas como las expuestas en su folleto. Respecto de sus obras no podemos decir nada, aun no hemos tenido el placer de admirar ninguna.

Emitiremos nuestro juicio, imparcialmente, cuando hayamos pasado vista por ellas.

Mientras tanto, reciba el buen amigo, nuestra más sinceras y desinteresadas felicitaciones. Zenón Rolón. *La Broma*, 03 de septiembre de 1879. p. 1- 2.

Considerações finais.

O diarismo na Argentina expandiu-se depois da queda de Juan Manuel de Rosas, incluindo setores da sociedade que não faziam parte da elite do país, sendo a “sociedade de cor” de Buenos Aires, um exemplo. A imprensa elaborada pelos afro-portenhos teve seu surgimento em 1858, com a circulação de *La Raza Africana* e, posteriormente, com *El Proletario*. Contudo, atingiu seu ponto mais alto entre os anos de 1877 e 1880. *La Broma*, *La Juventud* e *de La Perla* tiveram uma vida mais longa que os demais periódicos elaborados pela “sociedade de cor”, em Buenos Aires. Esses periódicos seguiam o modelo da maioria dos jornais da época. A imprensa elaborada pela “Sociedade de cor” serviu como um foro de discussão aberto, nos jornais, também é possível encontrar várias notificações de eventos que foram desenvolvidos por representantes dos periódicos.

Froilán Bello, Casildo G. Thompson, Ernesto Mendizábal, Zenón Rolón e outros periodistas e representantes dos jornais, foram muito atuantes esforçando-se para que suas vozes fossem ouvidas, denunciando as contrariedades de uma sociedade republicana que se construía. Por meio dessas publicações os intelectuais negros protagonizaram a história dos descendentes de africanos na Argentina, através da disciplina e educação, tentavam regenerar uma comunidade que deveria distanciar-se de um passado que lhes causava vergonha. Foi dentro dessa perspectiva que Santiago Elejalde elaborou por meio de seu folheto, discursos nos quais o ponto principal era enfatizar as mudanças necessárias para que a “sociedade de cor” ingressasse no caminho do progresso.

Os intelectuais negros também compreendiam que o periodismo e a vida associativa correspondiam à corrida pela civilização. Diante dessa perspectiva, as instituições criadas pelos afro-portenhos foram importantes no sentido de cimentar e tornar visível a participação dos descendentes de africanos no momento que o país se organizava como nação, para isso, as associações afro-portenhas desenvolviam estratégias com intuito de afastar a “sociedade de cor” da “barbárie”. A Sociedad Fomento de Bellas Artes, e as conferências literárias nas quais Elejalde apresentou oralmente alguns textos que integram seu folheto, e Casildo G. Thompson leu o “Canto al Africa”, tinha como objetivo divulgar a cena literária de uma parcela de intelectuais negros residentes em Buenos Aires. Consequentemente, a opção pela Sociedad Fomento de Bellas Artes em detrimento da realização de uma escola para “meninos de

cor”, indica o esforço dos intelectuais negros em apresentar à sociedade argentina um novo “sujeito negro”. Ao se associarem às instituições literárias e exporem seus textos por meio das conferências, do ponto de vista dos intelectuais negros, tais ações os ajudavam a se distanciarem dos estereótipos, geralmente associados à “comunidade de cor” naqueles anos.

Por meio do folheto escrito pelo maestro e intelectual afro-portenho Zenón Rolón, foi possível observar os impactos da viagem à Europa em sua vida e, com efeito, sua mudança de percepção sobre a “sociedade de cor”. Assim como os jornais afro-portenhos, o folheto “*Dos Palabras à mis hermanos de casta*” evidenciam o esforço de intelectuais negros em direcionar a “sociedade de cor” colocando-a no caminho da cidadania, disciplinando, educando, civilizando para regenerar uma “raça” que deveria distanciar-se de uma vez por todas do atraso.

Fontes e referências.

Jornais e periódicos

La Raza Africana 1858.

El Proletario 1858.

La Broma 1876 - 885.

La Juventud 1876 - 1879.

El Unionista 1877 - 1878.

La Perla 1878 -1879.

La Luz 1878.

El Aspirante 1882.

ELEJALDE, Santiago. *Trabajos leídos en las conferencias celebradas por la sociedad “Fomento de Bellas Artes”*. Imprenta del “ El Economista”. Buenos Aires, 1878.

THOMPSON, Casildo G. “Canto al Africa”. Publicado no *Almanaque del Progreso con ilustraciones para 1881 (1880: 71-76)*.

ROLÓN, Zenón. 1877. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. Florencia: Tipografía Fioretti. Simpson, Máximo. 1967. Porteños de color. *Panorama* 49: 78-85. Junio.

Referências bibliográficas.

ACREE, William G. BORUCKI, Alex. *Jacinto Ventura de Molina y los caminos de la escritura negra en el Río de la Plata*. Montevideo. Librería Linardi y Risso. 2008.

ALBERTO, Paulina L. El Negro Raúl: Lives and Afterlives of an Afro-Argentine Celebrity, 1886 to the Present. *Hispanic American Historical Review*, n. 96 (4) p. 669-710, 2016.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDREWS, George Reid. *Los afroargentinos de Buenos Aires*. Buenos Aires: De La Flor, 1989.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

BORUCKI, Alex. “Las rutas brasileñas del tráfico de esclavos hacia el Río de la Plata, 1777-1812”. *Ponencia presentada en el IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba. 13 al 15 de mayo.

BUTLER, Kim D. DOMINGUES, Petrônio. *Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo. Perspectiva. 2020.

_____. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.

CANDIOTI, Magdalena. *Una historia de la emancipación negra: Esclavitud y abolición en la Argentina*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires, 2021.

CARULA, Karoline. *Darwinismo, Raça e Gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870 - 1889)*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2016.

CASTRO, Cristián: «Exploraciones para una historia transnacional de la afromodernidad en América. Chicago y Sao Paolo, 1900-1940», en Hib. *Revista de Historia Iberoamericana*, vol. 3, núm. 1, 2010, 33-49.

CHAMOSA, Oscar. *Asociaciones africanas de Buenos Aires de 1823-1880: Introducción a la sociabilidad de una comunidad imaginada*. (Tese), Universidad Nacional de Luján, Departamento de Ciencias Sociales, 1995.

CIRIO, Norberto Pablo. *Black Skin, White Music: Afroporteño Musicians and Composers in Europe in the Second Half of the Nineteenth Century*. *Black Music Research Journal*, 35 (1): 23-40. Urbana Champaign: University of Illinois, 2015.

_____. Indización de los periódicos afroporteños (1858 a principios del siglo XX) *Revista Electrónica de Fuentes y Archivos (REFA) Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segreti” Córdoba (Argentina)*, año 12, número 12, 2021, pp. 30-70.

_____. *Tinta negra no gris del ayer: los afroporteños a través de sus periódicos entre 1873 y 1882*. Buenos Aires: Teseo, 2009.

CLIFFORD, James. Culturas viajantes In: ARANTES, Antonio A. (org.) *O espaço da diferença*. São Paulo: Papyrus Editora, 2000.

COSTA, Laura Malosetti. *Los Primeros Modernos: arte y sociedad en Buenos Aires a fines del siglo xix*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

DIAZ, Cesar L. “Los negros porteños, también hicieron periodismo”, *Revista de Historia Bonaerense* 16, p. 13-15.

DORATIOTO Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo. Companhia das Letras, 2002.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. São Paulo: Lacerda, 1999.

FERREIRA, Ligia Fonseca. *Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

FERRERAS, Norberto Osvaldo. *O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)*. Niterói: Eduff. 2006.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e Relatos: Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018.

FREGA, Ana; BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. “Esclavitud y abolicion en el Río de la Plata en tiempos de revolución y república”. In: *Memorias del Simposio - La ruta del esclavo en el Río de la Plata: su historia y sus consecuencias*. Montevideú: UNESCO, 2005, p. 117-150. PERRI, Gladys. “De la esclavitud a la libertad. La participación de los esclavos bonaerenses en el proceso de emancipación” Seminario Estudios sobre la cultura afrorioplatense Historia y Presente, Montevideo, 2003.

GALLO, Ezequiel. *A Argentina: Sociedade e Política, 1880-1916*. (Org). BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume V. de 1870 a 1930*. Edusp. 2002.

GELER, Lea. *Andares negros caminos blancos: afroporteños, estado y nación argentina a fines del siglo xix*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010.

_____ (2008). “Guardianes del progreso. Los periódicos afroporteños entre 1873 y 1882”. *Anuario de Estudios Americanos*, nº 65. Sevilla, España, pp. 1922-6. URL: <http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/102/107>.

_____ (2008). “Los afroporteños y la ley del servicio doméstico de 1881-1882: luchando contra la “ley del embudo””. En Dalla Corte, G.; García Jordán, P.; et

al. (coords.). *Poder local, poder global en América Latina*. Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, p. 265-278.

_____. "Nuestro sexo está de pie": Voces afrofemeninas en la Buenos Aires de 1876-78. *Revista Claroscuro*, n. 6 (2007).

_____. (2005). "Negros, pobres y argentinos. Identificaciones de raza, de clase y de nacionalidad en la comunidad afroporteña, 1870-1880". *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos*, nº 4. L'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de París, Francia: <http://nuevomundo.revues.org/449>.

_____. ¿"Otros" argentinos? Afrodescendientes porteños y la construcción de la nación argentina entre 1873 y 1882. Barcelona, Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona. 2008, p.85-150. Diposnível: <http://www.tdx.cat/TDX-0915108-114404/>. Acesso em: Junho de 2020.

GHIDOLI, María de Lourdes. "Bello, Froilán Plácido." *Oxford African American Studies Center*. 30 Sep. 2016. Disponível em: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>

_____. *Estereotipos en negro: Representaciones y autorrepresentaciones visuales de afroporteños en el siglo XIX*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2016.

GHIDOLI, María de Lourdes. Posadas,"Manuel." *Oxford African American Studies Center*. 30 Sep. 2016. Disponível em: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

_____. "Rolón, Zenón." *Oxford African American Studies Center*. 30,Sep.2016;.Disponívelem: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em: 15 Fevereiro de 2020.

_____. "Thompson, Casildo Gervasio". *Oxford African American Studies Center*. 30 Sep. 2016. Disponível em: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>

- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.
- GLEDHILL, Sabrina. *Travessias no Atlântico Negro: Reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino*. EDUFBA, 2020.
- GODOI, Rodrigo Camargo de. Cor e política no Segundo Reinado: o editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro (1840-1850) In: *Pensadores Negros - Pensadoras Negras, Brasil, século XIX e XX*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço. 2016.
- GOLDMAN, Gustavo. *Negros Modernos: asociacionismo político, mutual y cultural en Rio de la Plata a fines del siglo XIX*. Montevideu: Perro Andaluz Ediciones, 2019.
- GORTÁZAR, Alejandro. “La Sociedad de color em papel”: La Conservación y El Progresista dos semanarios de los afro-uruguayos. *Revista Iberoamericana*, vol. LXXII, Núm. 214, enero – marzo 2006, 109-123.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Modernidades negras: A formação racial brasileira (1930-1970)*. Editora 34. São Paulo. 2021.
- GUZMÁN, Florencia. GELER, Lea. FRIGERIO, Alejandro. *Cartografías afrolatinoamericanas: Perspectivas situadas desde la Argentina*. Buenos Aires. Editorial Biblos. 2016.
- HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. América Hispânica branqueia a raça – leis (não) escritas de branqueamento e mestiçagem. In: *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis* [online]. Translated by Arivaldo Santos de Souza and Luciana Carvalho Fonseca. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 31-52. <https://doi.org/10.7476/9788523220150.0004>.
- LEVINE, Robert S. *The Black Press: New Literary and Historical Essays*. 2001. Edited by Todd Vogel.
- LEWIS, Marvin A.. *El Discurso Afroargentino: otra dimensión de la diáspora negra*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2010.
- LOBATO, Mirta Zaida. *La Prensa Obrera*. Buenos Aires: Edhasa, 2009.
- MALATIAN, Teresa. *O Cavaleiro Negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda, 2015.

- MARTIN, Gerald. Literatura, Música e a Arte da América Latina, 1870-1930 (Org).
 BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume IV*. de 1870 a 1930. Edusp.
 2002.
- MATTOS, Hebe Maria & RIOS, Ana Maria. “O pós-abolição como problema histórico:
 balanços e perspectivas”. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro: PPGH-UFRJ- Sete
 Letras, vol. 5, n. 8, jan. jun. 2004.
- MORALES. Orlando G. CABALLERO, Luis César. Lorenzo Barcala: ¿Esclavo, “Hijo
 De La Revolución” y “Civilizador De Masas”? Una Discusión De Las Mitificaciones
 Historiográficas De Los Afroargentinos. *Revista Tiempo Histórico*, Santiago-Chile.
 Año 9, n.16, enero - junio 2018, p. 39-59.
- MUDIMBE, V.Y. *A invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*.
 Editora Vozes. São Paulo. 2019.
- NARI, Marcela A. "Conflicto social, maternidad y 'degeneración de la raza'". In:
 FLETCHER, L. (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos
 Aires: Feminaria, 1994. p. 207-216.
- ODERIGO, Nestor Ortiz. *Esquema de la música afroargentina*. EDUNTREF. 2008.
 _____ . Rostro del bronce. Músicos negros de ayer y de hoy. Buenos Aires,
 Argentina: Compañía General Fabril Editora, 1964.
- PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da
 Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- PINTO. Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade. Literatos negros, racismo e
 cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2018.
 _____ . *Imprensa negra do Brasil no século XIX*. Brasília. Selo Negro,
 2010.
- POTTER, Vilma Raskin. *A Reference Guide to Afro-American Publications and
 Editors, 1827-1946*, Ames, Iowa State University Press, 1993.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *A América Latina do Século XIX*. Tramas, Telas e
 Textos. São Paulo: ESUSC/EDUSP, 1999.
- QUESADA, Ernesto. “El periodismo argentino (1877 – 1883)”, en *Nueva Revista de
 Buenos Aires*, año 3, tomo 9, p. 72-101
- QUIRÓS, Pilar González de. Civilidad y política em los Orígenes de la Nación
 Argentina. Las sociabilidades em Buenos Aires, 1829-1862. Buenos Aires: Fondo de
 Cultura Económica. 2001.

- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.
- SABATO, Hilda. *Buenos Aires en armas. La revolución de 1880*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.
- _____. *Historia de la Argentina 1852-1890*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.
- _____. *La política en las calles: entre el voto y la movilización. Buenos Aires, 1862-1880*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonías de razas en América*. pp. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/conflicto-y-armonias-de-razas-en-america--0/>. Último acesso, Julho de 2021.
- _____. *Facundo: ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- SCOBIE, James. *Buenos Aires del centro a los barrios, 1870 – 1910*. Buenos Aires: Solar Hachette. 1977.
- _____. O crescimento das Cidades latino-Americanas, 1870-1930. (Org). BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume V. de 1870 a 1930*. Edusp. 2002. p. 251
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil- Uruguai no pós-abolição (1870-1960)* Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.
- SILVA, Natania Neres da. *Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch*. Dissertação de Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2019.
- SOLOMIANSKI, Alejandro. *Identidades Secretas: la negritud argentina*. Rosário. Beatriz Viterbo Editora, 2003.
- TIEDE, Livia Maria. *Sob Suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Departamento de História: Campinas, 2006.

TOLEDO, Maria Helena M. Maria Firmina dos Reis: Invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VAN DIJK, Teun A. (Org.) *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

WASHINGTON, Booker. T. The educational outlook in the south. In: *Negro social and political thought*. New York: Basic Books, 1966.

WASSERMAN, Fabio. A liberdade de imprensa e seus limites: imprensa e poder político no Estado de Buenos Aires durante a década de 1850. *Almanack Braziliense*. São Paulo, nº10, p. 130-146, nov. 2009.

WEST, Cornel. “The dilemma of the Black Intellectual”. In. *The Cornel West: reader*. Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315. (Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza).